



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

**O COMPORTAMENTO DOS VERBOS EXPERIENCIAIS E
BENEFICIÁRIOS PERANTE A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-ERGATIVA:
A FREQUÊNCIA DE USO DO CLÍTICO *SE*, AS REALIZAÇÕES
MORFOLÓGICAS E OS ITENS LEXICAIS**

Carolina Dias Cunha

Belo Horizonte
2010

Carolina Dias Cunha

**O COMPORTAMENTO DOS VERBOS EXPERIENCIAIS E
BENEFICIÁRIOS PERANTE A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-ÉRGATIVA:
A FREQUÊNCIA DE USO DO CLÍTICO *SE*, AS REALIZAÇÕES
MORFOLÓGICAS E OS ITENS LEXICAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva
Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística
Orientadora: Profa. Dra. Evelyne Dogliani

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus agradecimentos à Profa. Evelyne Dogliani, que desde 2005 contribui significativamente para meu crescimento acadêmico. Do embrião deste projeto, através da monografia de conclusão de curso, à dissertação propriamente finalizada, foram anos de trabalho, pesquisa e conhecimento.

Obrigada aos professores do curso de pós-graduação em estudos linguísticos que tanto contribuíram para minha formação acadêmica: Jânia Ramos, Maria Antonieta Cohen e César Nardelli. Um agradecimento especial para o professor José Olímpio de Magalhães que, apesar de não ter sido meu professor nesta etapa acadêmica, sempre torceu pelo meu sucesso desde a graduação.

Aos colegas que sempre me deram muito apoio ao longo desta jornada: Neffer Luiza, Ana Paula Teixeira e Joviano dos Santos. À colega Gabriele Carvalho, pela gentileza de ler meu trabalho e contribuir com sugestões. Meus mais sinceros agradecimentos.

A todos meus amigos que me apoiaram moralmente, em especial Vanessa Guerra e Sandra Becker.

A minha família pelo apoio moral e por sempre acreditar em meus projetos.

Finalmente, obrigada, Fabrício, pelo amor incondicional e pelo apoio nos momentos mais difíceis desta caminhada. Não sei se teria conseguido sem suas palavras de conforto e suas soluções “mágicas” para encontrar o caminho.

O ontem é apenas um sonho
E o amanhã é só uma visão:
O hoje, porém, bem vivido,
Transforma todo ontem em um sonho de felicidade
E todo amanhã em uma visão de esperança.

Portanto, cuide bem do dia de hoje.

(Provérbio sânscrito)

RESUMO

A presente pesquisa orienta-se através do comportamento singular dos verbos experienciais e beneficiários perante a propriedade de ergativização, mais especificamente na observação das condições nas quais se licencia a alternância causativo-ergativa e como a mesma se processa. Fundamentando-se na Teoria da Variação e Mudança Linguística, foram realizadas 24 entrevistas com informantes procedentes de Belo Horizonte, o que resultou em um *corpus* de 1.419 dados. A análise dos dados permitiu verificar as estruturas mais frequentes dos verbos coletados (construções sintéticas e analíticas) e, através da análise das mesmas, propôs-se uma análise qualitativa em que se relacionaram os tipos de estruturas desenvolvidas pelas diferentes classes de verbos e o licenciamento da alternância. Nesta parte da análise, verificaram-se comportamentos idiossincráticos em cada classe semântica que permitiram apontar a atuação do fator item lexical. Identificados os verbos que licenciam a alternância causativo-ergativa, observou-se como a estrutura ergativa se atualiza no que concerne ao preenchimento do pronome, buscando distinguir os casos de variação – ausência/presença do pronome – dos casos das ergativas que são categoricamente não-pronominais. A análise do preenchimento do pronome considerou, além dos fatores linguísticos supracitados, os fatores extralinguísticos gênero, idade e escolaridade.

Palavras-chave: relação sintaxe-semântica, alternância causativo-ergativa, clítico *se*, itens lexicais.

ABSTRACT

This paper studies the singular behavior of experiential and beneficiary verbs concerning the property of ergativity, more specifically the observation of the conditions that allow the causative-ergative alternation and how it happens. Basing on the Theory of Variation and Linguistic Change, 24 interviews with informants from Belo Horizonte were carried out, resulting in a corpus of 1,419 occurrences. The data analysis allowed to verify the most frequent structures of the collected verbs (analytic and synthetic constructions) and through the analysis of such structures, a qualitative analysis was proposed in order to find out the types of structures developed by the different verb classes. In this part of the analysis the idiosyncratic behaviors of each verb class allowed to point out the relevance of the lexical item. Once identified the verbs which accept the causative-ergative alternation, the ergative structures were analyzed considering the use of the pronoun. The analysis of the use of the pronoun also considered extralinguistic factors such as gender, age and formal education.

Key-words: syntax-semantics interface, causative-ergative alternation, pronoun *se*, lexical items.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos informantes de acordo com os fatores extralinguísticos.....	58
Tabela 2: A distribuição do argumento afetado/ estativo nas classes semânticas	80
Tabela 3: A distribuição do argumento afetado/ estativo nas ocorrências sintéticas e analíticas.....	82
Tabela 4: A distribuição do argumento afetado/estativo nas classes semânticas por função sintática de acordo com a realização morfológica.....	85
Tabela 5: Os verbos epistêmicos mais frequentes	90
Tabela 6: O tipo mais frequente de estrutura analítica dos verbos epistêmicos.....	90
Tabela 7: Os verbos físicos mais frequentes.	93
Tabela 8: Os tipos mais frequentes de estruturas analíticas dos verbos físicos.....	93
Tabela 9: Os verbos psicológicos mais frequentes.	98
Tabela 10: Os tipos mais frequentes de estruturas analíticas dos verbos psicológicos. .	99
Tabela 11: Os verbos da subclasse “outros” mais frequentes.	102
Tabela 12: Os tipos de verbos da subclasse “outros” mais frequentes na forma analítica.	102
Tabela 13: Os verbos beneficiários mais frequentes.....	105
Tabela 14: Os tipos mais frequentes de estruturas analíticas dos verbos beneficiários.	105
Tabela 15: A distribuição das estruturas analíticas de acordo com a correspondência com o contexto de pronome e os tipos verbais.....	108
Tabela 16: A relação entre os subtipos verbais e a presença/ ausência do pronome....	112
Tabela 17: O apagamento por tipo de pronome.	113
Tabela 18: As classes semânticas e a frequência dos principais itens lexicais.	116
Tabela 19: A relação entre a faixa etária e o uso do pronome	118
Tabela 20: A relação entre o gênero e o uso do pronome.....	119
Tabela 21: A relevância dos fatores faixa etária e gênero para o apagamento do pronome.....	119
Tabela 22: A relação entre a escolaridade e o uso do pronome.	120
Tabela 23: A relevância dos fatores escolaridade e faixa etária para o apagamento do pronome.....	121
Tabela 24: Os itens lexicais mais frequentes distribuídos por gênero	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A distribuição das ocorrências sintéticas com contexto de pronome e as ocorrências analíticas correspondentes.	109
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Propriedades sintáticas apresentadas pelos verbos experienciais.	34
Quadro 2: As funções do pronome <i>se</i> de acordo com alguns gramáticos.	40
Quadro 3: Codificação dos fatores internos para estruturas sintéticas sem contexto de pronome.	73
Quadro 4: Codificação dos fatores internos para estruturas sintéticas com contexto de pronome.	74
Quadro 5: Codificação dos fatores internos para estruturas analíticas.	74
Quadro 6: Codificação dos fatores extralinguísticos.	75
Quadro 7: Os verbos epistêmicos e as estruturas analíticas.	89
Quadro 8: Os verbos físicos e as estruturas analíticas.	91
Quadro 9: Os verbos psicológicos e as ocorrências analíticas.	94
Quadro 10: Os verbos da subclasse “outros” e as ocorrências analíticas.	101
Quadro 11: Os verbos beneficiários e as ocorrências analíticas.	103
Quadro 12: As propriedades sintáticas apresentadas pelas classes semânticas.	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
0.1 O tema da pesquisa.....	11
0.2 Hipótese.....	14
0.3 Objetivos.....	15
0.4 Organização da dissertação.....	16
1 A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-ERGATIVA.....	17
1.1 A alternância causativo-ergativa.....	17
1.2 A alternância causativo-ergativa e a voz média.....	19
1.3 O comportamento do pronome se em diferentes dialetos do PB.....	24
1.3.1 Veado (1980) e um estudo sobre o comportamento linguístico do dialeto rural de Januária (MG).....	24
1.3.2 D’Albuquerque (1984) e o comportamento do pronome se nos dialetos de Manhuaçu (MG) e do Rio de Janeiro.....	26
1.3.3 Rocha (1999) e a análise do fenômeno no dialeto de Ouro Preto.....	28
1.3.4 Melo (2005) e o comportamento do se recíproco e reflexivo em Uberlândia...	30
1.3.5 Carvalho (2008) e um estudo descritivo dos verbos experienciais em Santa Luzia.....	32
1.4 As diferentes classificações do pronome se.....	35
1.4.1 A Gramática Normativa.....	35
1.4.2 Kury (2003).....	38
1.5 Considerações quanto às classificações e nomenclaturas do se.....	39
2 OS VERBOS EXPERIENCIAIS E BENEFICIÁRIOS.....	42
2.1 A teoria dos papéis temáticos.....	42
2.2 Os verbos experienciais.....	44
2.2.1 O subgrupo “outros”.....	46
2.3 Os verbos beneficiários.....	47
3 METODOLOGIA.....	50
PARTE I: VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	50
3.1 A variação e a mudança linguística.....	50
3.2 Estudo de painel e estudo de tendência.....	52
3.3 O modelo neogramático e o modelo da difusão lexical.....	54
PARTE II: AMOSTRA E COLETA DOS DADOS.....	57
3.1 A seleção dos informantes.....	57
3.2 Os fatores internos.....	58
3.2.1 As ocorrências sintéticas e analíticas.....	58
3.2.1.1 A ocorrências sintéticas com contexto de pronome.....	58
3.2.1.2 A ocorrências sintéticas sem contexto de pronome.....	59
3.2.1.3 As ocorrências analíticas.....	60
3.2.2 A presença/ ausência do clítico se.....	65
3.2.3 A classificação dos verbos.....	66
3.2.3.1 Algumas considerações quanto à classificação dos verbos.....	66
3.2.3.2 O subgrupo “outros”.....	67
3.2.4 A classificação do argumento afetado/ estativo.....	67
3.2.5 O item lexical.....	69
3.3 Os fatores externos.....	70
3.3.1 Gênero.....	71
3.3.2 Idade.....	72
3.3.3 Escolaridade.....	72

3.4 A codificação dos dados	73
3.5 A cidade de Belo Horizonte	76
4 ANÁLISE DOS DADOS	78
PARTE I – ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA.....	78
4.0 Introdução	78
4.1 A distribuição do argumento afetado/ estativo	78
4.2 A análise do fator realização morfológica.....	81
4.3 Análise sintático-morfológica por classe semântica.	83
4.4 A análise do fator item lexical	88
4.4.1 Os verbos de percepção	88
4.4.2 Os verbos epistêmicos	89
4.4.3 Os verbos físicos	91
4.4.4 Os verbos psicológicos	94
4.4.5 Os verbos da subclasse “outros”	100
4.4.6 Os verbos beneficiários.....	105
4.5 Sobre a análise dos itens lexicais	107
4.6 A relação entre a ausência do pronome e as estruturas analíticas.....	110
4.7 Conclusões sobre a análise sintático-semântica.....	112
PARTE II: O APAGAMENTO DO PRONOME <i>SE</i>	112
4.0 Introdução	112
4.1 Os fatores linguísticos	112
4.1.1 A análise do fator tipo de pronome	112
4.1.2 As classes semânticas e os itens lexicais	115
4.2 Os fatores extralinguísticos.....	117
4.2.1 Faixa etária.....	118
4.2.2 Gênero	119
4.2.3 Escolaridade.....	120
4.3 Conclusões sobre a análise do uso/ apagamento do pronome	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129

INTRODUÇÃO

0.1 O tema da pesquisa

O tema de estudo que norteia esta pesquisa é o comportamento singular dos verbos experienciais e beneficiários perante a propriedade de ergativização, mais especificamente a observação das condições nas quais se licencia a alternância causativo-ergativa e como a mesma se processa. Isto é, pretende-se, através da observação de dados de uso, verificar as estruturas mais frequentes dos verbos coletados e, através da análise dessas, propor uma análise qualitativa em que se relacionem os tipos de estruturas desenvolvidas pelas diferentes classes de verbos e o licenciamento da alternância. Identificados os verbos que licenciam a alternância causativo-ergativa, buscar-se-á observar como a estrutura ergativa se atualiza, no que concerne ao preenchimento do pronome, buscando distinguir os casos de variação – ausência/presença do pronome – dos casos das ergativas que são categoricamente não-pronominais.

A alternância causativo-ergativa tem sido foco de numerosos estudos, que identificam com certa regularidade a atuação de traços semânticos que licenciam em maior ou menor grau, essa alternância, como se verá no capítulo 1. De toda maneira, sejam quais forem os traços apontados, persistem irregularidades. Identificam-se, na verdade, dois tipos de irregularidades: a primeira, objeto de estudo de diversos trabalhos na literatura pertinente, relaciona-se ao desenvolvimento dessa propriedade. Isto é, numerosos verbos do português contemporâneo recusam a alternância causativo-ergativa apesar de, aparentemente, ilustrarem as condições necessárias ao processo, conforme se vê em (1) e (2):

- (1) a. João magoou Maria.
 - b. Maria magoou-se.
- (2) a. João conquistou Maria
 - b. *Maria conquistou-se.

Por mais que se tenham refinado, até o momento, as informações semânticas relevantes, exemplos como o do verbo *conquistar* em (2) persistem. Diversos estudos (cf. Whitaker Franchi, 1989, Cançado 1995, Ciríaco, 2007) se sucedem refinando as informações semânticas de cada verbo. Esses trabalhos têm em comum o fato de analisar as propriedades dos verbos considerando-os em estado de dicionário. Nesse sentido as propriedades semânticas são tratadas como estados e não como processos dos verbos. Orientando-se pelas valiosas contribuições desses trabalhos, Dogliani (2007, 2009) propõe que as irregularidades observadas podem ser resultantes não apenas do fato de que o processo de ergativização/causativização esteja em curso, como também do fato de que o estabelecimento da informação semântica seja gradual, já que se obtém tanto do significado como também de certas construções que o verbo vai desenvolvendo e que, gradualmente, lhe atribuem novos traços semânticos, cujo estabelecimento culmina por licenciar a propriedade de ergativização. A autora adota, nessa perspectiva, a teoria exemplar proposta em Bybee (2001). Seguindo essa proposta, a análise que se desenvolve nesta dissertação, leva em conta todas as estruturas realizadas pelos verbos pertinentes e não apenas aquelas em que se ilustra a ergativização. Dessa maneira, coletaram-se e analisaram-se tanto os dados do tipo de (3) e (4), quanto os dados do tipo de (5) e (6):

- (3) João *preocupa* Maria.
- (4) Maria (*se*) *preocupa* com João.
- (5) Maria *tem preocupação* com João.
- (6) Maria *éfica preocupada* com João.

Segundo Madureira (2002) e Dogliani (2007), estruturas do tipo de (5) e (6), ilustram-se em períodos da língua anteriores à causativização. Tal constatação lhe permite propor que essas estruturas não são consequência do estado causativo-ergativo do verbo, mas base do estabelecimento das condições de ergativização.

O segundo tipo de irregularidade diz respeito à forma de ergativização dos verbos. Isto é, numerosos verbos desenvolvem a ergativização através da forma pronominal, que, por vezes, sofre apagamento, como o reconhecem os trabalhos na área da teoria da

variação. Outros a realizam, de forma categórica sem o pronome. Considerem-se os exemplos (7) e (8):

- (7) a. Fábio quebrou o vaso chinês.
 b. O vaso chinês se quebrou.
 c. O vaso chinês quebrou.
- (8) a. A dieta rica em gordura enfartou José.
 b. José enfartou por causa da dieta rica em gordura.
 c. * José se enfartou por causa da dieta rica em gordura.

O exemplo (7) ilustra o verbo *quebrar*, que admite a propriedade da ergativização com ou sem o pronome, como ilustrado em (7b) e (7c), respectivamente. Tal variação no uso do *se* é determinada por contexto de uso. O exemplo (8), entretanto, ilustra o verbo *enfartar* que só aceita a ergativização sem o pronome.

Mas esses dois grupos de verbos não têm recebido, ao que parece, uma distinção conveniente. É possível que ao tratar desse segundo tipo de irregularidade se lance luz sobre a irregularidade do primeiro tipo. Para tanto a pesquisa que se descreve nesta dissertação elege uma análise que toma por base dados de uso através dos quais se observam todas as propriedades dos verbos causativo-ergativos e a forma pela qual realizam essas propriedades. Nessa expectativa assumem-se algumas hipóteses de trabalhos precedentes, que atribuíram relevância à informação semântica.

Para tratar do primeiro tipo de irregularidade que se mencionou, é preciso que se distingam os verbos que exibem variação em suas ergativas pronominais dos verbos que exibem ergativa não-pronominais categóricas. A respeito dos verbos do primeiro grupo, acredita-se que as construções ergativas sem o pronome constituem um processo sintático em expansão no português brasileiro, em particular na modalidade coloquial. Diversos trabalhos variacionistas nos chamam a atenção para o fato de que os clíticos vêm passando por um significativo processo de mudança, a saber: Veado (1980) que pesquisou o emprego do *se* no dialeto de Januária; D'Albuquerque (1984) e sua pesquisa sobre a perda do clítico *se* no dialeto de Manhuaçu (MG); Nunes (1995) sobre o comportamento do clítico em São Paulo; Rocha (1999) sobre o clítico reflexivo na

cidade de Ouro Preto; Madureira (2000, 2002) e Dogliani (2007) sobre o comportamento do clítico *se* e a emergência das construções causativo-ergativas na classe dos verbos psicológicos; Melo (2005), que estudou o *se* com valor reflexivo e recíproco na comunidade de Uberlândia e, por fim, Carvalho (2008) e seu estudo no dialeto de Santa Luzia.

Para a presente pesquisa, optou-se por analisar o grupo dos verbos experienciais, que abrange verbos psicológicos, epistêmicos, físicos e de percepção. Foram consideradas, também, ocorrências de verbos beneficiários. O acréscimo desses tipos verbais nos permitirá observar se a variação no preenchimento do pronome *se* exibe o mesmo perfil em outras classes semânticas. Da mesma forma, conforme os exemplos dados, ao observar que o apagamento estende-se aos pronomes reflexivos, decidiu-se que os mesmos farão parte da análise. Assim, a análise do apagamento do clítico *se* (reflexivo ou ergativo) será realizada com base em um *corpus* que também se estende a outras classes semânticas.

Quanto aos verbos do segundo grupo, pode-se dizer que, de um modo geral, os trabalhos não os distinguem de forma clara. Diversos trabalhos consideram toda forma não pronominal como um caso de variação. Madureira (2000, 2002) assinala o problema e imputa a formação desses dois grupos – um com variação, outro sem variação – às diferentes categorias de verbos que desenvolveram o processo de causativização.

0.2 Hipótese

A hipótese inicial desta pesquisa é a de que verbos que aceitam a propriedade de ergativização realizam mais estruturas analíticas, e que o comportamento de cada classe semântica sinaliza que tais estruturas instauram as condições de ergativização.

Igualmente, acredita-se que o uso do pronome *se* com valor de reflexivo e ergativo esteja caindo em desuso no dialeto de Belo Horizonte. Além do mais, supõe-se que as construções analíticas reduzem o contexto de uso do pronome. Observem-se os exemplos abaixo, em que (9) ilustra uma construção sintética com contexto de pronome,

e (10), uma construção analítica que tem o mesmo valor de verdade que a construção anterior:

(9) João *se preocupa* com a violência.

(10) João *fica preocupado* com a violência.

A respeito das construções analíticas, Dogliani (2009) pondera que “as condições que licenciam a ergativização entre os verbos experienciais no português brasileiro constroem-se gradualmente e são identificáveis através da análise de construções perifrásticas que se relacionam ao verbo através de itens cognatos”. A autora propõe que a frequência de uso de determinadas construções instaura novos papéis temáticos que, gradualmente licenciam a alternância, cujo espraiamento se dá por difusão semântica e lexical.

A hipótese da pesquisa sustenta igualmente que os fatores extralinguísticos idade, gênero e escolaridade influenciem na escolha do uso ou do apagamento do pronome. As pesquisas supracitadas nos alertam para a relevância de tais fatores extralinguísticos, pois os resultados apontam que quanto menor o grau de escolaridade do falante, mais o pronome é suprimido.

0.3 Objetivos

Este estudo tem como objetivo geral analisar o comportamento dos verbos psicológicos, físicos, epistêmicos, beneficiários e de percepção, identificando suas propriedades mais frequentes e observando o uso/ apagamento do pronome *se* em construções do dialeto de Belo Horizonte.

Os objetivos específicos do estudo proposto são:

- a) Identificar a frequência de cada tipo de realização morfológica – construções sintéticas ou analíticas;
- b) Identificar como o argumento afetado/ estativo se estrutura (na posição de sujeito ou

- de objeto sintético da frase);
- c) Identificar a distribuição dos itens lexicais em relação às propriedades sintáticas e à realização morfológica;
 - d) Observar o uso/ apagamento do pronome *se* (ergativo e reflexivo);
 - e) Averiguar a relevância dos fatores extralinguísticos idade, escolaridade e gênero no que concerne ao uso/ apagamento do clítico *se* nas construções analisadas.

0.4 Organização da dissertação

O primeiro capítulo da dissertação abarca a apresentação do objeto de estudo através de resenhas de trabalhos pertinentes ao tema. Primeiramente, serão feitas considerações sobre a alternância causativo-ergativa e a voz média; em seguida, serão revisados os trabalhos de Veado (1980), D’Albuquerque (1984), Rocha (1999), Melo (2005) e Carvalho (2008). Em um segundo momento, serão discutidas as diferentes classificações do *se* de acordo com a gramática normativa e alguns autores; também serão feitas considerações sobre as construções analíticas.

O segundo capítulo tem por objetivo esclarecer os critérios de classificação dos verbos experienciais (psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção) e beneficiários considerados nesta pesquisa, através da exposição da teoria dos papéis temáticos.

Como esta pesquisa leva em consideração a atuação dos itens lexicais em processos de variação e mudança, faz-se necessário discutir as diferentes perspectivas de análise da variação e mudança linguística. No capítulo 3, serão explicitados os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e a metodologia de coleta dos dados sob análise e da escolha dos informantes.

O quarto capítulo consiste na análise e na interpretação dos dados coletados. Em seguida, nas considerações finais, serão expostas algumas reflexões sobre os objetivos que foram propostos e os resultados obtidos.

1 A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-ERGATIVA

1.1 A alternância causativo-ergativa

A alternância causativo-ergativa consiste, sintaticamente, na mudança de transitividade, em que o complemento é alçado para a posição de sujeito sintático da frase, e o sujeito pode ser apagado, como se vê nos exemplos abaixo:

- (11) a. A música *acalmou* Maria.
 b. Maria *se acalmou* (com a música).

De acordo com Ciríaco (2007), semanticamente, (11a) expressa *a causa* e expressa um evento do ponto de vista de quem, ou o que, desencadeou a ação. Assim sendo, essa sentença é denominada *causativa*. Por sua vez, a sentença (11b) descreve o mesmo evento, porém, da perspectiva de quem (ou aquilo) que foi afetado pela ação e é chamada de *ergativa*.

A possibilidade de um verbo expressar um mesmo evento sob diferentes perspectivas é conhecida como alternância verbal. O exemplo (11a-b) ilustra a alternância causativo-ergativa. Entretanto, nem todos os verbos causativos aceitam a estrutura ergativa, como ilustra o exemplo (12) abaixo:

- (12) a. João *conquistou* Maria.
 b. *Maria *conquistou*.

Ciríaco e Cançado (2007) propõem a atribuição do traço controle¹ ao argumento interno para justificar as exceções como em (12), ou seja, verbos com a mesma rede temática que apresentam comportamento sintático diferente, como o verbo *acalmar* que aceita a alternância causativo-ergativa e o verbo *conquistar*, que não aceita. Dogliani

¹ Segundo Wenceslau (2003: 31), o traço [controle] é identificado em um argumento “do qual se acarreta *poder iniciar ou interromper um processo*”.

(2009), contudo, salienta que a atribuição do traço de controle ao argumento interno é bastante subjetiva e, a partir de suas análises anteriores, é possível dizer que “o verbo *conquistar* integra uma subclasse semântica – a dos psicológicos causativos – que está em processo de ergativização e que, preenchidas algumas condições, realizará a ergativização”, ou seja, sob a perspectiva da mudança linguística por difusão lexical, observa-se que há várias condições de ergativização “que se hierarquizam e que se determinam pelo estágio do processo de ergativização/causativização, em que se encontram os verbos relevantes”, como já mencionado por Madureira (2000, 2002) e Dogliani (2007).

Para Dogliani (2009), nos verbos do português brasileiro: a) o processo de causativização precede o de ergativização, mas não o determina obrigatoriamente; b) o processo de causativização se difunde por classes semânticas. Trata-se, portanto, de um processo que se espraia por difusão lexical, dentro de cada classe semântica já atingida; c) o processo de ergativização surge como necessidade de desambiguação de verbos causativizados; e d) os verbos que se submetem em primeiro lugar ao processo de ergativização são aqueles que exibem maior volume de construções perifrásticas, o que permite a atualização da propriedade semântica de estado ou de afetação. Desenvolvida essa propriedade, o verbo está em condições de se ergativizar.

Diversas análises admitem a manutenção da hipótese de Dogliani (2009). Além da análise de Madureira (2002) e das análises parciais de Dogliani (2008), destaca-se a análise de Carvalho (2008), que mostrou que os verbos psicológicos são os que exibem o maior número de construções perifrásticas quando o experienciador se encontra na posição de sujeito. Os resultados também apontaram uma hierarquização dos verbos psicológicos em relação aos demais verbos experienciais, no que concerne à propriedade de ergativização; ao associar a classe semântica e as construções perifrásticas relacionadas ao verbo quando o experienciador se encontra no papel de sujeito da oração, a autora identificou a mesma hierarquia.

O processo sintático do alçamento do complemento à posição de sujeito pode ter como resultado uma construção ergativa como também uma construção medial. As diferenças entre essas duas construções serão discutidas na próxima seção.

1.2 A alternância causativo-ergativa e a voz média

O conceito de voz varia significativamente entre os autores e é bastante orientado pelo critério sintático-semântico. Luft (1974:132), por exemplo, define voz como “forma que toma o verbo para exprimir as relações de atividade e passividade entre sujeito e verbo”. Lima (1992: 123) a concebe como um “acidente que expressa a relação entre o processo verbal e o comportamento do sujeito” e identifica a voz ativa e a medial, que se divide em três tipos: passiva, reflexiva e dinâmica. A média corresponderia à medial-dinâmica, que exprime ou uma mudança de situação do sujeito – mas sem intervenção da vontade dele – ou uma atividade interna que se passa com o sujeito sem que ele tenha contribuído para tal. Lima (2005: 545) agrega ao raciocínio do gramático a observação de que a voz média “mantém com a passiva e a reflexiva relações tão estreitas em português que, muitas vezes, se confunde com estas”. A autora nos chama a atenção para o fato de que o traço mais geral da voz média apontado pelos gramáticos é a presença do *se*. Sobre o uso da voz média no grego, Lyons (1970: 286) comenta:

“Como o nome sugere, a voz média era considerada um grau intermediário na oposição primária ativa/ passiva (a voz média significava “uma ação”, como a ativa, ou “um estado”, como a passiva, segundo as circunstâncias ou segundo o sentido inerente do verbo em questão).”²

Sob as diferentes abordagens linguísticas acerca do tema, Lima (2005) resume os principais traços da voz média: a) presença de um *se* facultativo – que, segundo a autora, estaria desaparecendo; b) a relação com uma construção ativa/ causativa; c) noção de processo ou mudança de estado; d) função de demissão do agente – isenção de responsabilidade; e) codificação de eventos espontâneos; f) impossibilidade de menção explícita do agente; g) presença de um só argumento obrigatório; h) valor apenas correferencial do pronome, não anafórico.

² “Comme son nom le suggère, la voix moyenne était considéré comme un degré intermédiaire dans l’opposition première active/ passive (la voix moyenne signifiait soit ‘une action’, comme l’active, soit ‘un état’, comme la passive, selon les circonstances ou selon le sens inhérent du verbe en question)”. (Tradução nossa).

Em um estudo de natureza semântico-cognitivista, Kemmer (1994 *apud* Lima, 2005) apresenta diversos sistemas mediais em várias línguas. De forma geral, a autora examinou tipos semânticos que envolvem eventos que ocorrem na mente ou no corpo de um ser humano ou de outras entidades animadas, a saber: eventos que reúnem cuidados com o corpo, como *lavar-se*; eventos que designam movimentos como *virar-se*; eventos que demonstram mudança de postura corporal, como *sentar-se*; eventos que envolvem autobenefícios, como *adquirir*; eventos recíprocos, como *abraçar*; eventos de movimentos translacionais, como *saltar*; eventos de emoção, como *zangar-se*; eventos de fala emotivos, como *queixar-se*; e eventos de cognição, como *acreditar*.

Camacho (2003) se baseia na proposta de Kemmer (1994) para considerar a língua portuguesa uma língua de voz média, assim como o francês e o latim, por exemplo. Para o autor, “sentenças formalmente ativas cujo sujeito é não-afetado serão consideradas sentenças básicas de diátese ativa, enquanto as sentenças formalmente ativas cujo sujeito é afetado serão consideradas sentenças básicas da diátese média” (p. 92). A partir desta definição, Camacho desconsidera a problemática da distinção entre as construções ergativas e médias, concebendo as duas como “médias”. Assim sendo, uma construção ergativa do tipo (13), de acordo com Camacho, seria um exemplo de construção média:

(13) Os alunos se assustaram com o barulho no pátio.

Levin (1993)³, entretanto, acredita que a alternância média não deve ser confundida com a alternância causativo-ergativa. Em primeiro lugar, a construção média difere da ergativa porque não denota um evento; ou seja, não precisa ter uma referência temporal específica. Em segundo lugar, a construção média sempre pressupõe um Agente, ao passo que a ergativa não o faz.

O raciocínio de Levin é também adotado por Ciríaco (2007), que reconhece que “o processo que forma as construções mediais é, sintaticamente, o mesmo processo que forma as construções ergativas, ou seja, o complemento é alçado para a posição de sujeito” (p. 62). Em sua pesquisa, a autora acredita ser possível analisar esses tipos de

³ *apud* Perini (2008: 317).

alternâncias como dois processos semânticos distintos uma vez que as diferenças entre elas são bem marcadas. Observem-se os exemplos abaixo:

- (14) a. João quebrou o vaso.
 b. O vaso quebrou.
 c. Vasos quebram facilmente.⁴

O processo que dá origem à construção ergativa (14b) – o alçamento do complemento para a posição de sujeito – também dá origem à construção média (14c). Ciríaco (2007: 62) explica que

“As construções ergativas são resultantes de um processo sintático de alçamento no qual, semanticamente, há uma alteração do aspecto lexical, pois se toma uma sentença que denota um *accomplishment* (a causativa) para formar uma sentença que denota um *achievement* (a ergativa). [No processo que origina as construções mediais] também ocorre a mudança do aspecto lexical, entretanto, é uma mudança na qual uma sentença que denota um *accomplishment* (a causativa) passa para uma sentença que denota um estado (a medial).”

A construção medial que resulta deste processo não é a expressão do mesmo evento da sentença causativa original, sob a perspectiva do argumento afetado. O exemplo (14c) nos aponta que geralmente, nas construções mediais, o tempo verbal é alterado para o presente, tornando a construção resultante uma sentença genérica. A autora também lança mão da argumentação de Chafe (1970) para distinguir as estruturas ergativas das mediais: um teste para diferenciar estados de não-estados é perguntar “o que aconteceu?”. A sentença (14b) responde à pergunta, sendo, portanto, um evento ou não-estado. (14c) não serviria de resposta à pergunta, evidenciando que estruturas mediais são, na verdade, estados.

O processo sintático que forma as construções mediais – assim como aquele que forma as construções ergativas – tem suas restrições. Levin (1993 *apud* Ciríaco, 2007) pondera que os verbos que ocorrem na alternância causativo-ergativa normalmente participam também da construção medial, mas o contrário não é verdadeiro, o que corrobora a

⁴ Exemplos retirados de Ciríaco (2007: 63).

afirmação de que ergativas e mediais são construções distintas, resultantes de processos distintos, com suas próprias características e restrições. Observem-se:

- (15) a. João cortou o pão.
 b. * O pão cortou
 c. Esse pão corta muito fácil.⁵

Apesar de ser seguida por muitos autores, a distinção entre construções mediais e ergativas é questionada por Perini (2008), que a partir dos dados de Levin (1993) do inglês, justifica sua posição:

“A razão principal é que essa distinção não é instrumental na classificação dos verbos – ou seja, não existem verbos que possam ocorrer em uma delas, mas não em outra; conseqüentemente, a distinção entre ergativa e média não tem utilidade para o estabelecimento de diáteses verbais. Esses verbos parecem existir em outras línguas, (...) mas em português não se conhecem exemplos. As diferenças apontadas para distinguir “ergativas” de “médias” são decorrentes de fatores independentes, não relacionados com uma presumível propriedade da construção propriamente dita: o aspecto verbal e fatores ligados ao nosso conhecimento de mundo.” (Perini, 2008: 331).

Perini também questiona a proposta de Camacho (2003) que, apesar de tratar especificamente do português, só leva em consideração dados do português padrão escrito (deixando de lado frases do tipo “a cadeira quebrou” ou “as chaves perderam”). Desta forma, a presença do pronome *se* é, para Camacho, uma marca necessária da construção média, que Perini prefere considerar “apenas um caso especial da construção ergativa”.

A análise dos dados desta pesquisa sustenta as reflexões de Perini (2008), ou seja, assume-se a relevância de considerarmos a propriedade de ergativização, uma vez que, orientando-se por Madureira (2000, 2002) e Dogliani (2007, 2009), acredita-se que os diferentes comportamentos dos verbos e as diferentes leituras que eles desencadeiam sejam um reflexo do estágio de evolução dos mesmos no processo de ergativização/causativização.

⁵ Exemplos retirados de Ciríaco (2007: 64)

Madureira, (2000, 2002), ao investigar as propriedades dos verbos psicológicos através da análise de dados reais, comprova altos índices de apagamento do clítico ergativo e propõe que o processo sintático de ergativização nos verbos psicológicos pode representar uma mudança sintática em progresso, cujo percurso (cruzamento com outros processos de mudança em curso) determina, de um lado, a emergência e, do outro, o apagamento do pronome. Sugere também que ambos os processos estariam se espalhando na língua por difusão lexical.

Os resultados destes e dos trabalhos realizados por Dogliani (2007, 2009) comprovam que, em outras classes de verbos, além dos experienciais, identifica-se o apagamento do pronome, processo que é, aliás, mencionado desde meados do século XX. Essa constatação desencadeia algumas reflexões, cuja exposição requer que voltemos às conclusões de Madureira (2000).

Após comparar dados relativos às diversas fases do português (do período arcaico ao século XX), Madureira propõe uma nova análise dos verbos psicológicos, subdividindo-os em três grupos:

- Grupo 1 – verbos que só admitem o Experienciador na posição de sujeito. Esse grupo caracteriza-se sintaticamente como de verbos acusativos que são semanticamente não causativos. Ex.: *amar, desejar, temer*, etc.;
- Grupo 2 – verbos que admitem o Experienciador na posição de sujeito ou de objeto e admitem a correlação ergativo-causativo. Esse grupo compõe-se de verbos acusativos não causativos (*enojar, aborrecer*) ou inacusativos (*desesperar, pasmar*) que se causativizaram, e verbos originalmente causativos (*conformar, animar*) cujas estruturas reflexivas passam a ter a possibilidade de leitura ergativa;
- Grupo 3 – verbos psicológicos que só admitem o Experienciador na posição de objeto (como *humilhar, conquistar*). Este grupo é constituído de verbos originalmente causativos.

A autora propõe ainda, que apenas os verbos originalmente intransitivos (denominados inacusativos) descritos no grupo 2, não requereram pronome quando se submeteram ao processo de ergativização/causativização, pois o mesmo não determinou ambigüidade

alguma entre eles. O mesmo processo nos dois outros grupos de verbos gerou ambiguidade, o que, conforme a autora especula, poderia ser uma das fontes da origem do pronome. Em Dogliani (2008) lê-se:

“O faceamento dos dois grupos (o grupo dos verbos que requereram o pronome e o grupo dos que não o requereram) teria sido terreno fértil ao surgimento de uma mudança resultante de mescla entre dois grupos originalmente distintos. Identificados por traços semânticos comuns, verbos que não requeriam o pronome, passaram a ser usados com o clítico, verbos que o requeriam passaram a ser usados sem ele, num processo em que uma classe de verbos copia a estrutura do outro, culminando numa variação, cujo encaixamento deixa de ser meramente estrutural e se orienta apenas por traços semânticos detectáveis pela análise da relação entre o experienciador e suas funções sintáticas.”

Madureira observou, também, que o processo de ergativização propicia o aparecimento de estruturas semanticamente equivalentes, ou estruturas perifrásticas, como a escolha de “Paulo *fica preocupado* com o filho” ao invés de “Paulo *se preocupa* com o filho”. Dogliani (2007) buscou complementar as hipóteses de Madureira (que a redução de contextos propícios ao uso do pronome pode ser fator favorecedor de seu apagamento), analisando os fatores determinantes para que um falante utilize construções causativas ou ergativas para um verbo e não para outro.

1.3 O comportamento do pronome *se* em diferentes dialetos do PB

Diferentes trabalhos identificam o processo de variação no uso do clítico *se* sob diversos pontos de vista e em várias comunidades de fala do Brasil. A seguir, apresentam-se algumas pesquisas relevantes já realizadas sobre o tema.

1.3.1 Veado (1980) e um estudo sobre o comportamento linguístico do dialeto rural de Januária (MG)

Veado (1980) realizou um estudo sobre o comportamento linguístico do dialeto rural da região de Januária (MG). A autora coletou dados obtidos através de gravações informais realizadas com 45 informantes de idades variadas (a partir dos 15 anos), de ambos os gêneros e pouco escolarizados. Foi encontrado somente um caso de “se” reflexivo e a

autora explica a ocorrência como uma espécie de empréstimo do dialeto urbano da cidade de São Paulo:

(16) A gente tem que *se virá*⁶. (Inf. 40/62/63)

Neste trabalho, observaram-se, também, problemas relativos à compreensão de expressões contendo o *se* reflexivo:

(17) Entrevistador: Você conhece alguém que *se matou*?

Entrevistado: Como assim? Que suicidô? (Inf. 31/50/54)

(18) Entrevistador: O seu marido *se barbeia*?

Entrevistado: Não. (Inf. 47)

(19) Entrevistador: O seu marido, o sô *Zé, faz barba*?

Entrevistado: Faiz. Faiz sim, mas num é todos dia não...” (Inf. 47)

Note-se a substituição da construção sintética “barbear-se” em (11) pela construção analítica “fazer a barba” em (12), que tem o intuito de facilitar a compreensão do diálogo, uma vez que o entrevistador provavelmente se deu conta da dificuldade que os informantes têm com relação ao “se” reflexivo. Entretanto, somente o verbo “banhar” parece conseguir transmitir a noção reflexiva, observe-se:

(20) Entrevistador: Você *se banha* todos os dias?

Entrevistado: Eu banho sim, lá no tanque. (Inf. 46)

Apesar de o entrevistado compreender o sentido do verbo, o pronome não é utilizado na resposta. Veado pondera que o falante possivelmente só consegue captar o sentido de “banhar-se” por ser um verbo empregado intransitivamente, com o sentido de “tomar banho”.

Em conclusão, a autora afirma que a reflexivização com o pronome “se” não faz parte

⁶ Exemplos retirados de Veado, 1980.

do sistema linguístico do dialeto de Januária.

1.3.2 D’Albuquerque (1984) e o comportamento do pronome se nos dialetos de Manhuaçu (MG) e do Rio de Janeiro

A partir da observação do comportamento do clítico “se” no dialeto carioca, D’Albuquerque (1984) realizou uma pesquisa com o objetivo de analisar o comportamento do “se” recíproco e reflexivo no dialeto de Manhuaçu (MG). O *corpus* analisado compreende dados de entrevistas com 40 informantes, 20 mineiros e 20 cariocas, elicitación de verbos a partir da apresentação de 40 figuras e análise do livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

A autora buscou dividir os verbos em a) essencialmente pronominais – “aqueles cujos pronomes oblíquos não funcionam como objeto, ou seja, não podem ser substituídos por um nome substantivo” – e b) acidentalmente pronominais – “aqueles cujos pronomes oblíquos funcionam como objetos, visto poderem ser substituídos por um nome substantivo” (p. 98). Em seguida, D’Albuquerque observa que:

- Verbos em construções essencialmente pronominais são usados sem os pronomes:
(21) Ele \emptyset chama José.⁷
- Verbos acidentalmente pronominais, transitivos e reflexivos são usados sem os pronomes:
(22) Eu \emptyset cortei com a faca.
- O pronome recíproco é abandonado em favor de expressões tais como “um ao outro” e “um com o outro”:
(23) Eles cumprimentaram um ao outro.
- A partícula indeterminadora é evitada:
(24) Aqui comem bem.
- Certas construções onde aparecia um pronome átono foram substituídas por expressões equivalentes (construções analíticas, no presente estudo):
(25) Ela *se decepcionou* com o resultado → Ela *ficou decepcionada*...⁸

⁷ Os exemplos do estudo de D’Albuquerque foram retirados de D’Albuquerque (1984: 99).

- Os informantes deram preferência a alternativas de regências verbais que evitam o verbo pronominal:
(26) Eu me perdi no caminho → Eu perdi o caminho.
- Alguns verbos foram substituídos por outros diferentes sem pronomes, com a finalidade de evitar a ambiguidade advinda do apagamento do pronome:
(27) Vou me vestir ou Vou me trocar. → Vou mudar de roupa ou Vou trocar de roupa.

A eliciação de verbos a partir de figuras resultou em um percentual de 35% de presença do pronome entre os informantes de Manhuaçu contra 81% entre os informantes do Rio de Janeiro para verbos pronominais reflexivos. Dentre os verbos pronominais recíprocos, registrou-se 53% de presença entre os falantes de Manhuaçu contra 88% entre os falantes do Rio. A autora, em seguida, analisou os verbos pronominais em textos de entrevistas e observou que informantes do Rio têm porcentagens mais significativas de manutenção dos clíticos.

Assim, concluiu-se nessa etapa que os falantes do Rio de Janeiro empregam mais os pronomes que os falantes de Manhuaçu, e que o processo de mudança gramatical encontra-se mais avançado em Minas Gerais do que no Rio de Janeiro.

Na análise do *corpus* escrito, usado como referência para São Paulo, verificaram-se percentuais de presença próximos aos dos informantes cariocas e superiores aos de Manhuaçu.

A partir dos resultados originados da pesquisa, a autora lança mão de duas hipóteses: uma sintática e outra semântica. A hipótese sintática propõe que a) uma vez que há cancelamento do objeto direto não reflexivo no português brasileiro, o objeto reflexivo também será omitido; e b) se há cancelamento do reflexivo nos verbos acidentalmente pronominais, a supressão também ocorrerá.

A hipótese semântica partiu da observação da constância de determinados itens lexicais nos *corpora*, dos contrastes de percentuais entre verbos do mesmo tipo gramatical e da

⁸ Grifo nosso.

oscilação de uso do clítico num mesmo momento histórico. Ao examinar uma lista de verbos que são usados atualmente desacompanhados de pronome (*casar-se, sentar-se, levantar-se, deitar-se, sentir-se, mudar-se, preocupar-se*, entre outros), a autora se pergunta se é possível identificar um traço semântico comum a esses verbos e pondera que verbos acidentalmente pronominais apresentam ocorrências de falta da marca de reflexividade mais vezes e por mais pessoas devido à grande previsibilidade semântica do objeto desses verbos nos seus usos mais comuns. Assim, os verbos: *levantar, sentar, deitar* perdem a sua marca reflexiva porque o seu uso transitivo não reflexivo representam uma situação anômala, pois as situações de *levantar, sentar* e *deitar* mais comuns são aquelas em que o agente é também o objeto da ação. “Essa suposição de papéis semânticos é sentida como tão óbvia que a marca de reflexividade se torna desnecessária ao ponto de esvair-se” (D’Albuquerque, 1984: 118).

A hierarquia de presença encontrada nos dados (recíprocos > reflexivos essenciais > reflexivos acidentais > partícula indeterminadora) corrobora a teoria de Chen e Wang (1973)⁹, que argumentam em favor do ponto de vista difusionista. Neste contexto, entretanto, a difusão não é lexical, e sim por classes gramaticais.

1.3.3 Rocha (1999) e a análise do fenômeno no dialeto de Ouro Preto

Em sua pesquisa intitulada “*Clíticos Reflexivos: Uma Variante Sociolinguística na Cidade de Ouro Preto*”, Rocha (1999) procurou avaliar se o clítico reflexivo “se” é restrito à linguagem padrão e se na modalidade oral coloquial, o pronome “ele” substitui o reflexivo.

Foram feitas 27 entrevistas informais na cidade de Ouro Preto, com informantes de faixas etárias diferenciadas (a partir dos 15 anos) e com 3 diferentes níveis de escolaridade. Além dos dados das entrevistas, o *corpus* também foi composto por entrevistas coletadas de um programa de TV local e por textos escritos (provenientes de jornais redigidos por pessoas da região, textos escritos por padres e testes de redação subjetiva). *Corpora* representando dados do Português Europeu foram utilizados para

⁹ Observe-se o capítulo “Metodologia” para mais reflexões sobre a teoria de Chen e Wang e a difusão lexical.

efeito de comparação do fenômeno nas duas comunidades de fala.

Rocha observou que a língua coloquial falada, ainda que em menor número que a língua escrita, faz uso do pronome reflexivo (25% das ocorrências na língua oral e 93% na língua escrita). No dialeto de Ouro Preto, em particular, a autora verificou 44% de supressão dos clíticos reflexivos. Observou, ainda, que os falsos reflexivos apresentaram um número maior de supressões (46% dos casos).

O fator extralinguístico “faixa etária” não se mostrou muito significativo na distribuição do apagamento do clítico nas entrevistas. Verificou-se que quanto mais jovem, maior a probabilidade de supressão, porém, os resultados indicam um perfil de variação estável, pois houve 83% de supressão entre os jovens (15 – 22 anos) contra 81% entre os medianos 2 (50 anos em diante). Segundo a autora, a fala dos jovens da cidade de Ouro Preto é influenciada pela fala dos jovens universitários das demais regiões, que permanecem na cidade por determinado tempo. Esse argumento justificaria a diferença de percentual de apagamento do reflexivo em Ouro Preto em relação a outras cidades mineiras.

Em relação ao fator “escolaridade”, notou-se que, de fato, quanto mais escolarizado o informante menos suprime o clítico. Para informantes com escolaridade de 1º grau, tem-se 92% de apagamento, 2º grau, 71% e informantes com 3º grau realizaram 58% de apagamento.

Ao comparar as modalidades oral e escrita, Rocha constatou que a modalidade escrita mantém quase em 100% o uso dos reflexivos (7% de supressão). Em contrapartida, na modalidade oral obteve-se 75% de ausência do clítico.

Dividindo-se os verbos em três tipos – verbos de processo, ação e estado – a autora observou que os verbos de processo são os que mais favorecem a supressão do “se” reflexivo (probabilidade de .70). Em seguida, tem-se os verbos de estado (.28) e, por fim, os verbos de ação (.26).

Os resultados obtidos permitiram elaborar um quadro comparativo com os outros

dialetos já estudados. Segundo Rocha, “esta comparação resultará num perfil no qual poderemos verificar em quais regiões o apagamento se mostra em maior grau de intensidade, tomando-se como base dados referentes às entrevistas sociolinguísticas” (p. 109). A análise do quadro permitiu à autora constatar que a escala de apagamento do clítico “se” é a seguinte: Manhuaçu (83%) > Ouro Preto (75%) > São Paulo (52%) > Rio de Janeiro (30%) > Português Europeu (14%).

1.3.4 Melo (2005) e o comportamento do *se* recíproco e reflexivo em Uberlândia

Ao observar que o clítico “se” reflexivo ou recíproco está em desuso no Português Brasileiro, Melo (2005) realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar:

- a frequência do clítico “se”, a categoria vazia e o pronome “ele” na linguagem oral, no PB e no PE;
- que tipo de clítico sofre mais apagamento: reflexivo ou recíproco;
- se o apagamento do clítico “se” reflexivo está relacionado ao tipo de verbo (acidentalmente pronominal ou essencialmente pronominal);
- se a faixa etária 20 a 30 anos emprega o clítico com maior frequência na linguagem oral;
- se a classe social alta emprega o clítico com maior frequência na linguagem oral.

Para a realização da pesquisa, a autora contou com dois *corpora* de língua oral: um referente ao PB e outro referente ao PE. O *corpus* PB foi formado a partir de gravações de entrevistas com 45 informantes adultos de idades variadas (a partir de 20 anos) e ambos os gêneros. Além dos fatores idade e gênero, foram também considerados os fatores escolaridade e classe social (esse último fator definido pelo método “Critério Brasil”). Os dados do *corpus* PE foram extraídos de entrevistas de um banco de dados.

As análises iniciais mostraram 49% de apagamento do clítico “se” no PB contra apenas 10% no PE. Ao considerar a ausência do “se” reflexivo ou recíproco nas duas variedades do português, obtiveram-se as seguintes ordenações:

PE: reflexivo (8%) > recíproco (30%)

PB: recíproco (29%) > reflexivo (51%)

Comparando-se os tipos de verbos no *corpus* do PB, verifica-se 42% de ausência do pronome em verbos acidentalmente pronominais e 37% em verbos essencialmente pronominais, uma diferença de 5% entre um tipo verbal e outro.

No que diz respeito às classes sociais, também no *corpus* do PB, observou-se que a ausência do clítico ocorre de maneira mais equilibrada nos três grupos: 55% na classe baixa, 48% na classe média e 46% na classe alta.

A análise da faixa etária indicou que o grupo mais jovem (20 a 30 anos) realizou 42% de apagamento, o grupo mediano (31 a 45 anos) atingiu o índice de 48% de apagamento e o terceiro grupo (acima dos 45 anos) realizou um percentual de 61%. Quanto aos resultados da análise da faixa etária, Melo observa que os dados

“(…) não apenas isentam os mais jovens da responsabilidade de serem aqueles que apagam com maior frequência o clítico ‘se’, bem como revelam que o mais alto percentual de ausência de clíticos em sentenças do PB recai sobre o terceiro grupo etário” (p. 87).

Retomando a comparação realizada por Rocha (1999), Melo introduziu a cidade de Uberlândia na escala de apagamento do clítico “se”. Assim, tem-se a seguinte graduação: Manhauçu (83%) > Ouro Preto (75%) > São Paulo (52%) > Uberlândia (49%) > Rio de Janeiro (30%) > Português Europeu (14%).

A escala de apagamento do clítico “se” iniciada por Rocha (*op. cit.*) e sustentada por Melo (2005) deve ser vista com muita cautela. É importante ressaltar que os métodos de coleta e análise dos dados utilizados em cada pesquisa distinguem-se, assim como os objetivos finais. No que diz respeito ao Português Europeu mais precisamente, observou-se que os *corpora* das pesquisadoras foram coletados por terceiros, proporcionando, assim, uma possível perda no critério de seleção dos informantes. Isso dificultaria uma possível comparação linear dos resultados (cf. Guy & Zilles, 2007).

1.3.5 Carvalho (2008) e um estudo descritivo dos verbos experienciais em Santa Luzia.

Carvalho realizou uma pesquisa com falantes de Santa Luzia com a finalidade de estudar o comportamento dos verbos experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção. Utilizando-se de um *corpus* composto de 16 entrevistas com falantes adultos, com escolaridade básica e de duas regiões distintas da cidade, a autora orientou sua análise pela hipótese de que o contexto de uso do pronome é reduzido devido ao grande volume de construções perifrásticas realizadas pelos verbos experienciais. As outras hipóteses que guiaram a pesquisa foram:

- Verbos experienciais privilegiam as construções em que o experienciador se estrutura na função sintática de sujeito;
- Nas estruturas em que o experienciador exerce a função sintática de sujeito, as construções perifrásticas são favorecidas;
- Nas estruturas em que o experienciador exerce a função sintática de objeto, as construções sintéticas são favorecidas;
- Todos os pronomes tendem a ser apagados independentemente da classe semântica do verbo;
- Os itens lexicais apresentam comportamento idiossincrático tanto na análise das construções pronominais quanto na análise da distribuição sintática do experienciador e da realização morfológica dos verbos.

Os 1.932 dados do *corpus* permitiram constatar que o contexto do pronome é bastante reduzido (somente 9% dos dados), e a análise exibiu índices praticamente nulos de uso do pronome (98% de ausência). Destaca-se que a autora escolheu informantes com nível baixo de escolaridade e agrupou-os de acordo com a faixa etária (37 a 62 anos e mais de 70 anos). Os informantes também foram agrupados de acordo com a região em que viviam – o centro histórico da cidade e o bairro Adeodato – configurando, assim, classes sociais distintas. Contrariamente ao que se esperava, nenhum dos fatores extralinguísticos influenciou o uso ou o apagamento do pronome, uma vez que o apagamento foi praticamente categórico.

As únicas quatro ocorrências de presença de pronome ilustram a classe dos psicológicos (1 ocorrência) e dos epistêmicos (3 ocorrências). Além do mais, esses casos de presença

remetem ao pronome pseudo-reflexivo. A esse respeito, a autora propõe que a frequência de *type*¹⁰ pseudo-reflexivo estaria a serviço da forma conservadora, por ser este o tipo de pronome com contexto de uso mais frequente. Carvalho também pondera que o apagamento do clítico “terá atingido em seu percurso, estruturas de *type* menos frequente, como a dos reflexivos e recíprocos, para, a seguir, atingir aquelas de *type* mais frequente, como a dos pseudo-reflexivos” (p. 146). No que concerne à frequência de *token*, a autora especifica o verbo *lembrar*, que representa 50% das ocorrências que exibem contexto relevante ao uso do pronome. Por também apresentar contexto de pronome pseudo-reflexivo, a autora não consegue avaliar qual o tipo de frequência – *type* ou *token* – atua no processo de apagamento do pronome. É importante salientar que em todas as etapas da análise, identificaram-se comportamentos idiossincráticos que permitiram apontar a atuação do fator item lexical.

Em relação à hipótese inicial da pesquisa, Carvalho observou que somente para a classe dos psicológicos é possível afirmar que as construções analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo. A hipótese não se mostrou pertinente para os verbos de percepção, que não apresentaram formas analíticas e para os verbos epistêmicos, que apresentaram 2% dessas formas. A análise da classe dos verbos físicos também não comprovou a hipótese, uma vez que somente 20% dos verbos apresentaram-se na forma analítica. Desta maneira, foi possível observar a seguinte gradação concernente à presença da forma analítica nas classes analisadas: Percepção (0%) < Epistêmicos (2%) < Físicos (20%) < Psicológicos (32%).

A autora se propôs a classificar, em cada classe semântica, o experienciador, de acordo com as funções sintáticas de sujeito e de objeto, além do tipo da realização morfológica dos verbos. O quadro a seguir apresenta as principais características de cada classe:

¹⁰ A autora remete à teoria de Bybee (2001), que analisa a frequência dos dados: frequência de *token* e frequência de *type*. Neste caso, a frequência de *type* é o contexto mais frequente de aparecimento do pronome – o contexto do pseudo-reflexivo. A frequência de *token* diz respeito aos itens mais frequentes do corpus. O tema frequência e a teoria de Bybee serão tratados no capítulo “Metodologia”, seção item lexical.

Quadro 1: Propriedades sintáticas apresentadas pelos verbos experienciais.
 Fonte: Carvalho (2008: 127).

Classe semântica	Distribuição do Experienciador	Realização morfológica
Percepção	Realizam-se quase categoricamente com experienciador na posição de sujeito.	Realizam-se categoricamente na forma sintética.
Epistêmicos	Realizam-se quase categoricamente com experienciador na posição de sujeito.	Realizam-se quase categoricamente na forma sintética.
Físicos	Realizam-se preferencialmente com experienciador na posição de sujeito, mas podem se realizar com experienciador na posição de objeto.	Realizam-se preferencialmente na forma sintética, mas podem ocorrer na forma analítica.
Psicológicos	Realizam-se preferencialmente com experienciador na posição de sujeito, mas podem se realizar com experienciador na posição de objeto.	Realizam-se na forma sintética ou analítica.

Carvalho observou que os verbos de percepção apresentam exclusivamente formas sintéticas e ilustram quase categoricamente o experienciador na posição de sujeito. Os verbos epistêmicos apresentaram um índice pouco significativo de construções analíticas (somente 2% de ocorrências) e igualmente exibem quase que categoricamente o experienciador na posição de sujeito. Os verbos físicos apresentaram uma relação maior de construções analíticas (20% de ocorrências) e de ocorrências com experienciador na posição de objeto (15%). Os verbos psicológicos apresentaram um alto índice de construções analíticas (32%) e poucas ocorrências de experienciador na posição de objeto (apenas 7%). Assim, a autora nos chama a atenção para a seguinte gradação a respeito do experienciador na posição de objeto: Percepção (1%) < Epistêmicos (2%) < Psicológicos (7%) < Físicos (15%).

As reflexões de Carvalho contribuirão significativamente para a presente pesquisa. Não somente será possível comparar os resultados obtidos como também contribuir com novas descobertas relativas a cada classe semântica e, por fim, acrescentar uma nova

classe: a dos verbos beneficiários.

1.4 As diferentes classificações do pronome se

Os trabalhos que se dedicaram a estudar o comportamento do clítico “se” procuraram, em sua maioria, adotar um critério de classificação para o clítico, face à dificuldade dos autores de chegar a um consenso. Tal falta de consenso sustenta-se basicamente no próprio processo de variação, que propicia, simultaneamente, o apagamento e o uso do pronome. Desta maneira, diversos tipos de clítico foram classificados, a saber: reflexivo, ergativo, ex-ergativo, inerente, quase-inerente, enfático, recíproco, passivo, entre outros.

A seguir, verifiquem-se algumas ponderações a respeito da classificação do clítico “se”, tanto pela gramática normativa quanto por alguns pesquisadores.

1.4.1 A Gramática Normativa

Segundo Bechara (1982), o pronome “se” exerce três funções sintáticas, a saber:

1. Sujeito de infinitivo (com auxiliares causativos)

(28) Deixou-se ficar à janela.¹¹

2. Objeto direto (com verbo transitivo direto na voz reflexiva)

(29) Ele *se* feriu.

3. Objeto indireto (com verbo transitivo indireto na voz reflexiva)

(30) Eles *se* correspondem frequentemente.

¹¹ Exemplos retirados de Bechara (1982: 255).

O autor acrescenta, também, que o pronome “se” pode juntar-se a verbos que indicam sentimento (*indignar-se, atrever-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, arrepender-se, etc.*) e movimento ou atitudes da pessoa em relação ao próprio corpo (*ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se, etc.*). Em seguida, pondera que no primeiro caso, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial, uma vez que não é mais possível perceber o sentido reflexivo da construção. No segundo caso, “costumam os autores chamar ao *se* pronome de realce ou expletivo” (p. 256).

O autor menciona, ainda, o caminho traçado pela construção reflexiva, tomando-se como base as considerações de Martinz de Aguiar, que observa a seguinte gradação: reflexivo → passivo → indeterminador. Segundo o autor, essa gradação explica-se da seguinte maneira:

1º caso – Pronome reflexivo: A função inicial e própria do pronome *se* é a de reflexivo, isto é, faz refletir sobre o sujeito a noção que ele mesmo praticou. Ex.: *O homem cortou-se*. Indica, pois, ao mesmo tempo, atividade e passividade. (...)

2º caso – Pronome apassivador: É o segundo estágio de evolução. Sendo reflexivo, o pronome indica, como vimos, atividade e passividade, e esta nos impressiona mais do que aquela, pelo que pode chegar a ser índice de passividade. Ex.: *Vendem-se casas. Fritam-se ovos*.

3º caso – Pronome indeterminador do agente: Como no segundo caso o agente nunca foi expresso na linguagem comum, tendo-se tornado obsoleto o seu emprego até na linguagem literária, o pronome *se* acabou por assumir a função de indeterminador do agente. Ex.: *Estuda-se. Dança-se*.

4º caso – Pronome indeterminador do sujeito de verbos intransitivos: Como, no terceiro caso, e como o agente oculto, não se dá objeto aos verbos, apesar de transitivos, e como o agente oculto, se presente, seria o sujeito, o pronome *se* pode vir a determinar o sujeito de verbos intransitivos. Ex.: *Dorme-se. Acorda-se*.

5º caso – Pronome indeterminador do sujeito de qualquer verbo: Como no caso anterior o pronome *se* determina o sujeito dos verbos intransitivos, pode, por extensão, determinar o sujeito de qualquer verbo, transitivo, intransitivo ou atributivo (isto é, de ligação). Ex.: *Está-se bem aqui. Quando se é bom. Vende-se casas. Frita-se ovos.* (*apud* Bechara, 1982: 255-256)

Cegalla (2000), por sua vez, observa nove contextos de uso do pronome “se”, sendo que cinco deles referem-se às distintas classificações do pronome reflexivo, a saber:

1. Pronome reflexivo, com função de objeto direto de verbos reflexivos:

(31) Se você está doente, trate-*se*.¹²

2. Pronome reflexivo com função de objeto indireto de verbos reflexivos:

(32) Ela impôs-*se* uma dieta severíssima.

3. Pronome reflexivo, com função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos:

(33) Os dois amam-*se* como irmãos. [um ama o outro]

4. Pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos:

(34) Os dois jovens deram-*se* provas de profunda amizade.

5. Pronome reflexivo, sujeito de um infinitivo:

(35) O cego deixa-*se* levar pelo guia. [*se*: sujeito de *levar*]

6. Pronome apassivador. Forma a voz passiva pronominal, juntando-*se* a verbos transitivos:

(36) Sabe-*se* que as línguas evoluem.

7. Índice de indeterminação do sujeito:

(37) Aqui *se* vive em paz. Pode-*se* andar, sem medo, pela cidade.

8. Palavra expletiva ou de realce.

(38) As moças sorriam-*se*, agradecidas.

9. Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado,

¹² Exemplos retirados de Cegalla (2000: 515, 516).

movimento, etc., como *queixar-se*, *arrepender-se*, *alegrar-se*, *converter-se*, *afastar-se* e outros verbos pronominais. O *se* que se associa a esses verbos não tem função sintática.

1.4.2 Kury (2003)

Kury (2003) acrescenta à classificação dos gramáticos normativos a noção da voz reflexiva ou medial. Na página 38, lê-se:

“Quando a ação denotada por um verbo transitivo direto é simultaneamente exercida e recebida pelo mesmo ser, diz-se que o verbo, então acompanhado de pronome, está na voz medial ou reflexiva: ‘*Narciso* contemplava-*se* na água’. [O objeto direto de *contemplava* (o pronome reflexivo *se*) representa a mesma pessoa do sujeito (*Narciso*)].”

O autor salienta que o termo “voz reflexiva” é genérico na gramática do português, e sistematiza, assim, outros casos:

a) Voz reflexiva: aparece exclusivamente com verbos transitivos diretos, que têm como objeto direto um pronome. Uma maneira de reconhecer um verbo na voz reflexiva é quando se pode acrescentar a expressão “a si mesmo”:

(39) Ele *se* penteia todos os dias de manhã.

b) Voz medial recíproca: o verbo é transitivo direto, tem sujeito simples no plural, e a ação expressa se distribui no pronome reflexivo objeto. Uma maneira de reconhecer um verbo na voz medial recíproca é acrescentar expressões do tipo “um ao outro”, “mutuamente”, “uns aos outros”:

(40) Os *amigos* cumprimentaram-*se* ao chegar na festa.

c) Voz medial dinâmica: acontece com verbos que exprimem ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa:

(41) Maria *deitou-se* na cama para descansar.

Em semelhança de:

(42) Maria deitou a filha na cama.

A voz medial dinâmica pode ocorrer também com verbos intransitivos (que também se usam sem pronome), sem qualquer idéia reflexiva, para exprimir movimento. Kury observa que “neste caso, o pronome é uma palavra expressiva, de realce, sem denominação especial na análise sintática” (p. 39):

(43) Foi-se embora tarde.

d) Voz média pronominal: neste contexto, o pronome aparece integrado no verbo, e encontra-se fossilizado, não possuindo nenhuma função sintática. O autor salienta que verbos desta categoria são considerados pronominais e nunca são conjugados sem o pronome:

(44) Arrependeu-se amargamente de sua decisão.

Outros verbos desta categoria citados pelo autor são: *queixar-se*, *orgulhar-se*, *atrever-se* e *lembrar-se*.

1.5 Considerações quanto às classificações e nomenclaturas do se

A classificação do pronome *se* é de extrema importância para a orientação das pesquisas que se propõem a trabalhar com o tema. Embora alvo de controvérsias, assume-se que o pronome ganhará devida classificação de acordo com os pressupostos teóricos sob os quais o pesquisador está trabalhando. Observe-se o quadro abaixo, que compara os diferentes pontos de vista explicitados na seção anterior:

Quadro 2: As funções do pronome *se* de acordo com alguns gramáticos.

Bechara (1982)	<ol style="list-style-type: none"> 1. sujeito de infinitivo; 2. objeto direto (voz reflexiva); 3. objeto indireto (voz reflexiva); 4. Acompanha verbos que expressam sentimento, movimento e atitudes da pessoa em relação ao próprio corpo.
Cegalla (2000)	<ol style="list-style-type: none"> 1. pronome reflexivo com função de objeto direto; 2. pronome reflexivo com função de objeto indireto; 3. pronome reflexivo com função de objeto direto de verbos reflexivos recíprocos; 4. pronome reflexivo e objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos; 5. pronome reflexivo, sujeito de infinitivo; 6. pronome apassivador; 7. índice de indeterminação do sujeito; 8. palavra expletiva de realce.
Kury (2003)	<ol style="list-style-type: none"> 1. voz reflexiva; 2. voz medial recíproca; 3. voz medial dinâmica; 4. voz média pronominal (não possui função sintática).

Retomando o que foi dito na seção 1.1, assume-se que a questão da presença ou da ausência do pronome deve ser tratada como um caso de variação linguística. Os trabalhos resenhados na seção 1.2 corroboram essa afirmação: os resultados de Veado (1980) mostraram somente um caso de “se” reflexivo, que foi tratado como empréstimo do dialeto urbano de São Paulo; além do mais, ao fazer as entrevistas, a autora deparou-se com problemas relativos à compreensão do “se” e concluiu que o pronome não faz parte do dialeto da comunidade de fala estudada. D’Albuquerque (1984), ao estudar o “se” recíproco e reflexivo nos dialetos de Manhuaçu e do Rio de Janeiro infere que o processo de mudança gramatical encontra-se mais avançado em Minas Gerais, onde foram encontrados somente 35% de presença do pronome reflexivo e 53% do pronome recíproco (ao passo que no Rio, os percentuais foram 81% e 88%, respectivamente). Rocha (1999) também se depara com expressivas porcentagens de apagamento do pronome em Ouro Preto, a saber: 44% de supressão do “se” reflexivo e 46% de supressão do falso reflexivo. Os fatores extralinguísticos idade e escolaridade mostraram-se relevantes para o resultado final. Melo (2005) encontrou 49% de apagamento no dialeto de Uberlândia e, por fim, Carvalho (2008), que, apesar de ter

obtido resultados praticamente categóricos em relação ao apagamento do pronome (98%), apresenta considerações relevantes sobre a classe dos verbos experienciais, descrevendo comportamentos sintático-semânticos e idiosincrasias dos verbos concernentes.

A presente pesquisa observará o comportamento do clítico *se* em contextos reflexivos e ergativos. Para tal, optou-se por considerar o pronome como “reflexivo” nas situações em que seja possível a substituição do pronome por “a si mesmo” e de “pseudo-reflexivo” nos contextos de ergativização. Observem-se os exemplos abaixo:

(45) Pedro *se* vestiu rapidamente.

(46) Maria *se* decepcionou com a atitude de Pedro.

Em (45), o verbo *vestir-se* pode ser substituído pela expressão “vestir a si mesmo”: Pedro vestiu a si mesmo rapidamente. O exemplo (46), por sua vez, apresenta um verbo causativo-ergativo (*decepcionar*) que exige o pronome *se* quando se encontra na forma ergativa. Desta maneira, verbos que, segundo Kemmer (1994, *apud* Lima, 2005) produziram um contexto de voz média (como *sentar-se* ou *preocupar-se*) ou que, segundo Rocha (1999) produziram pronomes “verdadeiros reflexivos” (como *pentear-se* ou *vestir-se*), serão tratados como verbos ergativos e os pronomes serão devidamente classificados.

Os verbos que permitem a propriedade da ergativização nem sempre requerem um pronome pseudo-reflexivo. O exemplo (45) acima, exhibe um verbo causativo-ergativo que exige um pronome reflexivo. Observem-se:

(47) A mãe vestiu os filhos com cuidado.

(48) a. Os filhos *se* vestiram rapidamente.

b. Os filhos vestiram *a si mesmos* rapidamente.

O contexto de ocorrência do verbo é um elemento essencial para uma classificação coerente. Este assunto será mais bem explorado no capítulo “Metodologia”.

2 OS VERBOS EXPERIENCIAIS E BENEFICIÁRIOS

2.1 A teoria dos papéis temáticos

O papel temático é uma propriedade semântica resultante da relação de sentido estabelecida pelo verbo e seu sujeito e complemento – seus argumentos. Tal relação atribui uma função semântica a esses argumentos. O conceito de papéis temáticos foi inicialmente proposto por Gruber (1965), Filmore (1968) e Jackendoff (1972), que propuseram uma lista de papéis. Mais tarde, Dowty (1989, 1991) buscou refinar o sistema. Baseando-se nos autores supracitados, Cançado (2005) elaborou uma lista geral e abrangente dos papéis temáticos, a saber ¹³:

a) Agente: o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle.

(49) *João* quebrou o vaso com um martelo

(50) *Maria* correu.

b) Causa: o desencadeador de alguma ação, sem controle.

(51) *As provas* preocupam *Maria*.

(52) *O sol* queimou a plantação.

c) Instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada.

(53) João colocou o vaso *com cola*.

d) Paciente: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado.

(54) João quebrou *o vaso*.

(55) O acidente machucou *Maria*.

e) Tema: a entidade deslocada por uma ação.

(56) João jogou *a bola* para *Maria*.

(57) *A bola* atingiu o alvo.

f) Experienciador: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico.

(58) *João* pensou em *Maria*.

¹³ Exemplos retirados de Cançado (2005: 113-114).

(59) *João* viu um pássaro.

(60) *João* ama *Maria*.

g) Beneficiário: a entidade que é beneficiada pela ação descrita.

(61) João pagou *Maria*.

(62) João deu um presente para *Maria*.

h) Objetivo (ou objeto estativo): a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo, ou seja afetada por algo.

(63) João leu *um livro*.

(64) João ama *Maria*.

i) Locativo: o lugar em que algo está situado ou acontece.

(65) Eu nasci em *Belo Horizonte*.

(66) O show aconteceu no *teatro*.

j) Alvo: a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.

(67) Sara jogou a bola *para o policial*.

(68) João contou piadas *para seus amigos*.

k) Fonte: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal, como no sentido metafórico.

(69) João voltou de *Paris*.

(70) João tirou aquela idéia do *artigo do Chomsky*.

Além dos papéis temáticos, Caçado (*ibid*) observa que há quatro propriedades semânticas relevantes para analisar a rede temática dos verbos: ser o *desencadeador* de um processo, ser *afetado* por um processo, estar em determinado *estado* e ter *controle* sobre um desencadeamento, processo ou estado.

As definições dos papéis temáticos de Caçado são de caráter intuitivo e não abrangem todos os tipos de verbos, o que conseqüentemente geraria redes temáticas mais ou menos complexas, influenciando na definição dos papéis. Isto demonstra o quão complexa é a teoria e o quão tênue é a linha entre a definição de um papel e outro.

Haegeman (1991:41) observa que “a teoria dos papéis temáticos é ainda muito imprecisa. Por exemplo, no atual estágio da teoria, não há consenso sobre quantos

papéis temáticos específicos existem e quais são seus rótulos” (*apud* Perini, 2008: 182). Dowty (1991) reforça:

“Não há talvez nenhum conceito na teoria sintática e semântica moderna que seja tão frequentemente envolvido em uma ampla variedade de contextos, mas sobre o qual haja tão pouco consenso sobre sua natureza e definição quanto o papel temático” (p. 547, *apud* Perini, 2008: 182).

Tal discrepância nas definições dos papéis temáticos pode ser exemplificada pela definição do papel *agente*. Para Fillmore (1968, *apud* Caçado, 2005), o agente seria um ente [+animado] responsável, voluntária ou involuntariamente, pela ação ou por desencadear o processo. Halliday (1967, *ibid*), define agente como o elemento controlador da ação, enquanto Chafe (1970, *ibid*), o define como “algo que realiza a ação, incluindo aí animados, forças naturais e inanimados” (*apud* Caçado, 2005: 115). Observe-se o exemplo abaixo:

(71) Maria quebrou a taça de cristal com o empurrão que levou.

Maria seria considerada o *agente* da ação de acordo com Fillmore e Chafe, mas não para Halliday, uma vez que *Maria* não teve controle sobre a ação.

2.2 Os verbos experienciais

Os verbos experienciais são aqueles que possuem um argumento experienciador e expressam eventos de emoção, cognição, sentimento e sensação. Os seguintes tipos verbais – e suas perífrases – foram considerados como parte da classe dos experienciais:

- a) Verbos de percepção: relacionam-se às funções desempenhadas pelos órgãos dos sentidos do corpo, por exemplo: *olhar, ver, ouvir, dar uma olhada*, etc.
- b) Verbos psicológicos: exprimem estado emocional, por exemplo: *intimidar, comover, preocupar, ficar preocupado, deixar nervoso, causar medo*, etc.
- c) Verbos físicos: denotam fenômenos físicos experimentados pelo corpo, por exemplo: *machucar, levantar, sentar, deitar, fazer uma maquiagem, dar uma arrumada, ficar velho*, etc.
- d) Verbos epistêmicos: relacionam-se às funções desempenhadas pelos órgãos

relacionados à cognição do corpo, por exemplo: *lembrar, estudar, dar uma estudada*, etc.

Assumiremos a noção de experienciador de Cançado (2005), que o define como o sujeito de uma experiência de um processo psicológico/ emocional, mental/ cognitivo, de percepção e de vontade. Observem-se os exemplos abaixo para verbos psicológicos:

(72) *Maria teme* o desemprego.

(73) O desemprego *preocupa* Pedro.

Em ambos os exemplos, *Maria* e *Pedro* são os experienciadores do evento, que ora se encontra na posição de sujeito sintático da frase (*Maria*), ora como objeto (*Pedro*). No exemplo (72) observa-se que *Maria* e *o desemprego* recebem a propriedade estativo (ou estado), pois, segundo Cançado (*ibid*), essa propriedade infere que o evento não se altera durante um intervalo de tempo. No exemplo (73), *o desemprego* recebe a propriedade desencadeador do processo uma vez que *Pedro* recebe a propriedade afetado do processo. Note-se, também, que ao argumento *Pedro* é conferido a propriedade controle, pois *Pedro* pode deixar de se preocupar com *o desemprego* a qualquer momento. Observem-se os exemplos para os outros tipos verbais:

(74) *Maria sempre ouve* música de manhã.

(75) Pedro não *se lembra* dos compromissos importantes.

(76) *Maria se machucou* no acidente.

O exemplo (74) remete-se aos verbos de percepção, e confere o papel temático estado/ percepção ao argumento *Maria*. O exemplo (75) ilustra um verbo da classe dos epistêmicos, e atribui a *Pedro* o papel temático estado/ cognitivo. Finalmente, representando a classe dos físicos, o exemplo (76) confere à *Maria* o papel temático de afetado/ físico.

Dessa maneira, observa-se que os papéis temáticos relacionados ao experienciador de cada tipo verbal são: afetado/ físico (para os verbos físicos); estado/ psicológico ou afetado/ psicológico (para os verbos psicológicos); estado/ percepção (para os verbos de

percepção) e estado/ cognitivo (para os verbos de cognição). Tal definição se faz útil na fase de classificação dos verbos selecionados para a análise. Na fase da análise, porém, o argumento experienciador será tratado como argumento “afetado ou estativo”.

2.2.1 O subgrupo “outros”

O subgrupo “outros” foi inicialmente criado para abranger aqueles verbos e presentes no *corpus* que possuem características de verbos experienciais, isto é, verbos que possuem um argumento afetado ou estativo e que expressam eventos de emoção, cognição, sentimento ou sensação, mas que não se encaixam em nenhum dos subgrupos já definidos: psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção.

Após o término da análise dos dados, observaram-se algumas características semânticas desses verbos que tornaram possível um agrupamento mais cuidadoso dos mesmos. Optou-se por dividi-los em diferentes grupos, a saber:

1. Verbos do tipo *adaptar*.

Os verbos desta classe denotam mudança de estado ou status. Apresentam-se preferencialmente na forma sintética, mas aceitam construções na forma analítica. Aceitam a alternância causativo-ergativa. Fazem parte deste grupo os verbos: *acostumar, adaptar, adequar, alterar, casar, concretizar, copiar, empobrecer, encaixar, entrosar, estabilizar, formar, inserir, mudar* (no sentido de alterar, modificar), *melhorar, terminar e tornar*.

2. Verbos do tipo *opinar*

Os verbos desta classe remetem à ação de evocar, dar opinião ou expressar-se. A maioria não aceita a alternância causativo-ergativa. Apesar de aceitarem construções de forma sintética, no *corpus* apresentaram-se em sua maioria na forma analítica. Fazem parte deste grupo os verbos: *apresentar, chamar, enfatizar, explicar, focar, opinar, palpitar, posicionar, propor, repercutir e responder*.

3. Verbos do tipo *controlar*

Os verbos pertencentes a esta classe são aqueles que denotam eventos de controle ou restrição. Aceitam a alternância causativo-ergativa e as construções analíticas. Fazem parte deste grupo os verbos *controlar* e *restringir*.

4. Verbos do tipo *comparar*

Os verbos deste grupo envolvem eventos de comparação. Podem aceitar a alternância causativo-ergativa e aceitam as formas analíticas. Constituem este grupo os verbos: *comparar*, *diferenciar* e *igualar*.

5. Verbos do tipo *trabalhar*

Os verbos deste grupo transcendem os limites que separam os verbos físicos dos epistêmicos. A maioria não aceita a alternância causativo-ergativa, pois são inergativos. Aceitam construções analíticas e, no *corpus* analisado, não apresentaram contexto de pronome. Fazem parte deste grupo os verbos: *estagiar*, *ocupar* e *trabalhar*.

6. Verbos do tipo *juntar*

Os verbos pertencentes a este grupo transcendem as delimitações dos verbos físicos e beneficiários. Aceitam a alternância causativo-ergativa e as construções analíticas. Fazem parte deste grupo os verbos: *juntar*, *organizar*, *reunir* e *unir*.

7. Verbos do tipo *relacionar*

Os verbos reunidos neste grupo transcendem as delimitações dos verbos físicos e psicológicos. Eles aceitam a alternância causativo-ergativa e construções analíticas. Constituem este grupo os verbos: *relacionar* e *trancar* (não se manifestar, fechar-se).

2.3 Os verbos beneficiários

Os verbos beneficiários, ao contrário dos experienciais, não selecionam um argumento *experienciador*. Verbos beneficiários são aqueles que possuem um argumento *beneficiário*, que pode ser favorecido ou desfavorecido, dependendo do evento. Cançado (2000) sustenta que o argumento beneficiário deve apresentar as seguintes características semânticas: ser afetado pelo processo, ter interesse no processo, ser animado e ter o controle do processo. Wenceslau (2003:39) refina a definição de Cançado e estabelece o papel temático beneficiário como “um argumento acarretado

lexicalmente pelo verbo, o verbo, que contenha as propriedades semânticas *ser afetado* e *ser (des)favorecido* por um processo”. Observe-se o exemplo abaixo:

(77) Pedro *perdeu* as chaves de casa.

Nessa frase, note-se que ao argumento *Pedro* é conferido o papel temático de afetado, desfavorecido, estativo e sem controle. Assim como nos verbos experienciais, o argumento beneficiário também será tratado como argumento afetado ou estativo na fase de análise dos dados.

Wenceslau (2003) classifica os verbos beneficiários e os divide em quatro classes. Essas classes foram elaboradas a partir da observação do comportamento de cada verbo beneficiário analisado. No que concerne à propriedade de ergativização, o autor encontrou poucos verbos que admitem essa propriedade e, em relação ao uso do pronome *se* nas construções ergativas, observou a possibilidade de uma dupla interpretação devido à ambiguidade das construções ¹⁴:

- (78) a. Ana acomodou os parentes.
 b. Os parentes acomodaram.
 c. ? Os parentes se acomodaram.

No exemplo (78a), *Ana* recebe o papel temático de desencadeador do processo, com controle, e *os parentes*, o papel de afetado-favorecido. Em (78b), observam-se as mesmas propriedades. Em (78c), entretanto, há uma leitura ambígua, em que o sujeito *os parentes* torna-se um desencadeador-afetado-favorecido com controle.

As divergências de interpretação do pronome também ocorrem com verbos de outras categorias, a saber:

- (79) a. Ao descascar uma laranja, a faca *cortou* o dedo de Maria.
 b. Maria *se cortou* [com a faca] ao descascar uma laranja.
 c. Maria *se cortou* com uma faca com a intenção de se matar.

14 Exemplos retirados de Wenceslau (2003:64).

Nas frases acima, observa-se a interpretação do verbo físico *cortar* como: (79a) causativa; (79b) ergativa e (79c) reflexiva (na qual o pronome *se* pode ser substituído por “a si mesma”). Reforça-se, neste ponto da interpretação dos dados, a observação cuidadosa do contexto das ocorrências, para se evitarem situações em que a leitura de uma frase se torna ambígua.

3 METODOLOGIA

PARTE I: VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Esta seção engloba a literatura que concerne ao tema “variação e mudança linguística”. Será explicitada a teoria que rege os estudos de variação e mudança linguística e os assuntos relacionados: estudo de painel e tendência e os pressupostos da difusão lexical.

3.1 A variação e a mudança linguística

A teoria da variação e mudança linguística consiste em “um modelo teórico-metodológico que assume o ‘caos’ linguístico como objeto de estudo” (Tarallo, 2003). Este modelo foi introduzido por Labov (1972), e propõe a relação entre língua e sociedade como princípio para os estudos linguísticos. O autor abandona a dicotomia saussuriana língua/ fala – retomada, de certa forma, por Chomsky como competência/ desempenho para compor o modelo gerativo – e se baseia na concepção de língua como fator social e não “pluri-individual” como propunha Saussure (cf. Calvet, 2002). Assim, assume-se que o objeto de estudo principal da teoria da variação e mudança é a fala dos indivíduos dentro de uma comunidade. Este novo modelo de análise linguística é também chamado de “sociolinguística quantitativa”.

Em resposta à crença de que a variação na língua se dá de forma não sistemática (“caos linguístico”), Weinreich, Labov & Herzog (1968) assumem que nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe uma variação¹⁵. Seria necessário, então, descobrir quais as regras que regem a mudança e quais os fatores que a influenciam.

Labov (1972) observa a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas

¹⁵ “Not all variability and heterogeneity in language structure involves change; but all change involves variability and heterogeneity” (p. 188).

comunidades de fala e as considera processos naturais, pois são o resultado da influência das peculiaridades de cada falante (idioleto), de fatores linguísticos internos (inerentes à língua) e de um conjunto de fatores externos (que não são ligados à língua, como classe social, escolaridade, gênero e idade). Labov se dedicou a diversas pesquisas com caráter sociolinguístico, a saber: o estudo sobre o inglês em Martha's Vineyard, estudos sobre a estratificação social do inglês falado em Nova York, estudos sobre o inglês falado na Filadélfia, entre outros.

Os resultados de pesquisas sociolinguísticas empíricas levaram Weinreich, Labov e Herzog (1968) a apresentarem cinco problemas relacionados com o processo de mudança linguística:

1. O problema da restrição – o que condiciona a mudança em uma comunidade linguística e não em outra, em uma estrutura e não em outra.
2. O problema da transição – o rumo que a língua toma a partir do momento em que se inicia a variação. De acordo com Weinreich *et alli.*, a mudança linguística ocorre (i) quando o falante aprende uma forma alternativa, (ii) quando as duas formas sobrevivem em contato e (iii) quando uma das formas se torna obsoleta. O problema da transição diz respeito à questão do espraiamento da mudança linguística na comunidade de fala.
3. O problema do encaixamento – o encaixamento linguístico da nova estrutura, que é feito de forma lenta e gradual, e o encaixamento social desta nova estrutura dentro da comunidade de fala, que leva em consideração fatores extralinguísticos como idade, escolaridade e classe social.
4. O problema da avaliação – como os membros da comunidade de fala reagem às mudanças em progresso.
5. O problema da implementação – como a nova estrutura se implementa na comunidade; quais são os fatores responsáveis pela implementação da mudança.

O quinto problema especificamente é o que mais nos concerne na presente pesquisa. Como visto no capítulo 1, as pesquisas de Madureira (2000, 2002), Dogliani (2006, 2007) e Carvalho (2008) observaram a relevância de se levar em consideração o comportamento dos itens lexicais no que diz respeito ao processo de apagamento do

clítico “se”, pois o comportamento idiossincrático dos itens poderia esclarecer a implementação da mudança linguística.

3.2 Estudo de painel e estudo de tendência

De acordo com Chambers (2002) ¹⁶, a mudança linguística não precisa ser estudada somente depois de seu acontecimento, pois pode ser observada em progresso. Em outras palavras, a mudança linguística pode ser observada em tempo aparente ou em tempo real. A pesquisa com o foco no tempo aparente visa à distribuição das variáveis linguísticas por faixas etárias. Acredita-se que as diferenças linguísticas observadas no comportamento linguístico dos falantes em uma dada comunidade e em um dado momento refletem um estágio da mudança da língua. A pesquisa com foco no tempo real busca solucionar questionamentos acerca da mudança linguística baseando-se em um recorte sincrônico de tempo.

A análise do tempo aparente leva os linguistas a compreender o que pode ter acontecido no tempo real. Paiva e Duarte (2003: 181), retomando Labov (1994), observam que “a combinação de evidências no tempo aparente e no tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso”. Por fim, Labov (1994: 77) sugere que os dados do tempo aparente “sejam relacionados com os do tempo real, para se reconstruir a cronologia das várias etapas da mudança e para se correlacionar essa cronologia com as características sociolinguísticas de cada estágio”. ¹⁷

A mudança em progresso é aquela que ainda não foi completada; pode ser uma forma linguística, por exemplo, que co-exista com uma ou mais formas, antes de se estabelecer por completo em uma comunidade de fala. A análise da mudança em progresso nos traz soluções para os problemas que dizem respeito à mudança linguística.

O princípio uniformitário, exposto por Labov (1972: 275), postula que “as forças que atuam para produzir a mudança linguística no presente são do mesmo tipo e da mesma

¹⁶ “Central to the variationist program has been the revelation that language change need not be observed ‘after the fact’ but can be viewed in progress.”

¹⁷ “Once the data from apparent time have been correlated with real-time data, it is possible to reconstruct a chronology of the various steps, and to correlate this chronology with the sociolinguistic characteristics of each stage.”

ordem de magnitude das que atuaram há cinco ou dez mil anos”¹⁸. Entretanto, o princípio uniformitário não consiste em simplesmente transferir dados do presente para o passado, ou vice-versa. O autor observa que o uso do presente para explicar o passado depende não somente de novos métodos e dados, como também de localizar pontos de contato e similaridade entre o presente e o passado que justificariam a aplicação de novos dados (1994:20).¹⁹

O estudo de tendência, segundo Paiva e Duarte (2003), se baseia na comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, em dois momentos de tempo. O estudo de painel, por sua vez, consiste no recontato e na obtenção de uma amostra de fala de indivíduos gravados há algum tempo e separados por um período de tempo. O estudo de tendência analisa a comunidade enquanto o estudo de painel se volta para o indivíduo.

Entretanto, cada tipo de pesquisa pode apresentar algum tipo de restrição. Para Labov (1994: 84), um estudo de painel

“(…) detecta as condições em que o indivíduo muda ou fica estável: gradação por idade e mudança na comunidade. Entretanto, um estudo de painel por si só não irá diferenciar entre esses dois, ou entre estabilidade e mudança entre gerações, uma vez que ele não fornece uma visão da comunidade, exceto através do comportamento dos mesmos indivíduos”²⁰

Em contrapartida, o autor pondera que um estudo de tendência

“(…) detectará o comportamento instável dos indivíduos e distinguir as comunidades estáveis das instáveis (...) e, neste sentido, o estudo de tendência seria a melhor abordagem para coletar dados acerca da mudança

¹⁸ “(...) *the forces operating to produce linguistic change today are of the same kind and order of magnitude as those which operated in the past five or ten thousand years.*” (Tradução nossa).

¹⁹ “*The use of the present to explain the past then depends not only on new methods and new data, but also on locating points of contact and similarity between the present and the past that would justify the application of the new data.*” (Tradução nossa).

²⁰ “(...) *will detect conditions where the individual either changes or is stable: age-grading and communal change. But a panel study by itself will not differentiate between these two, or between stability and generational change, since it provides no view of the community except through the behavior of the same individuals*” (Tradução nossa).

linguística. Há somente uma limitação: ela não produz informações sobre o comportamento dos indivíduos através do tempo. Tal informação, fornecida pelos estudos de painel, é essencial para a interpretação de estudos em que pouco ou nenhum dado está disponível”²¹

Paiva e Duarte (*op. cit.*) acreditam que a técnica ideal para acompanhar as fases da mudança linguística seria comparar as amostras distintas de uma mesma comunidade de fala (estudo de tendência) e dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um lapso de tempo (estudo de painel). A presente pesquisa terá como base o estudo de tendência, uma vez que foi escolhida uma comunidade de fala já estudada no passado em Madureira (2000, 2002) e pretende-se observar as mudanças de comportamento dos informantes ao longo dos anos que compreendem o período da coleta de dados da autora (década de 1980) e aquele da coleta dos dados para a análise deste estudo.

Apesar dos esclarecimentos acerca da mudança linguística, os linguistas ainda tentam desvendar a implementação da mudança linguística. Os modelos apresentados na seção seguinte buscam lançar luz sobre as indagações frequentes sobre a variação e a mudança linguística.

3.3 O modelo neogramático e o modelo da difusão lexical

Os linguistas históricos assumem que as mudanças fonológicas atingem os fonemas e não as palavras. Osthoff e Brugmann (1878, *apud* Labov, 1994) afirmam que as mudanças fonéticas acontecem de acordo com leis que não admitem exceção, ou seja, quando um som muda em determinado contexto fonético, ele afeta todas as palavras que ilustram o contexto relevante. Este pensamento reflete o que defendem os neogramáticos: a lei fonética como princípio absoluto. As três características centrais da mudança sonora neogramática são: regularidade lexical, caráter gradual e condicionamento fonético.

²¹ “(...) will both detect unstable behavior of individuals and distinguish stable from unstable communities (...) and on that sense, the trend study would be the best possible approach to gathering data on linguistic change. It has only one limitation: it produces no information on the behavior of individuals over time. That information, provided by panel studies, is essential for interpreting the many studies where little or no real-time data are available” (p. 85). (Tradução nossa)

Porém, há mudanças que não podem ser tratadas como foneticamente condicionadas e exceções que não podem se explicar por empréstimo ou analogia, como justificam os neogramáticos.

Em 1969, Wang sugeriu que as exceções na mudança regular de sons poderiam ser causadas por uma operação de sobreposição de duas regras. As irregularidades, então, seriam o resultado de duas mudanças sonoras regulares ao invés de uma competição de mudança e analogia. Wang e Cheng (1977, *apud* Labov, 1994) propõem um modelo diferente para explicar a mudança linguística: a mudança é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual. Essa concepção é chamada de difusão lexical.

Wang (1979)²² acredita que a concepção neogramática de mudança linguística provavelmente continuará a fazer parte da verdade. Wang e Lien²³ reinterpretam a posição neogramática como a descrição do resultado (*output*) de uma mudança e não o processo de mudança em si. Eles retornam à posição de Chen e Wang (1975)²⁴, em que a difusão lexical é “um mecanismo básico na implementação da mudança fonética”.

Chen e Wang apresentaram sua teoria da difusão lexical em uma estrutura fortemente alinhada com aquela de Weinreich, Labov e Herzog (1968): os fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística devem incluir a capacidade de lidar com a “heterogeneidade ordenada” que é a característica fundamental da língua.

A hipótese de que a mudança linguística se implementa através dos itens lexicais e não automaticamente através dos sons nos leva a refletir sobre algumas questões subjacentes. Uma das primeiras questões que surge é: afinal, quais são as características dos itens lexicais mais propensos a serem atingidos primeiro por uma mudança sonora? Oliveira (1992) sugere que as palavras afetadas em primeiro lugar contêm traços [+comum], [+estilo formal] e [+contexto fonético natural para inovação]. Oliveira (1995) aponta a frequência como uma característica que justifica a escolha das primeiras “vítimas lexicais” de uma mudança, e propõe que traços como [+/- frequente] e/ou [+/- formal] sejam também atribuídos nos itens lexicais. O traço [frequência] deve ser

²² *apud* Labov, 1994.

²³ (no prelo, *apud* Labov, 1994).

²⁴ *apud* Labov (1994).

atribuído a um item léxico como uma função da frequência do contexto onde este item vai ocorrer. O traço [formalidade], por sua vez, deve ser derivado da empatia entre o falante e o contexto onde sua fala é produzida.

Whitaker-Franchi (1989: 134) observa que o léxico atual de uma língua “especializa os itens verbais para expressar uma diátese determinada e, pois, determinadas perspectivas”. Desta maneira, o léxico assumiria o papel de um “mediador, um filtro, entre as inúmeras representações semânticas possíveis, selecionando projeções sintáticas determinadas”.

Além da influência da difusão lexical nas mudanças fonológicas estudadas por Oliveira (1992, 1995), esta também pode ser ilustrada por pesquisas na área da sintaxe, como em Mollica (1992) e seu estudo sobre o “queísmo” e o “dequeísmo”. A autora discute a possibilidade de aplicação do modelo da difusão lexical para explicar o fenômeno e mostra a importância dos traços [frequência] e [formalidade] na implementação do “queísmo” e do “dequeísmo”. Na interface sintaxe-semântica, a pesquisa de Carvalho (2008) comprova as evidências de que os itens lexicais regulam a implementação, atuando individualmente ou nas classes semânticas. Ao estudar a propriedade da ergativização nos verbos experienciais, Dogliani (2009) propõe que a frequência de uso de determinadas construções perifrásticas estabelece novos papéis temáticos que, gradualmente licenciam a alternância, cujo espraiamento se dá por difusão semântica e lexical.

PARTE II: AMOSTRA E COLETA DOS DADOS

Os aspectos sociais da comunidade linguística devem ser levados em consideração para que seja possível entender a mudança linguística. Tais fatores (idade, gênero, classe social, nível de escolaridade, ocupação profissional, região geográfica, etc.) são denominados *fatores extralinguísticos* ou *externos*. Fatores estritamente *linguísticos*, ou seja, que dizem respeito à estrutura da língua, são também chamados de *fatores internos*.

Esta parte do capítulo trata da descrição da coleta dos dados: os critérios da seleção dos informantes, os fatores extralinguísticos e internos adotados na pesquisa, a codificação dos dados e uma breve introdução à cidade de Belo Horizonte.

3.1 A seleção dos informantes

A pesquisa de campo caracteriza-se basicamente pela coleta de dados obtidos através de entrevistas que, segundo Labov (1984), são o único meio de obter a quantidade e a qualidade de amostra linguística necessárias para a análise quantitativa. As entrevistas foram gravadas com o consentimento prévio do informante, que assinaram uma autorização para uso e divulgação dos dados. O objeto de estudo em momento algum foi revelado aos informantes; esses sabiam somente que a pesquisa tem por objetivo a coleta de dados linguísticos advindos de moradores de Belo Horizonte, para comparação com a fala de moradores de outras cidades e regiões.

Ao todo, 24 informantes nascidos e criados em Belo Horizonte foram entrevistados. Destes 24, 12 são do gênero feminino e 12 do gênero masculino. Foram considerados 2 grupos de faixas etárias: o grupo 1 (G1 – informantes de 19 a 25 anos) e o grupo 2 (G2 – informantes de 35 a 45 anos). Também foram considerados dois níveis de escolaridade: ensino médio completo e ensino superior (em curso ou completo). A tabela seguinte ilustra a distribuição dos informantes de acordo com os fatores extralinguísticos:

Tabela 1: Distribuição dos informantes de acordo com os fatores extralinguísticos.

Gênero dos informantes	G1 Médio	G 1 Superior	G2 Médio	G2 Superior	Total de Informantes
Masculino	3	3	3	3	12
Feminino	3	3	3	3	12
Total	6	6	6	6	24

As entrevistas gravadas somam um total de, aproximadamente, 22 horas e 38 minutos; 12 das entrevistas foram feitas pela autora da dissertação e as outras 12 por outra pesquisadora que manteve os mesmos critérios de seleção dos informantes. É importante ressaltar que, apesar de haver um roteiro guiado que induzisse o informante a produzir as construções desejadas, a entrevista realizou-se no ritmo do entrevistado para que, assim, fosse possível obter a amostra linguística desejada: o vernáculo.

3.2 Os fatores internos

3.2.1 As ocorrências sintéticas e analíticas

Os 1.419 dados que compõem este estudo foram divididos em três grupos, analisados separadamente, porém, sob os mesmos critérios. O grupo das ocorrências de forma sintética (formas verbais dicionarizadas) soma um total de 970 dados e divide-se em: a) ocorrências que têm contexto de pronome (556 ocorrências) e b) ocorrências causativas, causativo-ergativas e inergativas que não têm contexto de pronome (414 ocorrências). O grupo que engloba as ocorrências de forma analítica totaliza 449 dados. A seguir, observe-se mais detalhadamente o que foi analisado em cada grupo.

3.2.1.1 A ocorrências sintéticas com contexto de pronome

Foram consideradas todas as estruturas sintéticas de verbos que aceitam a alternância causativo-ergativa e que apresentam o contexto do pronome. Os exemplos (80) e (81) ilustram tal contexto através dos verbos *interessar* e *formar*.

(80) Eu realmente não *me interessava* (Informante 3)

(81) Eu acho que vou *formar* em Jornalismo (Informante 3)

Desta maneira, ocorrências que apresentaram verbos que não admitem a alternância causativo-ergativa ou pronome com contexto de indeterminação do sujeito foram excluídas. As ocorrências (82) e (83) abaixo ilustram a primeira situação através os verbos *arrepender-se* e *suicidar-se* e as ocorrências (84) e (85) ilustram contextos de indeterminação do sujeito:

(82) Eu até *me arrependo* muito de fazer o que eu (...) não fiz (informante 1)

(83) Eu conheço três pessoas que *suicidaram* (informante 18)

(84) Tudo que *se faz* na praia né? (informante 12)

(85) (...) com tanta coisa pra poder *se falar* (informante 24)

3.2.1.2 A ocorrências sintéticas sem contexto de pronome

As ocorrências sintéticas sem contexto de pronome englobam estruturas inergativas e aquelas que aceitam ou não a alternância causativo-ergativa, contanto que sejam pertencentes às classes dos verbos experienciais ou beneficiários. Observem-se os exemplos abaixo:

(86) Ele *acostumou* um colega a não trabalhar. (Informante 7)

(87) ... esse negócio de fumaça de cigarro me *estressa*. (Informante 8)

(88) tem algum programa pra *incentivar* esse menino a ler... (Informante 2)

(89) Eles *olham* mais ou menos o que que você dá. (Informante 11)

Os exemplos (86) e (87) retratam os verbos *acostumar* e *estressar* que aceitam a alternância causativo-ergativa (a medida que é possível dizer “o *colega acostumou-se a não trabalhar*” e “*eu me estresso com fumaça de cigarro*”). O exemplo seguinte ilustra o verbo *incentivar*, que só aceita a leitura causativa. O exemplo (89), em contrapartida, ilustra o verbo *olhar*, que só aceita a leitura inergativa.

Segundo Ciríaco & Cançado (2004), verbos tradicionalmente tratados como intransitivos (como *olhar*) são divididos em dois tipos distintos: os inacusativos e os inergativos. Ambos possuem um único argumento na posição de sujeito e as divergências entre as classes constituem-se na questão da estrutura argumental. As autoras observam que “os verbos inergativos possuem um argumento externo, mas nenhum argumento interno direto; enquanto os inacusativos possuem um argumento interno direto e nenhum argumento externo” (p. 207).

Baseando-se nas características que verbos inergativos e inacusativos têm em comum (desencadeador e afetado), optou-se por utilizar o termo “inergativo” para todos os verbos que acarretam as propriedades *ser desencadeador de um processo e ser afetado por esse processo*.

3.2.1.3 As ocorrências analíticas

Os trabalhos de Madureira (2000, 2002) observaram, dentro do processo de ergativização, a variação das realizações morfológicas dos verbos psicológicos que se realizavam em estruturas semanticamente equivalentes, através de realizações perifrásticas, que a autora denominou “construções analíticas”. Em outras palavras, o verbo “preocupar-se”, por exemplo, seria frequentemente substituído por “ficar preocupado”. A autora considera os seguintes tipos de construções analíticas (Madureira, 2000: 139):

- Estar + particípio passado
- Ficar + particípio passado
- Ser + particípio passado
- Ter + substantivo correspondente ao verbo
- Achar + adjetivo
- Deixar + adjetivo
- Tomar + substantivo
- Dar + substantivo
- Estar com + substantivo
- Fazer/ meter + substantivo

- Ficar em + substantivo
- Ficar com + substantivo
- Morrer de + substantivo
- Passar + substantivo
- Pedir (desculpas)
- Perder + substantivo
- Impor/ manter (o respeito)
- Sentir + substantivo
- Sentir-se + adjetivo
- Ser (uma decepção)

A autora ressalta que, na medida em que as construções analíticas são usadas com o mesmo valor de verdade que as formas verbais (construções sintéticas), o contexto das formas pronominais se vê reduzido. Essa hipótese se reforça em seus estudos posteriores: Dogliani (2006 e 2007), e também orientará a presente pesquisa no que concerne à análise do uso do pronome.

Ainda a respeito das construções analíticas, Dogliani (2009) pondera que “as condições que licenciam a ergativização entre os verbos experienciais no português brasileiro constroem-se gradualmente e são identificáveis através da análise de construções perifrásticas que se relacionam ao verbo através de itens cognatos”. A autora propõe que a frequência de uso de determinadas construções instaura novos papéis temáticos que, gradualmente licenciam a alternância, cujo espraiamento se dá por difusão semântica e lexical.

As estruturas analíticas consideradas na presente análise abrangem somente aquelas que possuem uma estrutura correspondente dicionarizada, ou seja, perífrases do tipo *ficar alegre* e *ficar revoltado* correspondem a, respectivamente, *alegrar-se* e *revoltar-se*. Entretanto, as perífrases do tipo *deixar feliz* ou *ter saudade* não foram incluídas no *corpus* por não possuírem um correspondente de forma sintética. A seguir, observem-se alguns exemplos de ocorrências analíticas pertencentes ao *corpus*:

(90) eu *fico indignado* com esses políticos (Informante 4)

(91) se eu tivesse *mantido a calma* (Informante 24)

O exemplo (90) ilustra o verbo *indignar* através da perífrase *ficar indignado*. O exemplo seguinte, ilustra o verbo *acalmar* através da perífrase *manter a calma*. As construções analíticas que compõem o *corpus* analisado são:

1) Ficar

Ficar apavorado, ficar ansioso, ficar chateado, ficar com inveja, ficar constipado, ficar decepcionado, ficar doido, ficar com raiva, ficar em conflito, ficar nervoso, ficar velho, ficar pobre, ficar revoltado, ficar indignado, ficar preocupado, ficar entalada, ficar livre, ficar hospedado, ficar paralisado, ficar motivado, ficar calado, ficar pior, ficar descontrolado, ficar com dúvida, ficar ressabiado, ficar enciumado, ficar complicado, ficar cego, ficar apaixonado, ficar assustado, ficar frustrado, ficar desesperado, ficar repetitivo, ficar triste, ficar impressionado, ficar despreocupado, ficar traumatizado, ficar com nojo, ficar afastado, ficar forte, ficar enfurecido, ficar sossegado, ficar angustiado, ficar amarelo, ficar com alegria, ficar estressado, ficar orgulhoso, ficar desnorteado, ficar com cisma, ficar desorientado, ficar retraído, ficar tranquilo.

2) Dar

Dar uma descansada, dar valor, dar incentivo, dar uma produzida, dar uma arrumada, dar treinamento, dar uma estudada, dar uma olhada, dar palpite, dar alegria, dar beijo, dar uma relaxada, dar recomendação, dar opinião, dar preferência, dar uma surra, dar resposta, dar educação, dar foco, dar abatimento (no sentido de abater-se), dar importância, dar um susto, dar alimentação, dar uma repercussão, dar uma tirada, dar um concerto, dar tiro, dar uma organizada, dar notícia.

3) Fazer

Fazer uma maquiagem, fazer uma escolha, fazer traição, fazer decepção, fazer trabalho, fazer inscrição, fazer um questionamento, fazer doutorado, fazer uma pressão, fazer uma comparação, fazer uma avaliação, fazer planos, fazer conta, fazer raiva, fazer um teste, fazer esboço, fazer especialização, fazer passeio, fazer visita, fazer um lanche, fazer estágio.

4) Ter

Ter um apoio, ter costume, ter mágoa, ter cuidado, ter interesse, ter pretensão, ter um surto, ter pavor, ter preocupação, ter (uma) convivência, ter medo, ter uma profissionalização, ter rejeição, ter um relacionamento, ter admiração, ter treinamento, ter enjoo, ter uma reconstituição, ter inveja, ter uma decepção, ter carência, ter paciência, ter resistência, ter aceitação, ter dilatação, ter necessidade, ter confiança, ter reunião (no sentido de reunir-se), ter vergonha.

5) Ser

Ser eleito, ser encaixado, ser falecido, ser diferente, ser dolorido, ser repetitivo, ser carente, ser submetido, ser preocupado, ser doído, ser privilegiado.

6) Estar

Estar preocupado, estar transparente, estar carente, estar junto, estar com interesse, estar enjoada, estar acostumado, estar aberto, estar esclarecido, estar cansado.

7) Sofrer

Sofrer um acidente, sofrer depressão.

8) Manter

Manter ocupado, manter a calma.

9) Botar

Botar de castigo.

10) Arrumar

Arrumar casamento.

11) Chegar

Chegar à conclusão.

12) Pedir

Pedir desculpas

13) Virar

Virar especialista

14) Colocar

Colocar de castigo, colocar culpa, colocar dificuldade, colocar medo.

15) Pegar

Pegar uma doença, pegar de sequestro.

16) Causar

Causar ojeriza

17) Passar

Passar informação, passar-se de vítima, passar um susto.

18) Entrar

Entrar em desespero.

19) Aplicar

Aplicar um castigo, aplicar anestesia

20) Tomar

Tomar banho, tomar bomba, tomar um choque, tomar posição.

21) Deixar

Deixar alegre, deixar com raiva, deixar estagnado, deixar desiludido, deixar preocupado, deixar nervoso, deixar assustado, deixar nervoso, deixar revoltado, deixar frouxo.

22) Sentir

Sentir receio, sentir necessidade, sentir intimidada, sentir medo.

23) Atingir

Atingir a maturidade.

24) Ganhar
Ganhar força.

25) Morrer
Morrer de medo.

26) Pôr
Pôr em risco.

27) Entrar
Entrar em caos.

28) Tratar
Tratar mal.

29) Correr
Correr risco.

3.2.2 A presença/ ausência do clítico *se*

A presença/ ausência do pronome *se* foi o objeto da segunda parte da análise dos dados. Nas ocorrências de forma analítica, o fator correspondente considerado foi “presença/ ausência de contexto de pronome”. Observem-se os exemplos abaixo:

(92) dá pra você *se adaptar* (Informante 1)

(93) vários lugares pra gente poder *distrair* (Informante 1)

(94) eu *fico decepcionado* também (Informante 3)

(95) quando cê vai *ficando mais velho* . (Informante 4)

Nos exemplos (92) e (93), tem-se ocorrências de forma sintética que apresentam, respectivamente, o pronome *se* e o apagamento do mesmo. A ocorrência analítica “fico decepcionado”, corresponde à forma sintética *decepcionar-se*, que apresenta o contexto

do pronome *se*. Em contrapartida, a ocorrência “ficando mais velho” corresponde à forma sintética *envelhecer* que, por sua vez, não apresenta contexto de pronome.

3.2.3 A classificação dos verbos/ estruturas analíticas

Foram considerados todos os verbos contemplados como experienciais que denotam eventos de cognição (epistêmicos) e de emoção e sensação (verbos de percepção, físicos e psicológicos). Consideraram-se, também, verbos beneficiários.

Foi encontrado, igualmente, um expressivo número de ocorrências com verbos que denotam experiência, porém, que não se encaixaram nas subclasses supracitadas. Esses verbos foram classificados como “outros”.

3.2.3.1 Algumas considerações quanto à classificação dos verbos

Por ser uma análise de cunho sintático-semântico, não se poderiam ignorar certas divergências na classificação verbal, uma vez que o critério utilizado foi o semântico. Uma das questões que mais se destacaram foi o comportamento de alguns verbos que ora se apresentam como físicos, ora como psicológicos, como nos exemplos a seguir:

(96) a gente *machuca*, mas [a vida] é boa demais (Informante 19)

(97) eu pago seguro é pra isso, né? Agora, se eu *machucasse* (Informante 10)

(98) E realmente *enjoa* [na gravidez] eu não *tive* não (Informante 12)

(99) aí eu *enjoei* do meu [celular] vou lá e troco com ela (Informante 14)

Os verbos *machucar* e *enjoar* são exemplos de verbos que se comportam ora como físicos (exemplos 97 e 98) ora como psicológicos (exemplos 96 e 99). De acordo com Houaiss (2001), têm-se as definições:

Machucar: 5. t.d. e pron. – causar ferimento em (alguém ou si próprio); ferir (-se). *Levou uma queda que o machucou bastante. Machucou-se quando descascava a cana.* 6. t.d. e pron. – causar (a outrem ou a si mesmo) sofrimento de ordem psíquica; magoar (-se). *A mentira pregada machucava-lhe a consciência. Por que se machuca com tal pensamento?*

Enjoar: 1. bt. d. int. provocar enjoo em ou sentir enjoo. *O balanço do navio não enjoa marinheiro. Cheiro de gasolina enjoa.* 4. t.d., t.i., pron. Despertar tédio, aborrecimento em ou sentir tédio ou fastio por; enfastiar(-se), entediar(-se). *Filmes longos enjoam-no. Enjoava-se profundamente, naquele domingo parado.*

Para evitar equívocos na classificação dos verbos, a análise do contexto em que o dado ocorreu foi de extrema importância para a interpretação dos verbos.

3.2.3.2 O subgrupo “outros”

Como observado na seção 2.2.1, os critérios disponíveis para a classificação dos verbos não foram suficientemente abrangentes para tornar possível a classificação de todos os verbos do *corpus*. Primeiramente foi possível encontrar um fator geral que identificasse se um verbo era experiencial – o argumento experienciador e as propriedades de afetação/ estado – mas não foi possível classificá-lo de acordo. Desta maneira, criou-se a subclasse verbal “outros” com o objetivo de não rejeitar construções (sintéticas ou analíticas) que poderiam contribuir enormemente para a análise. Essas ocorrências estão exemplificadas abaixo através dos verbos *adaptar* e *formar*:

(100) eu demorei pra *me adaptar*, eu ainda tenho vários problemas (Informante 3)

(101) eu vou fazer quando eu sair daqui, quando eu *formar*. (Informante 3)

Exemplos de verbos que compõem este subgrupo são: *acostumar, adequar, alterar, concretizar, empobrecer, encaixar, enfatizar, entrosar, estabilizar, explicar, focar, inserir, mudar, opinar, propor, responder, terminar, tomar*, entre outros.

3.2.4 A classificação do argumento afetado/ estativo

O experienciador é um “ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico” (Cançado, 2000: 113) e está presente nas construções com verbos experienciais. As análises de Cançado (1995, 1996), Madureira (2000, 2002) e Dogliani (2006, 2007) nos apontam a relevância da classificação do experienciador para maior refinamento das redes temáticas dos verbos. Em suas pesquisas com verbos

psicológicos, Dogliani (*op. cit.*) observa que há uma tendência à especialização forma-sentido, isto é, quando há ênfase na causa, o verbo tende a aparecer na forma sintética e quando há ênfase no experienciador, o verbo tende a se apresentar na forma analítica. Observem-se:

(102) O ritmo de vida de São Paulo me atrai... (Informante 2)

(103) Eu *fiquei angustiada* porque a A. M.... (Informante 17)

O exemplo (102) ilustra o verbo *atrair* na forma sintética, na qual o experienciador “eu” encontra-se na posição de objeto sintático da frase. Em contrapartida, o exemplo seguinte ilustra o verbo *angustiar* na forma analítica *ficar angustiado*, com o experienciador “eu” na posição de sujeito sintático da frase.

O beneficiário, por sua vez, é aquele que possui o argumento beneficiário e pode ser favorecido ou desfavorecido, dependendo do evento. Em um estudo sobre as restrições semânticas dos verbos beneficiários, Pereira (2003) observa que a formação da passiva em frases contendo esses verbos está diretamente ligada à posição sintática do beneficiário e ao traço [controle]. Quando o beneficiário encontra-se na posição de sujeito, a autora notou a presença do traço [+controle], ao passo que, quando o beneficiário está na posição de objeto, notou-se a presença do traço [-controle] e, por vezes, [-humano]. Observem-se alguns exemplos retirados do *corpus*:

(104) Antes de dormir, eu *rezava* pro menino. (Informante 2)

(105) ...uma pessoa conseguir pagar cinquenta mil reais pra poder *ficar hospedada* dois [dias] (Informante 18)

O primeiro exemplo ilustra o verbo *rezar* na forma sintética, e tem-se o beneficiário “menino” na posição de objeto sintático da frase, e com os traços [+humano] e [-controle]. O segundo exemplo ilustra o verbo *hospedar* na forma analítica *ficar hospedado*. O beneficiário “uma pessoa” está na posição de sujeito sintático da frase e possui o traço [+humano] e [+controle].

Os papéis temáticos “experienciador” e “beneficiário” têm em comum as propriedades semânticas *afetado* e *estativo*, ou seja, entende-se que aquele que experiencia ou se (des)favorece de um evento é afetado pelo mesmo e/ou muda seu estado de *x* para *y*.

A propriedade *afetado* é observada no argumento que sofre mudança de um estado para outro como em: *Ela se feriu com o espinho da rosa*. A propriedade *estativo* é observada no argumento que está em um determinado estado, isto é, a propriedade do argumento não se altera durante um intervalo de tempo, como em: *Ela ouve música todos os dias de manhã*. Com a finalidade de poder atender igualmente às duas classes verbais, ao fazer a classificação da posição do experienciador e do beneficiário, decidiu-se por classificá-los sob o rótulo “argumento afetado/ estativo”.

Os trabalhos de Madureira (2002) e Dogliani (2007) estabelecem a relação entre a realização morfológica do verbo (forma analítica ou sintética) e o tipo de experienciador (experienciador na posição de sujeito ou objeto sintático da frase). Dogliani (2006) pondera que as realizações analíticas são favorecidas por estruturas em que o experienciador se encontra na posição de sujeito. Cunha (2008), ao analisar a posição do experienciador nos verbos psicológicos em um *corpus* composto de textos de revistas, observa 57,7% de ocorrências na forma analítica com experienciador na posição de sujeito, resultado pouco expressivo que não invalida, porém, a hipótese de Dogliani. Carvalho (2008), entretanto, não conseguiu um resultado significativo em seu *corpus* que permitisse manter a hipótese de uma tendência à especialização forma-sentido nas classes verbais dos epistêmicos e de percepção, pois quase não houve ocorrências na forma analítica. Na classe dos físicos e dos psicológicos, a autora obteve 20% e 32%, respectivamente, de construções analíticas. Carvalho relata, no entanto, que a maior parte das construções com experienciador na posição de objeto ocorreram na forma sintética e que as formas analíticas emergiam em maior volume nas estruturas com experienciador na posição de sujeito.

3.2.5 O item lexical

O fator item lexical pode favorecer ou desfavorecer o uso do pronome. Ele é justificável, pois diversas pesquisas nos apontam esse fator como um dos responsáveis

pela variação e implementação da mudança linguística, entre elas citem-se D’Albuquerque (1984), Madureira (2000, 2002), Dogliani (2007, 2009) e Carvalho (2008). Phillips (1984 *apud* Madureira, 2000:41) ressalta que a frequência dos itens lexicais interfere na mudança da seguinte maneira: nas mudanças fisiologicamente motivadas, as palavras mais frequentes são as primeiras atingidas em oposição aos processos não fisiologicamente motivados, nos quais são as menos frequentes que incorporam a mudança em primeiro lugar.

Bybee (2001) destaca dois tipos de frequência: a frequência de *tokens* e a frequência de *types*. A primeira refere-se à frequência de uma palavra, a ocorrência de uma unidade no decorrer do corpus. A segunda refere-se à frequência de um determinado padrão. Retomando a pesquisa de Carvalho (2008), observa-se que a frequência de *token* está relacionada ao verbo *lembrar*, que foi o que mais apareceu em seu *corpus*. A frequência de *type*, por sua vez, relaciona-se ao pronome pseudo-reflexivo, que foi o contexto mais presente no *corpus* de Santa Luzia. Bybee (2001) observa que, em relação à frequência de *tokens*, os itens mais frequentes podem seguir dois caminhos em uma mudança linguística: a) podem ser mais afetados pelo processo ou b) tornam-se mais resistentes à mudança. No que concerne à frequência de *types*, a autora indica que essa frequência determina a produtividade, sendo que a produtividade é a extensão de um padrão a novas formas.

Por não permitir o monitoramento dos itens, o programa Goldvarb 2.0 não foi utilizado nesta etapa da pesquisa; os dados foram analisados manualmente.

3.3 Os fatores externos

Os fatores extralinguísticos levados em consideração para a análise dos dados são: gênero, idade e escolaridade. Apesar de sua relevância na pesquisa sociolinguística, o fator classe social não foi levado em conta neste trabalho.

Chambers (1995) pondera que a noção de classe social é relativamente confusa, o que não ocorre com os fatores gênero, idade e escolaridade. Apesar dos critérios existentes para a obtenção de um índice de classificação social mais objetivo (ocupação, renda, educação, tipo de habitação, ocupação dos pais, etc.), optou-se por manter uma

consistência na escolha do perfil social dos informantes e pode-se considerar que todos são pertencentes à classe média belorizontina. A maioria dos informantes faz parte das redes sociais das entrevistadoras. Os que não fazem, foram indicados pelos próprios informantes.

Cumprido destacar que os fatores extralinguísticos mostraram-se relevantes somente para a análise do apagamento do pronome. A seguir, observem-se algumas considerações a respeito dos fatores em questão.

3.3.1 Gênero

Segundo Chambers (1995:137), mesmo antes do desenvolvimento da sociolinguística, os pesquisadores que observavam as diferenças nos discursos de homens e mulheres geralmente consideravam que as diferenças de comportamento estariam ligadas aos papéis sociais que as mulheres assumiam numa comunidade. Diversos trabalhos na literatura da sociolinguística evidenciam um comportamento linguístico diferenciado entre homens e mulheres; podemos citar como exemplos: Milroy (1992), Chambers (1995), Labov (1972, 2001) e Paiva e Duarte (2003).

Labov (1972) observou que as mulheres geralmente usam formas menos estigmatizadas do que os homens, e são mais sensíveis ao padrão da forma de prestígio. Diversos estudos mostraram que em muitas culturas as mulheres são linguisticamente mais conscientes que os homens. Entretanto, Romaine (1994, *apud* Lucca, 2005) afirma que as mulheres assumem que usam mais formas de variedade padrão do que realmente usam – o que denomina *overt prestige*, ou “prestígio manifesto”.

Gordon (1997) se propôs a estudar um grupo de mulheres neozelandesas com o objetivo de tentar descobrir por que as mulheres usam formas de prestígio com mais frequência que os homens. Após aplicar vários testes com suas informantes, a autora conclui que

“As mulheres agem de uma certa forma não porque querem parecer ‘melhores’ do que de fato são, mas porque elas querem evitar o estereótipo negativo ligado à classe baixa e aos julgamentos morais que fazem sobre

membros dessa classe, baseando-se em seu discurso e em outros fatores ligados à classe social.”²⁵

Os achados de Gordon alinham a questão do estilo de fala e escolha do léxico àquela dos distintos papéis sociais que homens e mulheres desempenham em uma comunidade (a este respeito observe-se, também, Chambers, 1995). Entretanto, frente à mudança significativa de papéis sociais desempenhados por ambos os gêneros em tempos atuais, buscou-se observar se de fato há alguma diferença expressiva no comportamento linguístico de homens e mulheres.

3.3.2 Idade

Foram formados dois grupos etários; o primeiro, composto por informantes de 19 a 25 anos. O segundo, com informantes de 35 a 45 anos. A uma década do estudo de Madureira (2000)²⁶, buscou-se observar a frequência de uso do pronome de acordo com o comportamento dos dois grupos etários e, ao mesmo tempo, encontrar possíveis padrões relacionados a cada geração.

3.3.3 Escolaridade

A escolaridade é um fator essencial para a presente análise. O estudo de Veado (1980), por exemplo, focou-se em um perfil particular de informantes (analfabetos ou semi-analfabetos) e revelou índices quase categóricos de apagamento. O estudo de Rocha (1999) revelou que informantes menos escolarizados realizavam mais apagamento do clítico do que informantes com ensino médio ou superior. Carvalho (2008) também evidencia o peso do fator ao encontrar 98% de apagamento em seu estudo com informantes de nível básico de educação em Santa Luzia.

Para a realização da presente pesquisa, optou-se pela escolha de informantes um pouco

²⁵ “(...) *women act in certain ways not because they want to appear ‘better’ than they really are, but because they want to avoid the negative stereotype attached to the lower class, and the moral judgments that people make about members of that class on the basis of their speech and other class-related factors.* (p.48).” (Tradução nossa).

²⁶ Ressalta-se que os dados utilizados na análise de Madureira (2000) foram coletados na década de 1980.

mais escolarizados, a saber: ensino médio completo e ensino superior em curso ou completo. Espera-se que indivíduos mais escolarizados sejam mais conscientes das formas cultas, e, conseqüentemente, omitam menos o pronome.

3.4 A codificação dos dados

Os dados recolhidos foram codificados e analisados pelo programa de análise quantitativa *Goldvarb 2.0*.

A codificação dos fatores internos se distinguiu de acordo com o conjunto de dados sob análise: ocorrências sintéticas sem contexto de pronome, ocorrências sintéticas com contexto de pronome e ocorrências analíticas.

As ocorrências sintéticas sem contexto de pronome foram codificadas da seguinte maneira:

Quadro 3: Codificação dos fatores internos para estruturas sintéticas sem contexto de pronome

Fatores internos	Código
<i>Tipo de verbo</i>	
- Verbo inergativo	2
- Verbo causativo-ergativo	1
- Verbo causativo	0
<i>Posição do argumento afetado ou estativo</i>	
- Argumento afetado ou estativo na posição de sujeito	S
- Argumento afetado ou estativo na posição de objeto	O
<i>Tipo de verbo</i>	
- Psicológico	l
- Físico	f
- Epistêmico	m
- Percepção	t
- Beneficiário	b
- Outros	o

As estruturas sintéticas com contexto de pronome foram codificadas da seguinte maneira:

Quadro 4: Codificação dos fatores internos para estruturas sintéticas com contexto de pronome

Fatores internos	Código
<i>Presença/ ausência de pronome</i>	
- Presença do pronome	1
- Ausência de pronome	0
<i>Posição do argumento afetado ou estativo</i>	
- Argumento afetado ou estativo na posição de sujeito	S
- Argumento afetado ou estativo na posição de objeto	O
<i>Tipo de pronome</i>	
- Pseudo-reflexivo	p
- Reflexivo	r
<i>Tipo de verbo</i>	
- Psicológico	l
- Físico	f
- Epistêmico	m
- Percepção	t
- Beneficiário	b
- Outros	o

As estruturas analíticas foram codificadas da seguinte maneira:

Quadro 5: Codificação dos fatores internos para estruturas analíticas.

Fatores internos	Código
<i>Contexto de pronome</i>	
- Presença de contexto de pronome	1
- Ausência de contexto de pronome	0
<i>Posição do argumento afetado ou estativo</i>	
- Argumento afetado ou estativo na posição de sujeito	S
- Argumento afetado ou estativo na posição de objeto	O
<i>Tipo de verbo</i>	
- Psicológico	l
- Físico	f
- Epistêmico	m
- Percepção	t
- Beneficiário	b
- Outros	o

Os fatores extralinguísticos, foram codificados como na tabela abaixo:

Quadro 6: Codificação dos fatores extralinguísticos.

Fatores externos	Código
<i>Idade</i>	
- 19-25 anos	J
- 35-45 anos	V
<i>Gênero</i>	
- Masculino	Y
- Feminino	X
<i>Escolaridade</i>	
- Ensino médio completo	W
- Ensino superior em curso/ completo	Z

Observem-se os exemplos codificados abaixo:

(106) (0bjywO eu *valorizo* bastante a oportunidade que eu tenho

(107) (0povxwS Ela tá *formando* agora em dezembro

(108) (1ljyzS Que eu *fico indignado* com esses políticos

O exemplo (106) ilustra uma construção sintética sem contexto de pronome, cujo verbo é causativo (0) e beneficiário (b), enunciada por um falante de idade entre 19 e 25 anos (j), do gênero masculino (y), com ensino médio completo (w); o argumento afetado encontra-se na posição de objeto (O). O exemplo (107) mostra uma construção sintética, com apagamento de pronome pseudo-reflexivo (0 e p), pertencente à subclasse verbal “outros” (o), enunciada por um falante de idade entre 35 e 45 anos (v), do gênero feminino (x), com ensino médio completo (w); o argumento afetado/ estativo encontra-se na posição de sujeito (S). Já o exemplo (108) apresenta uma construção analítica, cujo verbo *ficar indignado*, na forma sintética (*indignar*), apresenta contexto de pronome (1). O verbo pertence à subclasse verbal “psicológicos” (l); essa ocorrência foi enunciada por um falante de idade entre 19 e 25 anos (j), do gênero feminino (y), com ensino superior completo/ incompleto (z) e o argumento afetado/estativo ocupa a posição de sujeito sintático da frase.

Após algumas informações sobre os pressupostos teórico-metodológicos utilizados na coleta dos dados e na seleção dos informantes, observe-se, a seguir, um pouco da história da cidade em que se fundamenta a pesquisa: Belo Horizonte.

3.5 A cidade de Belo Horizonte

Belo Horizonte foi planejada e construída para ser a capital política e administrativa do estado de Minas Gerais. A cidade é uma mistura de tradição e modernidade e destaca-se pela beleza de seus conjuntos arquitetônicos e uma rica produção artística e cultural.

De acordo com estimativas de 2009, sua população é de 2.452.617 habitantes, sendo a sexta cidade mais populosa do país. Belo Horizonte já foi indicada pelo *Population Crisis Committee*, da ONU, como a metrópole com melhor qualidade de vida na América Latina. De acordo com o recente estudo do IBGE, Belo Horizonte é o quinto maior PIB brasileiro representando 1,32% do total das riquezas produzidas no país.

A cidade é dividida em 9 regiões, a saber: Venda Nova, Norte, Nordeste, Pampulha, Noroeste, Leste, Oeste, Centro-Sul e Barreiro. A Região Metropolitana de Belo Horizonte, formada por 34 municípios, possui uma população estimada em 4.939.053 habitantes, sendo a terceira maior aglomeração populacional brasileira e a terceira em importância econômica da indústria nacional. Dentre os 34 municípios que cercam a cidade, destacam-se: Vespasiano, Santa Luzia, Sabará, Nova Lima, Ribeirão das Neves, Contagem, Betim, Ibirité e Brumadinho. Observe-se o mapa:



Figura 1: Mapa de Belo Horizonte.

Fonte: <http://www.pbh.gov.br/smsa/figuras/reg-bh01.jpg>

Belo Horizonte é uma cidade multirracial, fruto de intensa migração. O seu povoamento foi efetuado, sobretudo, por mineiros vindos de todas as partes do estado. Vieram brancos, negros e mestiços de diversas origens, o que contribuiu para o equilíbrio entre o número de pessoas brancas, pardas e pretas.

Desde a sua construção, Belo Horizonte foi caminho e ponto de tropeiros e vendedores. No início do século XX, a cidade se destacou como centro de comércio de gado e de redistribuição de mercadorias, beneficiada pela localização estratégica como passagem dos caminhos do comércio viajante e pelo posicionamento equidistante dos grandes pólos consumidores do país e principais capitais brasileiras.

No capítulo seguinte veremos como esses fatores se relacionam com os fatores linguísticos em questão.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se divide em duas partes: a primeira parte é de caráter sintático-semântico, e consiste na análise da distribuição do argumento afetado/ estativo, em cada classe verbal. Distinguidos os verbos que aceitam a propriedade de ergativização, serão controlados os fatores item lexical e realização morfológica. A segunda parte da análise dos dados observa o comportamento dos verbos em relação ao apagamento do pronome. Serão analisados os fatores linguísticos e extralinguísticos.

PARTE I – ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA

4.0 Introdução

Esta parte da análise abarca o estudo das ocorrências sintéticas e analíticas do ponto de vista sintático-semântico. Pretende-se, desta maneira, observar todos os tipos de estruturas desenvolvidas pelas diferentes classes semânticas, distinguindo as realizações do argumento afetado/ estativo.

4.1 A distribuição do argumento afetado/ estativo

Como destacado no item 3.2.4 do capítulo anterior, os verbos experienciais e beneficiários assemelham-se por possuir um argumento que é *afetado* pelo evento ou que está em um determinado *estado*. No caso dos verbos experienciais, o afetado ou estativo recebe o papel temático de *experienciador*; nos verbos beneficiários, por sua vez, o afetado tem o papel temático de *beneficiário*, que pode ser mais ou menos favorecido pelo evento. Nesta análise, os papéis temáticos experienciador e beneficiários serão representados sob a nomenclatura “argumento afetado/ estativo”, que se ajusta às devidas subclasses. Observem-se os exemplos abaixo, que ilustram o

argumento afetado/estativo nas posições de sujeito (109 e 110) e de objeto (111 e 112.):

(109) (2ljxzS Mas eu *adoro* assistir jornal

(110) (0povyzS Porque [ele] já *acostumou*, na graduação, trabalhá pros outros

(111) (0lvywO Isso me *deixa* um pouco *preocupado*

(112) (0bjxwO quando eu namorava com ele, ele me *incentivava*

A observação da posição do argumento afetado/ estativo é relevante para a descrição das classes semânticas, pois trabalhos anteriores indicaram que na maioria das vezes que um verbo desenvolve as propriedades de estado e afetação, juntamente com a produção de construções perifrásticas, este pode desenvolver a propriedade da ergativização (cf. Carvalho, 2008 e Dogliani, 2009).

A respeito das construções perifrásticas, convém lembrar, conforme se viu na seção 3.2.1.3, que, nesta pesquisa, levam-se em conta tanto os verbos, doravante chamados estruturas sintéticas, quanto as construções perifrásticas que lhes correspondem, doravante chamadas estruturas analíticas, que se constituem de um verbo auxiliar e de um item cognato (substantivo ou adjetivo). Desta maneira, para um verbo como *amar*, computa-se o volume de estruturas do tipo *eu amo*, *eu vou amar*, *eu tenho amado*, classificadas como sintéticas, por oposição a estruturas do tipo *eu tenho/sinto amor*, que se classificam como analíticas. Como se vê, o reconhecimento de estruturas analíticas, nesta pesquisa, leva em conta tanto construções consideradas verbais, que ilustram, segundo a Gramática Tradicional, propriedades dos verbos, como a passiva analítica, bem como construções nominais, que não ilustram propriedades específicas, de acordo com a Gramática Tradicional. Alguns exemplos de estruturas sintéticas e analíticas podem ser observados abaixo, através dos verbos *proteger*, que se encontra na forma sintética, e *acostumar*, que ocorreu na forma analítica:

(113) (1bjxwO Existem leis que *protegem* eles, tem tudo

(114) (1ovyzS Eu já *to acostumado* a estudar por si

Ao agrupar os índices das ocorrências sintéticas e analíticas é possível observar o seguinte comportamento da realização do argumento afetado/ estativo por classe semântica:

Tabela 2: A distribuição do argumento afetado/ estativo nas classes semânticas

Subclasses verbais		Argumento afetado/ estativo sujeito		Argumento afetado/estativo objeto		Total	
		N	%	N	%	N	%
Experienciais	Psicológicos	434	60	129	40	563	40
	Físicos	192	82	47	18	239	16
	Epistêmicos	137	100	0	0	137	10
	Percepção	38	100	0	0	38	3
	“Outros”	226	95	13	5	239	17
Beneficiários		73	36	130	64	203	14
Total		1.100	77	319	23	1.419	100

De uma forma geral, têm-se 77% das ocorrências com o argumento afetado/ estativo na posição de sujeito e 23% das ocorrências na posição de objeto. Observa-se que a classe dos verbos experienciais apresenta uma forte tendência à escolha do argumento afetado/ estativo na posição de sujeito, destacando-se as subclasses dos verbos epistêmicos e de percepção, em que 100% das ocorrências realizaram-se na posição de sujeito sintático da frase. Em contrapartida, na classe dos verbos beneficiários, o argumento afetado realizou-se preferencialmente na posição de objeto (64% das ocorrências).

Pode-se afirmar que a distribuição do argumento afetado/ estativo é previsível no seguinte sentido: espera-se que verbos psicológicos como *assustar*, *interessar* e *preocupar*, por exemplo, exibam o argumento tanto na posição de sujeito quanto na de objeto. Já para verbos epistêmicos e de percepção, nosso conhecimento de falante da língua portuguesa permite predizer que essas classes semânticas só ilustrarão o argumento na posição de sujeito, já que se trata de verbos que não admitem a propriedade de ergativização, a não ser que alguma mudança esteja em curso nessas classes. Dito isso, verifica-se que, observados em sua totalidade, os verbos experienciais favorecem a posição de sujeito para o argumento afetado/ estativo, pois, somadas as

subclasses, obtém-se 84% de argumento na posição de sujeito. Quando consideradas individualmente, as subclasses apresentam bastante variação. Os dados da tabela 2 nos mostram que, em seguida aos verbos epistêmicos e de percepção, que são categóricos em relação à posição do argumento, os verbos da subclasse “outros” são os que mais favorecem o argumento afetado/ estativo na posição de sujeito, compreendendo 95% das ocorrências nessa posição. Logo depois, destacam-se os verbos físicos e psicológicos com, respectivamente, 82% e 60% de argumentos na posição de sujeito. Diferentemente dos verbos experienciais, os verbos beneficiários destacam-se por apresentar apenas 36% das ocorrências com argumento afetado na posição de sujeito. Este resultado também é previsível, pois verbos como *ajudar*, *julgar* e *valorizar*, por exemplo, exibem os argumentos afetados na posição de objeto, e foram numerosos no *corpus*.

Ao propor uma hierarquização do argumento afetado/estativo na posição de objeto que cada classe exhibe, esta se apresenta da seguinte maneira: beneficiários (64%) > psicológicos (40%) > físicos (18%) > “outros” (5%) > epistêmicos e de percepção (0%).

4.2 A análise do fator realização morfológica

Como ressaltado no capítulo anterior, os trabalhos de Madureira (2000, 2002) mostraram, dentro do processo de ergativização, a variação das realizações morfológicas dos verbos psicológicos que se realizavam em estruturas semanticamente equivalentes, através de realizações perifrásticas, que a autora denominou “construções analíticas”. Segundo Dogliani (2009), “os verbos que se submetem em primeiro lugar ao processo de ergativização são aqueles que exibem maior volume de construções perifrásticas, o que permite a atualização da propriedade semântica de estado ou de afetação. Desenvolvida essa propriedade, o verbo está em condições de se ergativizar”. Observem-se alguns exemplos retirados do *corpus*:

- (115) a. (0bvxo A gente tem que *dá* mais *valor* [aos estudos]
 b. A gente tem que *valorizar* mais [os estudos]
- (116) a. (1ovyzS ele não *está acostumado* com aquele ritmo
 b. Ele não *se acostumou* com aquele ritmo

(117) a. (Oo)jyzS Tô *fazendo estágio*, mas fora daqui da Federal

b. Eu estou *estagiando*, mas fora daqui da Federal

O exemplo (115) ilustra o verbo causativo *valorizar* através da perífrase *dar valor*. O exemplo seguinte apresenta o verbo causativo-ergativo *acostumar*, através da perífrase *estar acostumado*. Por fim, o verbo inergativo *estagiar* é exemplificado em (117), através da perífrase *fazer estágio*.

A observação das classes semânticas nos leva a ponderar as considerações de Dogliani (2009), que também guiam as hipóteses da presente análise, que afirmam que as construções perifrásticas são responsáveis, em parte, pela construção de papéis temáticos.

As pesquisas de Madureira (2000), Dogliani (2006, 2007), Cunha (2008) e Carvalho (2008) salientaram a relação da realização morfológica com a realização do argumento afetado/estativo. Observou-se que quando o verbo se realiza na forma analítica, há maior probabilidade do argumento afetado/estativo se realizar na posição de sujeito sintático da frase. A tabela abaixo exhibe a distribuição do argumento afetado/estativo dentre as ocorrências do *corpus* e seus respectivos pesos relativos:

Tabela 3: A distribuição do argumento afetado/estativo nas ocorrências sintéticas e analíticas.

Realização do argumento afetado/estativo	Ocorrências SIN			Ocorrências ANA			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Sujeito	717	65	0.44	383	35	0.56	1.100	77
Objeto	253	79	0.69	66	21	0.31	319	23
Total	970	68	-	449	32	-	1.419	100

Observa-se 65% do argumento afetado/estativo na posição de sujeito dentre as ocorrências sintéticas, e, dentre as ocorrências analíticas, observa-se 35% do argumento afetado/estativo na mesma posição. Os resultados na classe dos verbos experienciais observados na tabela 2 corroboram a hipótese de Madureira (2000) e Dogliani (2006,

2007) que afirma que quando há ênfase no experienciador (no caso dos verbos psicológicos estudados pela autora), a realização morfológica se dá na forma analítica. A análise do PR nos mostra que há .56 de probabilidade de ocorrência de argumento afetado/estativo na posição de sujeito quando na forma analítica contra .44 na forma sintética. Em contrapartida, observa-se .69 de probabilidade de ocorrência de argumento afetado/estativo na posição de objeto quando na forma sintética contra .31 na forma analítica.

A seção seguinte trata da análise dos verbos de acordo com as classes semânticas.

4.3 Análise sintático-morfológica por classe semântica

Tendo em conta as propriedades já conhecidas dos verbos sob análise, espera-se que as subclasses dos verbos psicológicos e físicos, que contêm um número apreciável de verbos que ilustram a alternância causativo-ergativa, exibam maior número de estruturas analíticas do que as demais classes, que só ilustram essa propriedade através de um ou outro verbo.

A subclasse dos verbos de percepção exibiu apenas uma ocorrência analítica e todas as ocorrências com argumento afetado/estativo na posição de sujeito. A subclasse dos verbos epistêmicos também se mostrou categórica em relação à posição do argumento afetado/estativo na posição de sujeito, porém, realizou mais ocorrências analíticas do que a subclasse dos verbos de percepção (14% das ocorrências dessa subclasse), das quais, 3²⁷ verbos aceitam o argumento afetado/estativo tanto na posição de sujeito quanto de objeto. Destacou-se, também, o verbo *estudar* que aceitaria uma leitura causativa, apesar de não previsto pela Gramática Tradicional.

A análise dos verbos físicos revelou um maior número de construções analíticas, das quais 23 relacionam-se a verbos que aceitam o argumento afetado tanto na posição de sujeito quanto de objeto. Nessa subclasse destacou-se o verbo *passear* que aceitaria uma leitura causativa mesmo esta não estando prevista na Gramática Tradicional.

²⁷ As perífrases correspondentes a cada subclasse semântica encontram-se na seção 4.4 a seguir, na qual foi analisado o fator item lexical.

A subclasse dos verbos psicológicos foi a que mais produziu ocorrências analíticas (116 perífrases), das quais a maioria relaciona-se a verbos que aceitam a alternância causativo-ergativa. A subclasse “outros” realizou 29 perífrases, das quais 11 se relacionam a verbos que aceitam o argumento afetado/estativo tanto na posição de sujeito quanto na de objeto.

Por fim, a classe dos verbos beneficiários mostrou-se igualmente produtiva em relação às ocorrências analíticas. Observaram-se 34 perífrases, das quais 11 relacionam-se a verbos que aceitam a alternância causativo-ergativa. Ressalta-se que as ocorrências dessa classe apresentaram o argumento afetado/estativo preferencialmente na posição de objeto.

Observe-se a tabela seguinte, que exhibe como esta tendência se reflete em cada classe semântica:

Tabela 4: A distribuição do argumento afetado/estativo nas classes semânticas por função sintática de acordo com a realização morfológica.

Argumento afet./est.	Tipo morfológico	Psicológicos		Físicos		Epistêmicos		Percepção		“Outros”		Beneficiários		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sujeito	Sintética	182	42	143	74	118	86	37	97	177	78	60	82	717	65
	Analítica	252	58	49	23	19	14	1	3	49	22	13	18	383	35
	Total	434	100	192	100	137	100	38	100	226	100	73	100	1.100	100
Objeto	Sintética	102	79	43	91	0	-	0	-	11	85	97	75	253	79
	Analítica	27	21	4	9	0	-	0	-	2	15	33	25	66	21
	Total	129	100	47	100	0	100	0	100	13	100	130	100	319	100
Total	Sintética	284	50,4	186	78	118	86	31	97	188	79	157	77	970	68
	Analítica	279	49,6	53	22	19	14	1	3	51	21	46	23	449	32
	Total	563	100	239	100	137	100	38	100	239	100	203	100	1.419	100

A tabela 4 nos mostra como todas as ocorrências do *corpus* estão distribuídas segundo a realização morfológica e a função sintática do argumento afetado/estativo. Começemos pela realização morfológica: de todas as subclasses retratadas a dos verbos psicológicos produziu mais ocorrências analíticas em relação às sintéticas, a saber, 49,6% das ocorrências totais da subclasse. O subgrupo dos verbos físicos produziu 22% de ocorrências analíticas. O subgrupo dos verbos epistêmicos produziu 14% de ocorrências analíticas. Em seguida, observa-se o subgrupo dos verbos de percepção, que foi o menos produtivo de todos, produzindo somente 3% de ocorrências analíticas. O subgrupo “outros” produziu 21% de ocorrências analíticas e, por fim, a classe dos beneficiários compõe-se de 23% de ocorrências analíticas.

No que concerne à função sintática do argumento afetado/estativo, observe-se que a subclasse dos psicológicos realizou altos índices de argumento afetado/estativo na posição de sujeito, sendo 252 (ou 90%) do total de 279 ocorrências analíticas e 182 (ou 64%) do total de 284 ocorrências sintéticas. Em seguida, tem-se a subclasse dos físicos, com percentuais igualmente altos de argumento afetado/estativo na posição de sujeito, a saber: 49 (ou 92%) do total de 53 ocorrências na forma analítica e 143 (ou 77%) do total de 186 ocorrências na forma sintética. As subclasses dos epistêmicos e de percepção registraram 100% de argumento na posição de sujeito sintático da frase em ambas as realizações – analítica e sintética. Na subclasse “outros” observam-se 49 (ou 96%) do total de 51 realizações de argumento afetado/estativo na posição de sujeito quanto na forma analítica e 177 (ou 94%) das 188 ocorrências totais na forma sintética. Finalmente, a classe dos beneficiários registrou índices bem menores de argumento afetado na posição de sujeito, a saber: 13 (ou 8%) do total de 46 ocorrências na forma analítica e 60 (ou 38%) do total de 157 ocorrências na forma sintética.

Os trabalhos Madureira (2002) e Dogliani (2006, 2007) estabelecem a relação entre a realização morfológica dos verbos (forma analítica ou sintética) e o tipo de experienciador (experienciador na posição de sujeito ou objeto sintático da frase). Dogliani (2006) pondera que as realizações analíticas são favorecidas por estruturas em que o experienciador se encontra na posição de sujeito. Observando-se a distribuição do argumento afetado/estativo na classe dos verbos experienciais, pode-se afirmar que a especialização forma-sentido é verdadeira somente para as ocorrências na forma

analítica, na qual foram obtidos altos índices de argumentos afetados/estativos na posição de sujeito sintático da frase. O argumento afetado na classe dos beneficiários, porém, realiza-se predominantemente na posição de objeto, independentemente da realização morfológica.

Observa-se, portanto, que os dados da tabela 4 e a análise dos mesmos permitem constatar que o comportamento das classes semânticas contempladas corrobora a hipótese proposta. Isto é, a subclasse semântica que contém mais verbos que ilustram a alternância causativo-ergativa é aquela que ilustra mais construções analíticas. Trata-se do grupo dos verbos psicológicos, que somam 49,6% de ocorrências analíticas. O segundo grupo com 32% de analíticas é o dos beneficiários. O terceiro grupo, que igualmente ao grupo dos psicológicos, também ilustra volume apreciável de verbos com alternância causativo-ergativa, é o dos verbos físicos, com 22% de ocorrências analíticas. Em seguida, observa-se o grupo dos verbos “outros”, que apresentou 21% de ocorrências analíticas. O grupo dos verbos epistêmicos apresentou 19% de ocorrências analíticas enquanto o grupo dos verbos de percepção realizou somente uma ocorrência analítica, o que representa 3% do total de ocorrências.

A partir da análise das ocorrências analíticas que cada classe semântica apresentou, é possível propor a seguinte gradação: psicológicos > beneficiários > físicos > “outros” > epistêmicos > percepção.

Os resultados desta análise se relacionam, em parte, àqueles encontrados por Carvalho (2008) que, ao propor uma gradação das ocorrências analíticas de acordo com as classes verbais, encontrou a seguinte hierarquia: psicológicos > físicos > epistêmicos > percepção. Cumpre salientar que o *corpus* da autora era composto somente de verbos experienciais e as construções analíticas consideradas poderiam ter um correspondente dicionarizado ou não. Na presente análise, além dos verbos experienciais considerados pela autora, acrescentaram-se a subclasse “outros” – dentro da classe dos experienciais – e a classe dos beneficiários; as estruturas analíticas consideradas foram aquelas que apresentam um correspondente dicionarizado.

As análises de Carvalho (*op. cit.*) e Dogliani (2008)²⁸ mostram que, entre os verbos experienciais, as primeiras classes atingidas pela difusão semântica são a dos verbos físicos e a dos psicológicos. Segundo Dogliani, “a observação de comportamentos individuais de verbos epistêmicos dá indícios de que essa é a terceira classe que está sendo atingida (difusão semântica), através de alguns itens (difusão lexical)”. Ao incluir duas novas classes na análise, a presente pesquisa dá indícios de que a classe dos beneficiários e a subclasse “outros” seriam as próximas a serem atingidas pela difusão semântica, ou seja, os verbos dessas classes começam a exibir os traços necessários à implementação da alternância causativo-ergativa.

Na seção a seguir, observe-se a atuação do fator item lexical em cada classe semântica.

4.4 A análise do fator item lexical

As análises de Carvalho (2008) e Dogliani (2007, 2009), nos orientam a relacionar dois traços salientes no desenvolvimento da propriedade de ergativização: a classe semântica e as construções perifrásticas, que desenvolvem as propriedades de estado e afetação. Segundo Dogliani (2009), “do ponto de vista de chances de desenvolver a propriedade de ergativização, pode-se dizer que um verbo tem mais chances de aderir ao processo quando pertence a uma classe exemplar e passa a exibir construções perifrásticas”, ou seja, quanto mais uma classe exibe causativização, mais construções analíticas são esperadas com o argumento afetado/ estativo na posição de sujeito.

Observe-se nas subseções a seguir como se comportam os verbos na forma analítica de acordo com suas respectivas classes semânticas.

4.4.1 Os verbos de percepção

No que concerne à subclasse dos verbos de percepção, apenas um verbo se associa a estruturas analíticas. Trata-se do verbo *olhar*, para o qual foi encontrada somente uma estrutura analítica: *dar uma olhada*. Observe-se o exemplo:

²⁸ Análises parciais.

(120) (0tjxzS [a pessoa pode]até *dar uma olhadinha* mais do que no slide...

Carvalho (2008), ao analisar as estruturas analíticas presentes nos verbos experienciais, não encontrou nenhuma construção analítica na subclasse dos verbos de percepção. A autora observou que as formas analíticas aparecem preferencialmente nas classes semânticas que admitem estruturas causativas. A subclasse dos verbos de percepção não admite estruturas causativas, entretanto apresentou uma realização analítica. Este ocorrido pode sinalizar a construção de um papel semântico que, posteriormente, desenvolverá a propriedade de ergativização, tendo-se em conta as hipóteses que orientam esta pesquisa.

4.4.2 Os verbos epistêmicos

Quando comparada à subclasse dos verbos de percepção, a subclasse dos epistêmicos apresenta um número maior de verbos que ilustram estruturas analíticas. Observe-se o quadro a seguir:

Quadro 7: Os verbos epistêmicos e as estruturas analíticas.

Subclasse verbal	Verbo	Perífrase correspondente
Epistêmicos	Avaliar	Fazer uma avaliação
	Concluir	Chegar à conclusão
	Conscientizar	Ter consciência
	Contar	Fazer conta
	Decidir	Tomar uma decisão
	Duvidar	Ficar com dúvida
	Esboçar	Fazer esboço
	Esclarecer	Estar esclarecido
	Estudar	Dar uma estudada
	Planejar	Fazer planos
	Pretender	Ter pretensão
	Testar	Fazer um teste

Como se vê no quadro 7, esta subclasse verbal foi mais produtiva que a anterior: realizou 12 verbos referentes a 12 perífrases.

Dessas 12 perífrases, apenas 3 representam verbos causativo-ergativos, quais sejam: *concluir*, *conscientizar* e *decidir*. As demais perífrases associam-se a verbos que não aceitam a alternância. Somente os verbos *esboçar*, *estudar* e *testar* apareceram no *corpus* como estruturas sintéticas e analíticas. Os restantes apareceram somente como estruturas analíticas.

Cumpra destacar que a construção causativa do verbo *estudar* não é prevista pela Gramática Tradicional. Em sua pesquisa, porém, Carvalho (2008) obteve em seu *corpus* a seguinte ocorrência: “*Era mais fácil... pra istudá um minino*”²⁹. Na presente pesquisa não foi encontrada nenhuma ocorrência com o argumento afetado/ estativo na posição de objeto para tal verbo.

Observem-se as estruturas mais frequentes³⁰ que a subclasse engloba, através das seguintes tabelas:

Tabela 5: Os verbos epistêmicos mais frequentes

Verbo	Argumento afet./est. sujeito		Argumento afet./estativo objeto	
	SIN	ANA	SIN	ANA
Avaliar	0	5	0	0
Conhecer	19	0	0	0
Estudar	13	0	0	0
Lembrar	59	0	0	0
Total	91	5	0	0

Tabela 6: O tipo mais frequente de estrutura analítica dos verbos epistêmicos.

Verbo	Número de ocorrências
<i>Avaliar</i> – fazer uma avaliação	5

Como ilustrado na tabela 4, o argumento afetado/estativo dos verbos desta subclasse realizou-se categoricamente na posição de sujeito. Há quatro verbos que ocorreram com

²⁹ Informante 2O6MP1A3OI.

³⁰ Foram considerados frequentes verbos que apareceram, no mínimo, 5 vezes no *corpus*.

maior frequência, a saber: *conhecer*, *estudar*, *lembrar* e *avaliar*. Esses verbos podem ser considerados *tokens*, pois se relacionam ao número de vezes em que cada verbo ocorreu. O verbo *avaliar*, porém, ocorreu somente na forma analítica. Desta maneira, infere-se que dentre as estruturas analíticas, o *type* mais frequente é a estrutura que se realiza com *fazer*, como em “fazer uma avaliação”.

4.4.3 Os verbos físicos

Como se viu na tabela 4, a subclasse dos verbos físicos produziu um número maior de perífrases. Foram 53 ocorrências analíticas, das quais 49 apresentaram o argumento afetado/estativo na posição de sujeito. Isto representa 13% do total de estruturas analíticas com papel afetado/estativo na posição de sujeito. Os tipos de perífrases observados nesta subclasse são apresentados a seguir e são relacionados aos verbos através dos quais se realizaram. Observe-se o quadro a seguir:

Quadro 8: Os verbos físicos e as estruturas analíticas.

Subclasse verbal	Verbo	Perífrase correspondente
Físicos	Abater	Dar abatimento
	Acidentar	Sofrer acidente
	Adoecer	Pegar uma doença
	Afastar	Ficar afastado
		Estar afastado
	Amadurecer	Atingir a maturidade
	Amarelar	Ficar amarelo
	Anestésiar	Dar anestesia
		Aplicar anestesia
	Arrumar	Dar uma arrumada
		Estar (bem) arrumado
	Banhar	Tomar banho
	Beijar	Dar beijo
	Calar	Ficar calado
	Cansar	Ficar cansado
		Estar cansado
	Cegar	Ficar cego
	Constipar	Ficar constipado
Descansar	Dar uma descansada	
Dilatar	Ter dilatação	

Físicos (continuação)	Doer	Ser dolorido
	Enfartar	Ter um infarto
	Enjoar	Ter enjoo
	Entalar	Ficar entalado
	Envelhecer	Ficar velho
	Falecer	Ser falecido
	Maquiar	Fazer maquiagem
	Medir	Fazer medição
	Paralisar	Ficar paralisado
	Passear	Fazer passeio
	Produzir	Dar uma produzida
	Relaxar	Ficar relaxado
	Surrar	Dar uma surra
	Vestir	Estar vestido

Este subgrupo produziu numerosas ocorrências, que podem ser divididas sob o ponto de vista da distribuição do argumento afetado/ estativo, a saber: a) verbos que aceitam o argumento afetado/estativo tanto na posição de sujeito quanto de objeto com contexto de pronome; b) verbos que aceitam o argumento afetado/estativo tanto na posição de sujeito quanto de objeto sem o contexto de pronome; e c) verbos aceitam o argumento somente na posição de sujeito ou somente na posição de objeto. O primeiro grupo é o mais volumoso e reúne os seguintes verbos: *abater, acidentar, adoecer, afastar, amarelar, arrumar, banhar, calar, cansar, cegar, constipar, dilatar, enjoar, entalar, maquiar, paralisar, produzir, relaxar, e vestir*. O segundo grupo compõe-se dos verbos: *amadurecer, descansar, doer, enfartar e envelhecer*. O terceiro grupo é composto pelos verbos: *anestesiado, beijar, falecer, medir, passear e surrar*.

Embora não previsto pela gramática tradicional, uma análise intuitiva aprovaria uma leitura com o objeto afetado na posição de sujeito para o verbo *passear*: *João passeia o cachorro todos os dias*. Entretanto, preferiu-se mantê-lo no terceiro grupo, pois não apresentou nenhuma ocorrência do tipo causativa ao longo do *corpus*.

Os verbos que apresentaram ocorrências sintéticas e analíticas foram: *afastar, arrumar, cansar, descansar, enjoar e vestir*. Os verbos restantes apresentaram somente ocorrências analíticas. Cumpre salientar que o verbo *enjoar* na realização analítica foi classificado como físico por transmitir a idéia de “ter enjoos, náuseas”; já a realização

sinfética deste verbo transmitiu a idfa de “enfadar-se, enfastiar-se”, sendo, assim, classificado como psicolflico.

Observem-se as tabelas abaixo, que destacam as principais ocorrfaas sintfeticas e analfticas da subclasse dos verbos ffsicos:

Tabela 7: Os verbos ffsicos mais frequentes.

Verbo	Argumento afet./est. sujeito		Argumento afet./estativo objeto	
	SIN	ANA	SIN	ANA
Afastar	9	3	1	0
Envelhecer	0	6	0	0
Estressar	6	2	1	0
Levantar	7	0	0	0
Machucar ³¹	6	0	1	0
Mudar ³²	30	0	0	0
Sentar	21	0	0	0
Vestir	12	2	2	0
Total	91	13	5	0

Tabela 8: Os tipos mais frequentes de estruturas analfticas dos verbos ffsicos.

Estruturas ANA	Nfmero de ocorrfaas
<i>Afastar</i> – Ficar afastado	2
<i>Afastar</i> – Estar afastado	1
<i>Envelhecer</i> – Ficar velho	6
<i>Estressar</i> – Ter estresse	1
<i>Estressar</i> – Ficar estressado	1
<i>Vestir</i> – Estar vestido	2

³¹ Salienta-se que este predicador ocorreu 8 vezes no *corpus*, 7 das quais como predicador ffsico e 1 vez como predicador psicolflico.

³² O predicador *mudar* ocorreu com dois sentidos no *corpus*. O primeiro, classificado como ffsico, com o sentido de transferir-se para outra casa ou local, como em: “Num tenho intenafo nenhuma de mudar” (Informante 0pfjxwS). O segundo, classificado como “outros”, com o sentido de alterar, modificar, como em: “Eu sei que sfo eu nfo vou mudar o mundo”. (Informante 1ojywO).

Assim como no subgrupo dos verbos epistêmicos, observa-se um expressivo número de realizações do argumento afetado/estativo na posição de sujeito no subgrupo dos verbos físicos, mesmo dentre os verbos causativo-ergativos, como *afastar*, *envelhecer*, *estressar*, *levantar*, *machucar*, *sentar* e *vestir*. Dos 8 verbos mais frequentes ilustrados na tabela 7, apenas 4 ilustram variação entre ocorrências de argumento afetado/estativo na posição de sujeito e objeto, a saber: *afastar*, *estressar*, *machucar* e *vestir*.

Os verbos que apresentam maior número de ocorrências (*tokens*) são: *afastar*, *envelhecer*, *estressar*, *levantar*, *machucar*, *mudar*, *sentar* e *vestir*, sendo que o segundo – *envelhecer* – ocorreu mais frequentemente com estrutura analítica. Outros verbos que se destacaram na forma analítica foram: *ficar afastado*, *estar afastado*, *ter estresse*, *ficar estressado* e *estar vestido*. Levando-se em consideração o fator realização morfológica, destacam-se as estruturas “ficar” e “estar” como as privilegiadas desta classe semântica, sendo estas consideradas como *types*.

4.4.4 Os verbos psicológicos

A subclasse dos verbos psicológicos apresentou o maior número de ocorrências analíticas do *corpus*. Foram 279 ocorrências, 252 das quais exibiram o argumento afetado/estativo na posição de sujeito. Este número representa 65% do total de ocorrências analíticas com argumento na posição de sujeito. Observe-se o quadro seguinte:

Quadro 9: Os verbos psicológicos e as ocorrências analíticas.

Subclasse verbal	Verbo	Perífrase correspondente
	Aborrecer	Ficar aborrecido
	Acalmar	Manter a calma
	Acomodar ³³	Ser acomodado
	Admirar	Ter admiração

Psicológicos	Afrouxar ³⁴	Deixar frouxo
	Alegrar	Deixar alegre
		Dar alegria
		Ficar alegre
	Amedrontar	Ter medo
		Morrer de medo
		Ficar com medo
		Colocar medo
		Sentir medo
	Angustiar	Ficar angustiado
	Ansiar	Ficar ansioso
	Apaixonar	Ficar apaixonado
	Apavorar	Ficar apavorado
	Arriscar	Por em risco
		Correr risco
	Assustar	Estar assustado
		Ficar assustado
		Deixar assustado
		Dar susto
		Passar susto
	Aquietar/ quietar	Ficar quieto
	Bitolar	Ficar bitolado
	Carecer	Estar carente (de)
		Estar com carência (de)
		Ser carente (de)
		Ter carência (de)
	Chatear	Ficar chateado
	Chocar ³⁵	Tomar um choque
	Cismar	Ficar com cisma
	Complicar	Ficar complicado
	Conflitar	Ficar em conflito
	Decepcionar	Ficar decepcionado
		Ter decepção
		Fazer decepção
		Sofrer decepção
	Dedicar	Ter dedicação
	Deprimir	Entrar em depressão
		Ter depressão
	Desanimar	Estar desanimado
	Desconfiar	Estar desconfiado
Descontrolar	Ficar descontrolado	
Descrer	Estar descrente	
Desculpar	Pedir desculpas	
Desesperar	Ficar desesperado	

Psicológicos (continuação)		Entrar em desespero
	Desiludir	Estar desiludido
	Desnortear	Ficar desnortado
	Desorientar	Ficar desorientado
	Despreocupar	Ficar despreocupado
	Dificultar	Ficar difícil
	Embravecer	Ficar bravo
	Enciumar	Ficar enciumado
	Encorajar	Ter coragem
	Endoidar	Ser doido
		Ficar doido
	Enervar	Ficar nervoso
		Deixar nervoso
	Enfurecer	Ficar enfurecido
	Enlouquecer	Ficar louco
	Enraivecer	Deixar com raiva
		Ficar com raiva
		Fazer raiva
	Entristecer	Ficar triste
	Envergonhar	Ter vergonha
	Estagnar	Deixar estagnado
	Estressar	Ter estresse
		Ficar estressado
	Fortalecer	Ficar forte
		Ganhar força
	Frustrar	Ficar frustrado
	Importar	Dar importância
	Impressionar	Ficar impressionado
	Indignar	Ficar indignado
	Injuriar	Ficar injuriado
	Irritar	Ficar irritado
	Interessar	Ter interesse
		Ficar interessado
		Estar com interesse
	Intimidar	Sentir intimidado
	Invejar	Ficar com inveja
		Ter inveja
	Livrar	Ficar livre (de)
	Magoar	Ficar com mágoa
		Ficar magoado
	Maltratar	Tratar mal
	Motivar	Ficar motivado
	Necessitar	Ter necessidade
	Ojerizar	Ter ojeriza
	Orgulhar	Ficar orgulhoso

Psicológicos (continuação)	Pacientar	Ter paciência
		Ser paciente
	Piorar	Ficar pior
	Preocupar	Estar preocupado
		Ter preocupação
		Deixar preocupado
		Ficar preocupado
		Ser preocupado
	Pressionar	Fazer pressão
	Recear	Sentir receio
	Rejeitar	Ter rejeição
	Resistir	Ter resistência
	Ressabiar	Ficar ressabiado
	Retrair ³⁶	Ficar retraído
	Revoltar	Deixar revoltado
		Ficar revoltado
	Ridicularizar	Passar no ridículo
	Sacanear	Fazer sacanagem
	Sossegar	Ficar sossegado
	Surtar	Ter um surto
	Tranquilizar	Ficar tranquilo
Estar tranquilo		
Traumatizar	Ficar traumatizado	

A subclasse dos verbos psicológicos produziu 80 verbos que se relacionam a 116 perífrases. Os verbos que mais realizaram construções analíticas foram: *alegrar*, *amedrontar*, *assustar*, *carecer*, *decepcionar*, *enraivecer*, *interessar* e *preocupar*.

Ao dividir os verbos psicológicos sob a perspectiva da posição do argumento afetado/estativo, observa-se que maioria deles aceita o argumento afetado/estativo tanto na posição de sujeito quanto de objeto. São os verbos: *aborrecer*, *acalmar*, *acomodar*, *afrouxar*, *alegrar*, *amedrontar*, *angustiar*, *apavorar*, *assustar*, *aquietar*, *bitolar*, *chatear*, *chocar*, *cismar*, *complicar*, *decepcionar*, *deprimir*, *desanimar*, *descontrolar*, *desesperar*, *desiludir*, *desnortear*, *desorientar*, *despreocupar*, *dificultar*, *embravecer*, *encorajar*, *endoidar*, *enervar*, *enfurecer*, *enlouquecer*, *enraivecer*, *entristecer*, *envergonhar*, *estagnar*, *estressar*, *fortalecer*, *frustrar*, *importar*, *impressionar*, *indignar*, *injuriar*, *irritar*, *interessar*, *intimidar*, *livrar*, *magoar*, *motivar*, *orgulhar*, *piorar*,

³³ Dar-se por satisfeito.

³⁴ Abrandar, relaxar.

³⁵ Causar impressão desagradável, escandalizar-se.

³⁶ Tornar-se reservado.

preocupar, retrair, revoltar, sossegar, surtar, tranquilizar, e traumatizar. Os verbos que aceitam o argumento afetado/estativo somente na posição de sujeito são: *ansiar, apaixonar, arriscar, carecer, cismar, conflitar, dedicar, desconfiar, descreer, necessitar, ojerizar, pacientar, recear, resistir e ressabiar.* Os verbos que aceitam o argumento afetado/estativo somente na posição de objeto são: *complicar, desculpar, invejar, maltratar, pressionar, rejeitar, ridicularizar e sacanear.*

A maioria dos verbos dessa subclasse realizou-se somente na forma analítica, a saber: *aborrecer, afrouxar, alegrar, amedrontar, angustiar, ansiar, apaixonar, apavorar, aquietar, bitolar, carecer, chatear, chocar, cismar, complicar, conflitar, dedicar, deprimir, desanimar, desconfiar, descreer, desculpar, desesperar, desiludir, desnorrear, desorientar, despreocupar, dificultar, embravecer, enciumar, encorajar, endoidar, enervar, enlouquecer, enraivecer, entristecer, envergonhar, fortalecer, frustrar, impressionar, indignar, injuriar, invejar, maltratar, necessitar, ojerizar, orgulhar, pacientar, piorar, pressionar, recear, rejeitar, resistir, ressabiar, ridicularizar, sacanear, sossegar, surtar, tranquilizar e traumatizar.*

A análise considera 18 verbos mais frequentes que geraram 263 ocorrências totais, que se distribuem da seguinte maneira:

Tabela 9: Os verbos psicológicos mais frequentes.

Verbo	Argumento afet./est. sujeito		Argumento afet./estativo objeto	
	SIN	ANA	SIN	ANA
Admirar	16	2	0	0
Agradar	0	0	5	0
Amedrontar	0	27	0	0
Ansiar	0	5	0	0
Assustar	8	7	0	3
Decepcionar	11	8	3	1
Desculpar	0	0	9	0
Divertir	5	0	0	0
Enervar	0	7	0	0
Enraivecer	0	8	0	0
Entristecer	0	6	0	0
Gostar	11	0	0	0
Incomodar	0	0	19	0
Interessar	5	10	1	0
Odiar	5	0	0	0

Pacientar	0	5	0	0
Preocupar	38	24	5	1
Revoltar	0	8	0	0
Total	99	117	42	5

Tabela 10: Os tipos mais frequentes de estruturas analíticas dos verbos psicológicos.

Verbos	Número de ocorrências
<i>Admirar</i> – Ter admiração	2
<i>Amedrontar</i> – Ter medo	16
<i>Amedrontar</i> – Ficar com medo	11
<i>Ansiar</i> – Ficar ansioso	5
<i>Assustar</i> – Ficar assustado	6
<i>Assustar</i> – Estar assustado	1
<i>Assustar</i> – Deixar assustado	1
<i>Assustar</i> – Dar susto	1
<i>Assustar</i> – Passar susto	1
<i>Decepcionar</i> – Ficar decepcionado	3
<i>Decepcionar</i> – Ter decepção	4
<i>Decepcionar</i> – Fazer decepção	1
<i>Decepcionar</i> – Sofrer decepção	1
<i>Desculpar</i> – Pedir desculpas	9
<i>Enervar</i> – Ficar nervoso	7
<i>Enraivecer</i> – Ficar com raiva	8
<i>Entristecer</i> – Ficar triste	6
<i>Interessar</i> – Ter interesse	8
<i>Interessar</i> – Ficar interessado	1

<i>Interessar</i> – Estar com interesse	1
<i>Pacientar</i> – Ter paciência	5
<i>Preocupar</i> – Estar preocupado	11
<i>Preocupar</i> – Ter preocupação	8
<i>Preocupar</i> – Deixar preocupado	1
<i>Preocupar</i> – Ficar preocupado	4
<i>Preocupar</i> – Ser preocupado	1
<i>Revoltar</i> – Ficar revoltado	8

Dos 18 verbos psicológicos ilustrados, 4 (*assustar*, *decepcionar*, *interessar* e *preocupar*) ilustram variação entre as realizações sintética e analítica com argumento afetado/estativo tanto na posição de sujeito quanto de objeto. Juntos, esses verbos somam 125 ocorrências, ou 48% do total de ocorrências mais frequentes desta subclasse semântica.

Os verbos que apresentam maior número de ocorrências (*tokens*) são: *admirar*, *agradar*, *assustar*, *decepcionar*, *divertir*, *gostar*, *incomodar*, *interessar*, *odiar* e *preocupar*, quando na forma sintética; e *admirar*, *amedrontar*, *ansiar*, *assustar*, *chatear*, *desculpar*, *decepcionar*, *enervar*, *enraivecercer*, *entristecer*, *interessar*, *pacientar*, *preocupar* e *revoltar*, quando na forma analítica. Destacam-se os verbos *admirar*, *assustar*, *decepcionar*, *interessar* e *preocupar*, por aparecerem tanto na forma sintética quanto na forma analítica. Observando-se as perífrases, é possível inferir que os *types* privilegiados pelas estruturas são “ficar” e “ter”, seguidos por “estar” e “pedir”. Outros *types* observados, mesmo que em menor número, são: “deixar”, “dar”, “passar”, “fazer”, “sofrer” e “ser”.

4.4.5 Os verbos da subclasse “outros”

O quadro seguinte exhibe as perífrases relativas à subclasse “outros”. Observe-se:

Quadro 10: Os verbos da subclasse “outros” e as ocorrências analíticas

Subclasse verbal	Verbo	Perífrase correspondente
“Outros”	Acostumar	Estar acostumado
		Ficar acostumado
		Ter costume
	Casar	Arrumar casamento
	Controlar	Ter controle
	Comparar	Fazer comparação
	Copiar	Fazer uma cópia
	Diferenciar	Ser diferente
	Empobrecer	Ficar pobre
	Encaixar	Ser encaixado
	Enfatizar	Dar ênfase
	Estagiar	Fazer estágio
	Explicar	Dar explicação
	Focar	Dar foco
	Juntar	Estar junto
	Noticiar	Dar notícia
	Ocupar	Manter ocupado
	Opinar	Dar opinião
	Organizar	Dar uma organizada
	Palpitar	Dar palpite
	Posicionar	Tomar uma posição
	Questionar	Fazer questionamento
	Relacionar	Ter um relacionamento
	Repercutir	Ter repercussão
	Responder	Dar resposta
	Restringir	Ficar restrito
	Reunir	Ter reunião
	Trabalhar	Fazer trabalho
	Trancar	Ficar trancado
	Unir	Ficar unido

As ocorrências da classe “outros” compreendem verbos cujo argumento afetado/estativo aparece somente na posição de sujeito e verbos cujo argumento aparece tanto na posição de sujeito quanto de objeto. O grupo dos verbos cujo argumento aparece somente na posição de sujeito exemplifica-se através das perífrases *fazer estágio*, *fazer trabalho*, *ter repercussão* e *dar resposta*. Em seguida, observam-se os verbos *controlar*, *comparar*, *copiar*, *enfatizar*, *explicar*, *focar*, *noticiar*, *opinar*, *organizar*, *palpitar*,

questionar e *relacionar*, cujo argumento aparece na posição de objeto. Finalmente, observam-se os verbos cujo argumento aparece tanto na posição de objeto quanto na de sujeito sintático da frase, a saber: *acostumar*, *casar*, *diferenciar*, *empobrecer*, *encaixar*, *ocupar*, *posicionar*, *restringir*, *reunir*, *trancar* e *unir*. Todos os verbos deste grupo, exceto *acostumar*, *casar*, *juntar*, *organizar*, *posicionar* e *trabalhar* ocorreram somente na forma analítica.

Observem-se as tabela a seguir, nas quais se encontram os verbos mais frequentes desta subclasse.

Tabela 11: Os verbos da subclasse “outros” mais frequentes.

Verbo	Argumento afet./est. sujeito		Argumento afet./estativo objeto	
	SIN	ANA	SIN	ANA
Acostumar	22	7	2	0
Adaptar	25	0	0	0
Casar	50	0	0	0
Chamar	8	0	0	0
Estagiar	0	5	0	0
Formar	34	0	0	0
Trabalhar	17	0	0	0
Total	156	12	2	0

Tabela 12: Os tipos de verbos da subclasse “outros” mais frequentes na forma analítica.

Estruturas ANA	Número de ocorrências
<i>Acostumar</i> – Estar acostumado	5
<i>Acostumar</i> – Ficar acostumado	1
<i>Acostumar</i> – Ter costume	1
<i>Estagiar</i> – Fazer estágio	5

Os verbos que apresentam maior número de ocorrências (*tokens*) são: *acostumar* (tanto na forma sintética quanto analítica), *adaptar*, *casar*, *chamar*, *estagiar* (somente na forma analítica), *formar* e *trabalhar*. As perífrases *estar acostumado*, *ficar acostumado*,

ter costume e *fazer estágio* ilustram os *types* privilegiados pela subclasse semântica, quais sejam, “estar” e “fazer” (em maior número de ocorrências) e “ficar” e “ter”.

4.4.6 Os verbos beneficiários

Por fim, observem-se as ocorrências analíticas da classe dos verbos beneficiários:

Quadro 11: Os verbos beneficiários e as ocorrências analíticas.

Classe verbal	Verbo	Perífrase correspondente	
Beneficiários	Alimentar	Dar alimentação	
	Apoiar	Ter apoio	
	Arrecadar	Fazer arrecadação	
	Bombar ³⁷	Tomar bomba	
	Consertar ³⁸	Dar um conserto	
	Castigar		Botar de castigo
			Aplicar um castigo
			Colocar de castigo
	Culpar		Por culpa
			Colocar a culpa
	Doutorar	Fazer doutorado	
	Educar	Dar educação	
	Escolher	Fazer uma escolha	
	Especializar		Virar especialista
			Fazer especialização
	Garantir	Dar garantia	
	Hospedar	Ficar hospedado	
	Incentivar	Dar incentivo	
	Informar	Passar informação	
	Inocentar	Considerar inocente	
	Inscrever	Fazer inscrição	
	Lanchar	Fazer um lanche	
	Profissionalizar	Ter uma profissionalização	
	Privilegiar		Ser privilegiado
			Sentir privilegiado
	Preparar		Estar preparado
			Ser preparado
	Preferir	Dar preferência	
	Recomendar	Dar recomendação	

Beneficiários (continuação)	Responsabilizar	Ter responsabilidade Ficar responsável
	Sobrecarregar	Ficar sobrecarregado
	Sequestrar	Pegar de sequestro
	Sujeitar	Estar sujeitado ³⁹
	Submeter	Ser submetido
	Treinar	Dar treinamento
	Valorizar	Dar valor ³³
	Visitar	Fazer visita

A classe dos beneficiários mostrou-se bastante produtiva no que concerne às ocorrências analíticas. Dos 31 verbos referentes a essa classe, 11 aceitam a alternância do argumento afetado entre as posições de sujeito e de objeto, a saber: *alimentar, doutorar, educar, especializar, hospedar, inscrever, preparar, responsabilizar, sobrecarregar, sujeitar, submeter* e *valorizar*. Embora não previsto pela Gramática Tradicional, uma análise intuitiva aprovaria a leitura do verbo *lanchar* que apresentasse um argumento afetado/ estativo [+humano] na posição de objeto: *a mãe lanchar os filhos e os levou para a escola/ os filhos lancharam e foram para a escola*⁴⁰. Entretanto, optou-se por considerar o argumento deste verbo somente na posição de sujeito, pois não houve nenhuma ocorrência que aceitasse as duas posições do argumento no *corpus*. A ocorrência do verbo contendo um argumento externo [-humano] (como em: *Maria lanchar umas torradas e foi para a escola*) também não ocorreu. Os verbos *alimentar, apoiar, educar, escolher, especializar, inscrever, preparar, responsabilizar, sujeitar, submeter, treinar* e *valorizar* realizaram-se tanto como estruturas sintéticas quanto como estruturas analíticas. Os verbos *arrecadar, bombar, consertar, castigar, doutorar, garantir, hospedar, inocentar, profissionalizar, privilegiar, recomendar, sobrecarregar, sequestrar* e *visitar* apareceram somente na forma analítica.

A observação dos *tokens* mais frequentes desta classe constitui as seguintes tabelas:

³⁷ Repetir o ano.

³⁸ Castigar, punir.

³⁹ Os verbos *sujeitar* e *valorizar* podem, também, ser classificados como psicológicos. Entretanto, para a classificação dos verbos beneficiários, optou-se por seguir os critérios pré-determinados por Wenceslau (2003). Desta maneira, o predicador *sujeitar* pertence à classe 2 na classificação do autor, pois contém um argumento desencadeador [+controle] e um argumento afetado [-favorecido]. O predicador *valorizar* pertence à classe 1A por ter um argumento desencadeador e um argumento afetado [+favorecido].

⁴⁰ Exemplos nossos.

Tabela 13: Os verbos beneficiários mais frequentes.

Verbo	Argumento afet./est. sujeito		Argumento afet./estativo objeto	
	SIN	ANA	SIN	ANA
Aposentar	6	0	0	0
Candidatar	8	0	0	0
Escolher	0	0	6	2
Julgar	0	0	9	0
Perder	0	0	7	0
Preparar	6	2	2	0
Valorizar	0	0	1	5
Votar	0	0	11	0
Total	20	2	36	7

Tabela 14: Os tipos mais frequentes de estruturas analíticas dos verbos beneficiários.

Estruturas ANA	Número de ocorrências
<i>Escolher – Fazer uma escolha</i>	2
<i>Preparar – Estar preparado</i>	1
<i>Preparar – Ser preparado</i>	1
<i>Valorizar – dar valor</i>	5

Os verbos *aposentar*, *candidatar*, *escolher*, *julgar*, *perder*, *preparar*, *valorizar* e *votar* ilustram os *tokens* mais frequentes de realização morfológica sintética. Os verbos *escolher*, *preparar* e *valorizar* também se realizaram na forma analítica, através das construções *fazer uma escolha*, *estar preparado*, *ser preparado* e *dar valor*. As estruturas “dar”, “fazer”, “estar” e “ser” representam o *type* privilegiado pela classe dos beneficiários.

4.5 Sobre a análise dos itens lexicais

A análise dos itens lexicais identificou os verbos que constroem traços que, posteriormente, licenciarão a alternância causativo-ergativa. Mesmo que um verbo não

realize a alternância, este pode realizar estruturas analíticas, o que entende-se como uma pré-condição para a realização da mesma.

Dentre a subclasse dos verbos de percepção, cujos verbos não consentem a alternância causativo-ergativa, observou-se que apenas um verbo foi responsável pela única ocorrência analítica, a saber: *olhar* (“dar uma olhada”). Dentre a subclasse dos verbos epistêmicos, que comporta alguns verbos que aceitam a alternância, observou-se também somente um verbo responsável pela ocorrência mais frequente, a saber: *avaliar* (“fazer uma avaliação”).

Analisando a subclasse dos verbos físicos, foram observados mais verbos que se realizaram na forma analítica e que se relacionam à alternância causativo-ergativa; dentre os verbos mais frequentes tem-se: *afastar* (“ficar/estar afastado”), *envelhecer* (“ficar velho”), *estressar* (ter estresse e ficar estressado) e *vestir* (estar vestido). A subclasse dos verbos psicológicos foi a mais produtiva e observaram-se diversas perífrases que se relacionam, igualmente, a verbos causativo-ergativos.

A subclasse “outros” também se mostrou bastante produtiva em relação à realização de estruturas analíticas. Destacam-se, dentre os mais frequentes, o verbo *acostumar*, que realizou as perífrases “ter costume”, “estar acostumado” e “ser acostumado”; e *estagiar*, através da perífrase “fazer estágio”.

Finalmente, observou-se a classe dos verbos beneficiários, na qual se destacam três verbos mais frequentes: *escolher*, *preparar* e *valorizar*, que realizaram as construções “fazer uma escolha”, “estar/ser preparado” e “dar valor”, respectivamente.

A hipótese que guia esta parte da análise sustenta que os verbos que licenciam a alternância causativo-ergativa, desenvolvem primeiramente as estruturas analíticas para, em seguida, se ergativizarem. A análise dos itens lexicais e dos dados da tabela 4 mostra que as classes que mais apresentaram estruturas analíticas são aquelas que mais apresentam verbos causativo-ergativos. Desta maneira, dentre a classe dos verbos experienciais, aponta-se a subclasse dos verbos psicológicos como liderando este processo, seguida pela subclasse dos verbos físicos e “outros”. Observou-se,

igualmente, que a classe dos verbos beneficiários realizou consideráveis ocorrências de verbos causativo-ergativos e também na forma analítica.

Em seguida, observe-se a relação das estruturas analíticas e da ausência do pronome “se”.

4.6 A relação entre a ausência do pronome e as estruturas analíticas

Como observado na segunda parte do capítulo Metodologia, os trabalhos de Madureira (2000, 2002) e Dogliani (2007) nos chamam a atenção para a importância da análise das estruturas analíticas no estudo do apagamento do pronome ao observar que, na medida em que essas são usadas com o mesmo valor de verdade que as formas verbais (construções sintéticas), o contexto das formas pronominais se vê reduzido.

Das 449 ocorrências de estruturas analíticas presentes no corpus, 261 (58%) correspondem a estruturas que exibem correspondência ao contexto favorecedor ao pronome (como “ficar preocupado” – *preocupar-se*, “dar uma produzida” – *produzir-se*, “ficar hospedado” – *hospedar-se*, etc.). As 188 ocorrências restantes, dizem respeito às estruturas que, causativo-ergativas ou não, não ocupam o lugar do pronome quando o verbo está na forma sintética (como “deixar com raiva” – *enraivecer*, “ficar com inveja” – *invejar*, “chegar à conclusão” – *concluir*, etc.).

As ocorrências analíticas foram divididas de acordo com a correspondência com o contexto de pronome (doravante “presença/ ausência de contexto de *se*”, para facilitar a compreensão) e com o tipo verbal. Os dados se distribuem da seguinte forma:

Tabela 15: A distribuição das estruturas analíticas de acordo com a correspondência com o contexto de pronome e os tipos verbais.

Subclasse verbal		Presença de contexto de <i>se</i>		Ausência de contexto de <i>se</i>		Total	
		N	%	N	%	N	%
Experienciais	Psicológicos	196	70	83	30	279	62
	Físicos	26	49	27	51	53	11,8
	Epistêmicos	2	10	17	90	19	4
	Percepção	0	0	1	100	1	0,2
	“Outros”	22	44	29	56	51	8
Beneficiários		15	32	31	68	46	10
Total		261	58	188	42	449	100

Note-se a relevância da classe dos verbos psicológicos, que ocupa 62% do *corpus* de estruturas analíticas. Esses verbos são, também, aqueles que mais apresentam ocorrências que, uma vez na forma sintética, apresentariam contexto favorável ao uso do pronome. São 196 ocorrências, ou 70% dos verbos pertencentes ao subgrupo dos psicológicos. Observem-se alguns exemplos:

(118) (1lvxzS Eu não queria que você *ficasse chateada*

(119) (1lvxzS Eu imagino, assim, pra gente que *tem interesse*

(120) (1lvxzS Aí eu *fiquei* um pouco *assustada*

Os verbos físicos compreendem 11,8% das ocorrências do *corpus*. Verbos da subclasse “outros” e da classe dos beneficiários constituem, respectivamente, 8% e 10% do *corpus* de estruturas analíticas. Os verbos epistêmicos formam 4% do *corpus* e os verbos de percepção contemplam somente uma ocorrência, a saber:

(121) (0tjxzS [a pessoa pode]até *dar uma olhadinha* mais do que no slide...

Note-se que, em Carvalho (2008), os verbos epistêmicos apareceram quase categoricamente com estruturas sintéticas. A análise da autora também revelou que a subclasse dos verbos de percepção é uma subclasse de realizações morfológicas categoricamente sintéticas.

As 261 ocorrências que apresentariam o contexto do pronome *se* quando na forma

sintética, concentram-se, além da subclasse dos psicológicos, na subclasse “outros”, abarcando 44% das ocorrências; na subclasse dos físicos, com 49% de ocorrências; na classe dos beneficiários, compreendendo 32% das ocorrências e, finalmente, na subclasse dos epistêmicos, com somente 10% das ocorrências. Exemplos das classes supracitadas são, respectivamente:

(122) (1ovxwS Eu *to* tão *acostumada* com aqui

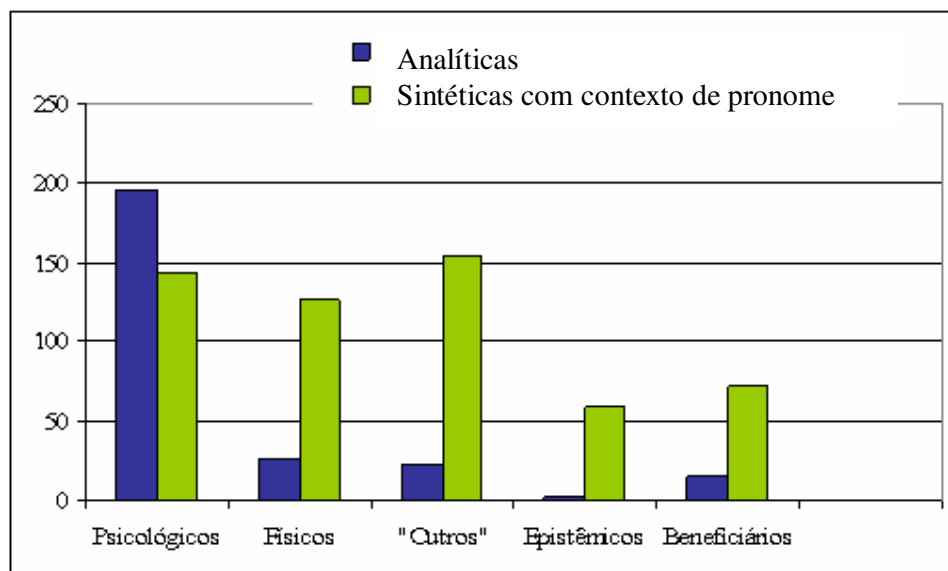
(123) (1fvywS Muitas vezes eles *ficam constipados*

(124) (1bvxwS pra poder *ficar hospedada*

(125) (1mjyzS eu *tenho consciência* das coisas

O gráfico a seguir exibe a proporção das ocorrências sintéticas com contexto de pronome e as ocorrências analíticas que apresentam contexto de pronome:

Gráfico 1: A distribuição das ocorrências sintéticas com contexto de pronome e as ocorrências analíticas correspondentes.



Observa-se que a subclasse dos verbos psicológicos apresentou muito mais ocorrências na forma analítica do que na forma sintética, no que diz respeito ao contexto de uso do

pronome. É possível afirmar, assim, que a hipótese de que as construções analíticas reduzem o contexto de uso do pronome é válida para esse subgrupo verbal, mas não para os outros, que apresentam altos índices de ocorrências sintéticas. As subclasses dos físicos e “outros”, assim como a classe dos beneficiários, apresentaram construções analíticas, mas não em número suficiente que permita afirmar que essas construções restringem o contexto de uso do pronome. As subclasses dos verbos epistêmicos e de percepção não realizaram construções analíticas relevantes para legitimar a hipótese. Salienta-se, neste ponto, que os verbos epistêmicos e de percepção não apresentam extenso contexto de uso do pronome.

4.7 Conclusões sobre a análise sintático-semântica

A observação da realização do argumento afetado/ estativo, na seção 4.1, revelou 77% das ocorrências na posição de sujeito. A análise revelou, também, que os verbos experienciais exibem preferencialmente o argumento afetado/ estativo na posição de sujeito, realizando-se desta maneira tanto nas ocorrências de forma sintética quanto nas de forma analítica. Os verbos beneficiários, por sua vez, exibem o comportamento contrário, ou seja, a preferência desta classe é que o argumento afetado se encontre na posição de objeto sintático da frase. Registrou-se a seguinte hierarquia nas classes semânticas no que concerne à ocorrência do argumento afetado/estativo na posição de objeto: beneficiários (64%) > psicológicos (40%) > físicos (18%) > “outros” (5%) > epistêmicos e percepção (0%).

A análise das construções analíticas de acordo com as classes semânticas revelou a seguinte hierarquia de ocorrências: psicológicos > beneficiários > físicos > “outros” > epistêmicos e percepção. Observou-se, em seguida, que 58% das ocorrências apresentaram correspondência com o contexto de uso do pronome. Porém, somente os verbos psicológicos apresentaram mais ocorrências deste tipo que da forma sintética (70% de ocorrências analíticas com correspondência ao contexto de pronome). Desta maneira, a hipótese de que as construções analíticas reduzem o contexto de uso do pronome é válida somente para esse subgrupo verbal. Nota-se, entretanto, que o subgrupo dos físicos e “outros” apresentaram, respectivamente, 49% e 44% de ocorrências com correspondência ao contexto de pronome. A subclasse dos verbos de

percepção não apresentou ocorrências relevantes para legitimar a hipótese. A análise sintático-semântica dos verbos permitiu elaborar o quadro seguinte, que aponta as principais características de cada subclasse analisada:

Quadro 12: As propriedades sintáticas apresentadas pelas classes semânticas.

Classe semântica	Propriedades
Psicológicos	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitam a alternância causativo-ergativa; - Realizam-se tanto na forma sintética quanto analítica; - O argumento afetado/ estativo realiza-se preferencialmente na posição de sujeito.
Físicos	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitam a alternância causativo-ergativa; - Realizam-se preferencialmente na forma sintética, mas também ocorrem na forma analítica; - O argumento afetado/ estativo realiza-se preferencialmente na posição de sujeito.
Epistêmicos	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitam a alternância causativo-ergativa; - Realizam-se preferencialmente na forma sintética, mas também ocorrem na forma analítica; - O argumento afetado/ estativo realiza-se categoricamente na posição de sujeito.
Percepção	<ul style="list-style-type: none"> - Não aceitam a alternância causativo-ergativa; - Realizam-se quase categoricamente na forma sintética; - O argumento afetado/ estativo realiza-se categoricamente na posição de sujeito.
“Outros”	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitam a alternância causativo-ergativa; - Realizam preferencialmente na forma sintética, mas podem ocorrer também na forma analítica; - O argumento afetado/ estativo realiza-se preferencialmente na posição de sujeito.
Beneficiários	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitam a alternância causativo-ergativa; - Realizam-se preferencialmente na forma sintética, podendo ocorrer também na forma analítica; - O argumento afetado/ estativo realiza-se majoritariamente na posição de objeto.

A próxima seção tratará da análise dos dados do *corpus* em relação ao apagamento do pronome se.

PARTE II: O APAGAMENTO DO PRONOME *SE*

4.0 Introdução

Nesta parte da análise serão levados em consideração os dados provenientes das ocorrências sintéticas com contexto de pronome (como visto na seção 4.2 da primeira parte deste capítulo). O estudo do uso/ apagamento do pronome iniciar-se-á pela análise dos fatores linguísticos. Por ser uma análise de cunho sóciolinguístico, observa-se a relevância dos fatores extralinguísticos, que serão analisados logo em seguida.

4.1 Os fatores linguísticos

Os fatores linguísticos que se destacam nesta parte da análise são o tipo de pronome, a classe semântica e o item lexical.

4.1.1 A análise do fator tipo de pronome

Para a análise do apagamento do pronome foram consideradas todas as estruturas sintéticas de verbos que apresentam o contexto do pronome pseudo-reflexivo ou reflexivo. Essas ocorrências correspondem a 556 dados, e se distribuem da seguinte maneira:

Tabela 16: A relação entre os subtipos verbais e a presença/ ausência do pronome.

Subclasse verbal		Presença de <i>se</i>		Ausência de <i>se</i>		Total	
		N	%	N	%	N	%
Experienciais	Psicológicos	65	45	79	55	144	26
	Físicos	31	17	95	83	126	22
	Epistêmicos	4	7	55	93	59	11
	Percepção	0	0	0	0	0	0
	“Outros”	36	25	119	75	155	28
Beneficiários		38	53	34	47	72	13
Total		174	31	382	69	556	100

Das 556 ocorrências com contexto de pronome, 174 (31%) se realizaram com a presença do pronome enquanto 382 (69%) se realizaram sem o mesmo. No que concerne ao apagamento do pronome conforme as subclasses verbais, observa-se que os verbos epistêmicos são os que mais ilustram o apagamento do pronome (93% de apagamento), no que são seguidos pelos físicos, que registram 83% de apagamento. A subclasse “outros” apresentou 75% de apagamento do pronome. Os verbos psicológicos apresentaram 55% de apagamento. Contrariamente, os verbos beneficiários registraram mais presença que ausência de pronome, 53% e 47%, respectivamente.

Ao analisar o tipo de pronome presente no *corpus*, observou-se que o contexto das ocorrências de pronome pseudo-reflexivo somam 504 (91%) dados e as ocorrências de pronome reflexivo, 52 (9%). Observe-se a tabela a seguir:

Tabela 17: O apagamento por tipo de pronome.

Tipo de pronome	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Pseudo-reflexivo	145	29	.51	363	71	.49	508	91
Reflexivo	29	60	.36	19	40	.64	48	9
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

A tabela 17 exibe significativos percentuais de apagamento de pronome pseudo-reflexivo (71% das ocorrências). No que diz respeito ao pronome reflexivo, identifica-se um percentual menor de apagamento, qual seja, 40%. Entretanto, analisando-se os pesos relativos, tem-se .51 de probabilidade de presença do pseudo-reflexivo e .36 de presença do pronome reflexivo.

Os resultados percentuais encontrados corroboram os resultados de Rocha (1999) que mostram que o pronome pseudo-reflexivo (que a autora denomina *falso reflexivo*) é mais apagado que o pronome reflexivo. Desta maneira, podemos afirmar que o pronome reflexivo é aquele que favorece o uso do pronome. Isto pode ser explicado pelo fato de o pronome reflexivo exercer uma função sintática e receber papel temático, enquanto o mesmo não ocorre com os pseudo-reflexivos. Carvalho (2008), em contrapartida, observou que o apagamento do pronome no *corpus* de Santa Luzia é praticamente categórico e aponta que o contexto mais conservador é o dos pronomes pseudo-

reflexivos, pois as únicas 4 ocorrências de pronome realizadas pertenciam a essa classe. Nesse caso, pode ser apontada a atuação do item lexical *lembrar* e não o tipo de pronome, como evidenciado na resenha do trabalho da autora, que se encontra na seção 1.3.5. Os achados de Carvalho podem ser justificados pelos pesos relativos encontrados na presente análise, que demonstram o inverso das porcentagens.

O apagamento dos pronomes sugere que pode estar havendo um processo de gramaticalização. Considerado um processo essencial para a mudança linguística, a gramaticalização, segundo Lopes (s. d.), se dá quando um item lexical passa a assumir um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, “podendo mudar de categoria sintática (recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas”. A autora observa, ainda, que a frequência de uso é um fator primordial na geração de uma mudança, pois “fixa o uso, o rotiniza, outorga apoio paradigmático e cria estabilidade no sistema”. Além disso, a repetição leva à perda do conteúdo semântico, o que resulta no emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica. Lehman (1982 *apud* Lima, 2006) afirma que quanto mais gramatical é um elemento, mais ele: a) perde traços semânticos; b) reduz seu paradigma; c) é empregado obrigatoriamente; d) se posiciona fixamente nos sintagmas ou palavras.

Vitral & Ramos (2006), ao descreverem o percurso do *se* apassivador e indeterminador, declaram que esse percurso pode ser identificado como um processo de gramaticalização. Segundo os autores o clítico *se* é originário do pronome reflexivo latino SE, que se vincula à raiz indo-européia que significa “à parte, separado, para si”. A partir da construção reflexiva, expandiu-se na língua de maneira a formar, inicialmente, a chamada construção passiva-se, com concordância e, posteriormente a construção conhecida como *se*-impessoal. O pronome *se*, em princípio, tinha uma origem lexical e, atualmente, apresenta o terceiro estágio do processo de gramaticalização, a saber: 1. item lexical > 2. item gramatical > 3. clítico > 4. afixo (cf. Hopper e Traugott, 1993 *apud* Vitral & Ramos, 2006). Lima (2006) acrescenta que, considerando-se os estágios da gramaticalização propostos por Hopper e Traugott, esta só se realiza da esquerda para a direita, isto é, “um determinado item não poderia se desgramaticalizar, mas só poderia movimentar-se de um estágio inferior para um estágio

superior, e não o contrário” (p.38).

Ao tentar traçar o percurso diacrônico dos verbos com o pronome *se* na língua portuguesa, Lima (2006) observa que o elevado índice de 85% de apagamento do pronome *se* na modalidade falada seria uma indicação de que podemos estar diante do estágio zero da gramaticalização. Considerando a idéia do ciclo da gramaticalização, o autor destacou os verbos de movimento como sendo os primeiros a se pronominalizar e os que se apagaram mais rapidamente. Os verbos pronominais com leitura psicológica são os mais preponderantes no *corpus*. Por não ter função, o pronome *se* no radical desses verbos tende a desaparecer. A análise do comportamento do pronome proposta neste trabalho não pode ser conclusiva à respeito da gramaticalização, uma vez que esta é uma análise sincrônica e que os comentários aqui expostos têm a função de resgatar os indícios fornecidos pelo comportamento dos verbos.

4.1.2 As classes semânticas e os itens lexicais

Conforme já se mencionou na seção 3.2.5, é possível que tanto a atuação do fator classe semântica quanto a atuação do fator tipo de pronome estejam refletindo a atuação de outro fator: o item lexical. Esse fator se mostrou como um dos responsáveis pela variação e mudança linguística em diversos trabalhos (cf. Madureira (2000, 2002); Dogliani (2007, 2009) e Carvalho (2008)).

Bybee (2001) destaca dois tipos de frequência: a frequência de *tokens* e a frequência de *types*. A primeira refere-se à frequência de uma palavra, a ocorrência de uma unidade no decorrer do *corpus*. A segunda refere-se à frequência de um determinado padrão. A autora observa que, em relação à frequência de *tokens*, os itens mais frequentes podem seguir dois caminhos em uma mudança linguística: a) podem ser mais afetados pelo processo ou b) tornam-se mais resistentes à mudança. No que concerne à frequência de *types*, a autora indica que essa frequência determina a produtividade, sendo que a produtividade é a extensão de um padrão a novas formas.

Nesta parte da análise, observam-se os itens lexicais mais frequentes no *corpus* que apresentaram maiores índices de apagamento do pronome. Foram considerados

frequentes os itens que apareceram pelo menos cinco vezes ao longo do *corpus*. A tabela seguinte exibe as ocorrências referentes às classes dos verbos experienciais e beneficiários:

Tabela 18: As classes semânticas e a frequência dos principais itens lexicais.

Classe verbal	Verbo	se		ø		Total	
		N	%	N	%	N	%
Experienciais	Acostumar	1	5	21	95	22	5,6
	Adaptar	18	72	7	28	25	6,4
	Afastar	7	70	3	30	10	2,5
	Assustar	0	0	8	100	8	2
	Casar	3	6	47	94	50	13
	Chamar	1	12	7	88	8	2
	Decepcionar	6	55	5	45	11	3
	Divertir	5	100	0	0	5	1,2
	Estressar	0	0	7	100	7	1,8
	Formar	0	0	34	100	34	9
	Interessar	5	83	1	17	6	1,5
	Lembrar	4	7	55	93	59	15,2
	Levantar	0	0	7	100	7	1,8
	Machucar ⁴¹	0	0	8	100	8	2
	Mudar ⁴²	0	0	30	100	30	8
	Preocupar	15	39	23	61	38	10
	Sentar	0	0	21	100	21	5,5
	Vestir	9	75	3	25	12	3
Beneficiários	Aposentar	0	0	6	100	6	1,5
	Candidatar	0	0	8	100	8	2
	Preparar	9	82	2	18	11	3
Total		83	22	303	78	386	100

Note-se que os verbos *aposentar*, *assustar*, *candidatar*, *estressar*, *formar*, *levantar*, *machucar*, *mudar* e *sentar* realizaram-se categoricamente sem o pronome. Os verbos *acostumar*, *casar*, *chamar*, *lembrar* e *preocupar* realizaram algumas construções com o pronome, mesmo que poucas. Os verbos *adaptar*, *afastar*, *decepcionar*, *vestir* e *preparar* realizaram mais construções com o pronome que sem o mesmo. Todas as realizações do verbo *divertir* aconteceram na forma pronominal.

⁴¹ O predicador *machucar* ocorreu 8 vezes no *corpus*, 7 das quais com contexto de predicador físico e 1 vez com contexto de predicador psicológico.

⁴² Ir habitar em outro ponto; transferir-se para outra casa ou local.

Observa-se uma expressiva concentração de ocorrências sem o pronome (pseudo-reflexivo e reflexivo) em todas as subclasses, em particular na subclasse “outros”. Os verbos *acostumar*, *casar* e *formar*, juntos, somam 102 (33,6%) ocorrências sem o pronome e são os que mais se destacam nesta subclasse. As ocorrências que mais estimularam a ausência do pronome na subclasse dos psicológicos foram os verbos *assustar* e *preocupar*; na subclasse dos físicos, nota-se que os verbos *mudar* e *sentar* registram 51 ocorrências de ausência de pronome (17%). Na subclasse dos epistêmicos, o verbo *lembrar* é responsável por 55 ocorrências sem o pronome (18%). Finalmente, a classe dos beneficiários parece um pouco equilibrada; das 25 ocorrências totais desta classe, os verbos *aposentar* e *candidatar* respondem por 14 das 16 ocorrências sem o pronome.

Os dados apresentados na tabela 18 corroboram a hipótese do apagamento do pronome, pois, dos 386 itens lexicais mais frequentes do *corpus*, 303 – ou 78% – apresentaram-se sem o pronome. Porém, os 83 itens que se realizaram com o pronome sugerem que há um comportamento bifurcado no que concerne ao uso do pronome: verbos como *acostumar*, *apostentar*, *assustar*, *casar*, *candidatar*, *estressar*, *formar*, *lembrar*, *levantar*, *machucar*, *mudar* e *sentar*, que se realizaram categoricamente (ou quase) sem o pronome, apontam claros indícios de apagamento do clítico, ao passo que os verbos *adaptar*, *divertir*, *interessar* e *preparar* indicam o caminho contrário; esses verbos estariam contribuindo para a manutenção do uso do pronome. Destaca-se o verbo *adaptar* como o mais frequente deste último grupo.

Os dados sugerem que o fator preponderante não é a classe semântica, mas sim o item lexical. Observe-se que todas as subclasses que apresentaram ocorrências com contexto de pronome também apresentaram um índice significativo de ausência do mesmo.

A próxima seção tratará da análise dos fatores extralinguísticos.

4.2 Os fatores extralinguísticos

Os fatores extralinguísticos considerados na análise do apagamento do pronome foram: faixa etária, gênero e escolaridade. A seguir, observe-se o comportamento de cada um

desses fatores em relação ao uso/ apagamento do pronome.

4.2.1 Faixa etária

Conforme se viu seção 3.1, os informantes foram divididos em dois grupos etários, a saber: grupo 1 – informantes jovens de 19 a 25 anos de idade. Grupo 2 – informantes adultos de 35 a 45 anos de idade. As ocorrências referentes ao uso/ apagamento do pronome distribuem-se da seguinte maneira:

Tabela 19: A relação entre a faixa etária e o uso do pronome

Grupo etário	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Grupo 1 – Jovens	87	33	.52	180	67	.48	267	48
Grupo 2 – Adultos	87	30	.48	202	70	.52	289	52
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

O que se observa nesta tabela é que, apesar dos altos índices de apagamento nos dois grupos etários, os informantes do grupo 2 tendem a omitir o pronome mais frequentemente que os informantes do grupo 1: 70% de apagamento para o grupo 2 (.52 de probabilidade) e 67% de apagamento para o grupo 1 (.48 de probabilidade). Este resultado nos permite dizer que não são os mais jovens que lideram o uso da forma inovadora, como pressupõe a teoria da variação e mudança.

Esses resultados encontrados podem ser comparados com os resultados de pesquisas anteriores, como Rocha (1999) e Melo (2005). Em relação ao apagamento do pronome, Rocha reportou 83% no grupo dos jovens (15 a 22 anos), 58% no grupo dos medianos 1 (23 a 29 anos) e 81% no grupo dos medianos 2 (30 a 49 anos). Os achados de Melo também exibem um perfil de variação estável nas faixas etárias de 20 a 30 anos e de 31 a 45 anos; os grupos etários apresentaram, respectivamente, 42% e 48% de supressão do pronome.

A próxima seção contempla a análise das ocorrências sob o ponto de vista do gênero.

4.2.2 Gênero

Os informantes do gênero masculino respondem por 52% das ocorrências do *corpus* (290 dados) enquanto os informantes do gênero feminino respondem por 48% das ocorrências (266 dados). Analisados sob o ponto de vista do gênero do informante, os dados correspondentes ao apagamento e ao uso do pronome *se* se distribuem da seguinte maneira:

Tabela 20: A relação entre o gênero e o uso do pronome.

Gênero	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Masculino	115	40	.59	175	60	.41	290	52
Feminino	59	22	.39	207	78	.61	266	48
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

Os dados mostram que são as mulheres que lideram este processo linguístico e não os homens, como se imaginava. Apesar de serem vistas como conservadoras perante variantes estigmatizadas, as mulheres representam 78% de ocorrências de apagamento (.61 de probabilidade) contra 60% de apagamento para os homens (.41 de probabilidade).

Com o intuito de identificar a relevância dos fatores faixa etária e gênero em relação ao apagamento do pronome, e de observar possíveis idiosincrasias que justifiquem os resultados obtidos na tabela 19, obteve-se o seguinte resultado ao cruzar esses fatores:

Tabela 21: A relevância dos fatores faixa etária e gênero para o apagamento do pronome.

Faixa etária / Gênero	Homens				Mulheres				Total			
	<i>se</i>		∅		<i>se</i>		∅		<i>se</i>		∅	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Grupo 1 – jovens	51	17,5	66	82,5	36	13,5	114	86,5	87	33	180	67
Grupo 2 – adultos	64	22	109	78	23	8,6	93	91,5	87	30	202	70
Total	115	40	175	60	59	22	207	78	174	31	382	69
Total por gênero	290				266				556			

A tabela acima retrata o cruzamento dos fatores faixa etária e gênero e sua relevância para o fenômeno do apagamento do pronome. É possível observar que o grupo dos jovens realizou 67% de apagamento contra 70% no grupo dos adultos. Ao analisar os índices de apagamento entre os gêneros, as mulheres se destacam nos dois grupos etários, realizando 86,5% de apagamento no grupo dos jovens e 91,5% no grupo dos adultos. Os homens realizaram 82% e 78% de apagamento nos respectivos grupos.

Conclui-se, assim, que as mulheres se destacam no processo linguístico, pois realizaram mais ocorrências sem o pronome. Tanto no grupo dos jovens como no grupo dos adultos, registrou-se um índice de apagamento superior a 80%. A tabela 15 restabelece, ainda, que no grupo das mulheres há maior índice de apagamento na faixa etária dos adultos.

Na próxima seção, observe-se a relevância do fator escolaridade para a análise.

4.2.3 Escolaridade

Verificaram-se 273 (49%) dados referentes aos informantes com ensino médio completo e 282 (51%) dados pertencentes aos informantes com ensino superior já concluído ou em curso. Observe-se a tabela seguinte:

Tabela 22: A relação entre a escolaridade e o uso do pronome.

Escolaridade	Presença de <i>se</i>			Ausência de <i>se</i>			Total	
	N	%	PR	N	%	PR	N	%
Ensino médio	69	25	.44	203	75	.56	273	49
Ensino superior	105	37	.55	179	62	.45	282	51
Total	174	31	-	382	69	-	556	100

Como se comprova em outras pesquisas, o fator escolaridade é bastante significativo no que diz respeito ao uso/ apagamento do *se*. Note-se que, apesar de altos os índices de apagamento em ambos os grupos, informantes do nível médio realizaram 75% de supressão do pronome (.56 de probabilidade) enquanto informantes com ensino superior

omitiram o pronome em 62% das ocorrências (.45 de probabilidade).

Ao fazer o cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade, obtiveram-se os seguintes números:

Tabela 23: A relevância dos fatores escolaridade e faixa etária para o apagamento do pronome.

Escolaridade / Faixa etária	Ensino médio				Ensino superior				Total			
	<i>se</i>		∅		<i>se</i>		∅		<i>se</i>		∅	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Grupo 1 – jovens	30	27	81	73	57	37	99	63	87	33	87	30
Grupo 2 – adultos	39	24	122	76	48	38	80	62	180	67	202	70
Total	69	25	203	75	105	37	179	63	267		289	
Total escolaridade	272				283				556			

Através da análise da tabela, nota-se que os informantes com ensino médio realizaram mais de 70% de supressão do pronome em seus respectivos grupos etários. Cumpre destacar, porém, que os informantes adultos realizam 76% de apagamento e os informantes jovens, 73%. No que concerne aos informantes do ensino superior, observa-se, também, mais de 50% de apagamento em ambas as faixas etárias. Contudo, os falantes jovens registram uma porcentagem pouco maior de apagamento do que os falantes adultos: 63% e 62%, respectivamente.

Conclui-se que, mesmo com uma diferença percentual pequena entre um nível de escolaridade e outro, quanto maior o nível de instrução do falante, menos propenso a suprimir o pronome ele estará, especialmente dentre a faixa etária jovem, onde se registrou 10% a menos de apagamento para informantes com nível superior, contra 14% a menos para informantes adultos com o mesmo nível de formação.

A análise dos fatores extralinguísticos nos aponta que o fenômeno da variação no uso do pronome já está avançado e que a ausência do *se* não é estigmatizada, o que se comprova pelos altos percentuais de supressão em todos os grupos de fatores analisados.

Dentre os verbos que apareceram com mais frequência no *corpus* (como visto na tabela 11), nota-se que os que mais apresentam apagamento são: *acostumar*, *adaptar*, *aposentar*, *candidatar*, *casar*, *formar*, *lembrar*, *levantar*, *machucar*, *mudar*, *preocupar* e *sentar*. Esses verbos somam 386 ocorrências, sendo 183 pertencentes às falantes do gênero feminino e 203 pertencentes aos falantes do gênero masculino. Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 24: Os itens lexicais mais frequentes distribuídos por gênero

Gênero	Mulheres				Homens				Total			
	se		ø		se		ø		Se		ø	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Acostumar	1	5	11	50	0	0	10	45	1	5	21	95
Adaptar	6	24	3	12	12	48	4	16	18	72	7	28
Afastar	3	30	1	10	4	40	2	20	7	70	3	30
Aposentar	0	0	3	50	0	0	3	50	0	0	6	100
Assustar	0	0	4	50	0	0	4	50	0	0	8	100
Casar	0	0	25	50	3	6	22	44	3	6	47	94
Candidatar	0	0	4	50	0	0	4	50	0	0	8	100
Chamar	0	0	2	25	1	13	5	62	1	13	7	87
Decepcionar	1	9	2	18	5	45	3	28	6	55	5	45
Divertir	4	80	0	0	1	20	0	0	5	100	0	0
Estressar	0	0	2	29	0	0	5	71	0	0	7	100
Formar	0	0	23	68	0	0	11	32	0	0	34	100
Interessar	1	17	1	17	4	66	0	0	5	83	1	17
Lembrar	2	3	22	37	2	2	33	58	4	7	55	93
Levantar	0	0	4	57	0	0	3	43	0	0	7	100
Machucar	0	0	4	50	0	0	4	50	0	0	8	100
Mudar	0	0	19	63	0	0	11	37	0	0	30	100
Preocupar	1	2	4	11	14	37	19	50	15	39	23	61
Preparar	2	18	1	9	7	63	1	9	9	82	2	18
Sentar	0	0	16	76	0	0	5	24	0	0	21	100
Vestir	8	67	3	25	1	8	0	0	9	75	3	25
Total parcial	29	16	154	84	54	27	149	73	83	22	303	78
Total geral	183 (47%)				203 (53%)				386 (100%)			

Das 183 ocorrências pertencentes ao gênero feminino, 154 (84%) apareceram sem o pronome. As 29 (16%) restantes referem-se aos verbos *acostumar*, *adaptar*, *afastar*, *decepcionar*, *divertir*, *interessar*, *lembrar*, *preocupar*, *preparar* e *vestir*. A maioria, exceto *divertir*, também apresentou índices relevantes de apagamento. As ocorrências pertencentes ao gênero masculino distribuem-se em 149 (73%) de apagamento e 54

(27%) de presença de pronome. Os verbos que mais mantiveram o pronome foram: *adaptar, afastar, casar, chamar, decepcionar, divertir, interessar, lembrar, preocupar, preparar e vestir*. Observe-se que os verbos *casar, lembrar e preocupar* também obtiveram altos índices de apagamento. Como no grupo das mulheres, o verbo *divertir* não apresentou índices de apagamento.

4.3 Conclusões sobre a análise do uso/ apagamento do pronome

A análise dos fatores linguísticos nos exibiu um panorama do comportamento dos verbos experienciais e beneficiários no dialeto de Belo Horizonte. No que concerne ao uso/ apagamento do pronome *se*, observou-se um índice de 69% de apagamento, sendo que os pronomes pseudo-reflexivos realizaram mais apagamentos que os reflexivos – 71% e 44%, respectivamente. As subclasses dos verbos epistêmicos, físicos e “outros” foram as que registraram índices mais altos de apagamento – 93%, 83% e 75%, respectivamente. A subclasse dos psicológicos realizou 55% de supressão do pronome. A classe dos beneficiários registrou os menores índices de apagamento do pronome – 47%.

A análise dos itens lexicais mostrou que quando na forma sintética, há itens que favorecem o apagamento do pronome, tais como *aposentar, casar, lembrar, mudar, sentar*; da mesma maneira, há itens que favorecem a manutenção do pronome, como *adaptar, divertir e interessar*. Esta análise sugere que há uma bifurcação no comportamento dos verbos no que diz respeito ao uso do pronome, pois há itens que favorecem o apagamento e outros que favorecem a manutenção. A análise dos itens lexicais mais frequentes do *corpus* também indicou que o apagamento do pronome encontra-se equilibrado entre homens e mulheres, mesmo sendo as últimas apontadas como favorecedoras do processo.

No que concerne aos fatores extralinguísticos, observou-se que os jovens realizaram menos apagamentos que os adultos (67% contra 70%). Contrariamente ao que postula a Teoria da Variação e Mudança, as mulheres não se mostraram tão conservadoras quanto à variação do uso/ apagamento do pronome, pois apresentaram altos índices de apagamento do mesmo, destacando-se no grupo dos jovens (86,5% de apagamento) e no

grupo dos adultos (91,5% de apagamento). Corroborando a análise de Rocha (1999) e Melo (2005), o fator escolaridade revelou-se bastante significativo, visto que informantes com apenas o ensino médio realizaram 25% (.44) de preenchimento do pronome e informantes com nível superior realizaram 37% de preenchimento (.55)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese central que guiou este estudo foi a de que verbos que aceitam a propriedade de ergativização realizam mais estruturas analíticas, e que o comportamento de cada classe semântica sinaliza que tais estruturas instauram as condições de ergativização. Além do mais, a partir da observação de diversas pesquisas no campo variacionista, inferiu-se que o uso do pronome *se* com valor de reflexivo e pseudo-reflexivo esteja caindo em desuso no dialeto de Belo Horizonte. Igualmente, as análises anteriores a este estudo nos levaram a inferir que as construções analíticas reduzem o contexto de uso do pronome.

A partir dos pressupostos da hipótese, objetivou-se analisar o comportamento dos verbos experienciais – psicológicos, físicos, epistêmicos, de percepção e o grupo “outros” – e beneficiários, identificando suas propriedades mais frequentes e observando o comportamento do uso do pronome *se* em construções do dialeto belorizontino.

A primeira parte da análise focou-se no caráter sintático-semântico do objeto de estudo, a saber: a realização morfológica, a realização do argumento afetado/estativo e a descrição do comportamento dos itens lexicais dentro de cada classe semântica.

Ao identificar a frequência de cada tipo de realização morfológica, observou-se que a subclasse dos verbos psicológicos foi a mais produtiva, produzindo 49,6% de ocorrências analíticas, seguida pela classe dos beneficiários, que produziram 23% de analíticas. A subclasse dos verbos físicos e “outros” produziram, respectivamente 22% e 21% de ocorrências analíticas. As subclasses de verbos que menos produziram ocorrências analíticas foram a dos epistêmicos e a dos de percepção, que realizaram, respectivamente, 19% e 1%.

A observação da posição do argumento afetado/estativo foi um fator relevante para a descrição das classes semânticas, uma vez que trabalhos anteriores indicaram que na

maioria das vezes que um verbo desenvolve as propriedades de estado e afetação, juntamente com a produção de construções perifrásticas, este pode desenvolver a propriedade da ergativização. Observaram-se 77% das ocorrências do *corpus* com o argumento afetado/ estativo na posição de sujeito e 23% das ocorrências na posição de objeto. Salienta-se que a classe dos verbos experienciais apresenta uma forte tendência à escolha do argumento afetado/ estativo na posição de sujeito, destacando-se as subclasses dos verbos epistêmicos e de percepção, em que 100% das ocorrências realizaram-se na posição de sujeito sintático da frase. Em contrapartida, na classe dos verbos beneficiários, o argumento afetado realizou-se preferencialmente na posição de objeto (64% das ocorrências).

A análise dos itens lexicais e dos dados da tabela 4 mostrou que as classes que mais apresentaram estruturas analíticas são aquelas que mais apresentam verbos causativo-ergativos. Desta maneira, dentre a classe dos verbos experienciais, aponta-se a subclasse dos verbos psicológicos como liderando este processo, seguida pela subclasse dos verbos físicos e “outros”. Observou-se, igualmente, que a classe dos verbos beneficiários realizou consideráveis ocorrências de verbos causativo-ergativos.

Ao observar a relação entre as ocorrências analíticas e a diminuição no uso do pronome, notou-se que 58% das ocorrências analíticas do *corpus* apresentaram correspondência com o contexto de uso do pronome. Porém, somente o subgrupo dos verbos psicológicos apresentou mais ocorrências deste tipo que da forma sintética. Assim sendo, a hipótese de que as construções analíticas reduzem o contexto de uso do pronome é válida somente para esse subgrupo verbal. As outras subclasses apresentaram índices de ocorrências analíticas com correspondência com contexto de uso do pronome inferiores a 50%. Salienta-se que a subclasse dos verbos de percepção não apresentou ocorrências relevantes para legitimar a hipótese, o que faz sentido, uma vez que esta subclasse não ilustra a alternância causativo-ergativa.

A segunda parte da análise dos dados ocupou-se do fator uso/ apagamento do pronome *se*. Observou-se um índice de 69% de apagamento, sendo que os pronomes pseudo-reflexivos foram mais apagados que os reflexivos – 71% e 44%, respectivamente. As subclasses dos verbos epistêmicos, físicos e “outros” foram as que registraram índices

mais altos de apagamento – 93%, 83% e 75%, respectivamente. A subclasse dos psicológicos realizou 55% de supressão do pronome. Ainda que considerável, classe dos beneficiários registrou o menor índice de apagamento do pronome, a saber, 47%.

A análise dos itens lexicais mostrou que há itens que favorecem o apagamento do pronome, tais como *aposentar, casar, lembrar, mudar, sentar*, da mesma maneira, há itens que favorecem a manutenção do pronome, como *adaptar, divertir e interessar*. Esta análise sugere que há uma bifurcação no comportamento dos verbos no que diz respeito ao uso do pronome, pois há itens que favorecem o apagamento e outros que favorecem a manutenção. A análise dos itens lexicais mais frequentes do *corpus* também indicou que o apagamento do pronome encontra-se equilibrado entre homens e mulheres, mesmo sendo as últimas apontadas como favorecedoras do processo.

No que diz respeito aos fatores extralinguísticos, observou-se que os jovens realizaram menos apagamentos que os adultos (67% contra 70%). Contrariamente ao que mostram as pesquisas baseadas na Teoria da Variação e Mudança, as mulheres não se mostraram tão conservadoras quanto à variação do uso/ apagamento do pronome, pois apresentaram altos índices de apagamento do mesmo, destacando-se no grupo dos jovens (86,5% de apagamento) e no grupo dos adultos (91,5% de apagamento). Corroborando a análise de Rocha (1999) e Melo (2005), o fator escolaridade revelou-se bastante significativo, visto que informantes que cursaram apenas o ensino médio realizaram 25% (.44) de preenchimento do pronome e informantes com nível superior realizaram 37% de preenchimento (.55).

Ao retomarmos a hipótese inicial da pesquisa, segundo a qual verbos que aceitam a propriedade de ergativização realizam mais estruturas analíticas, concluímos por sua manutenção, pois a análise dos itens lexicais revelou que as classes que mais produziram estruturas analíticas (psicológicos, beneficiários, físicos e “outros”), foram, também, as que apresentaram maior número de estruturas causativo-ergativas. Sobre a segunda parte de análise, também é possível afirmar que a hipótese de que o uso do pronome *se* no dialeto de Belo Horizonte esteja caindo em desuso se sustenta, tendo-se em conta os altos índices de apagamento do pronome reflexivo e pseudo-reflexivo. Entretanto, a hipótese de que as construções analíticas reduzem o contexto de uso do

pronome é legítima somente para o grupo dos verbos psicológicos.

Através de um *corpus* de 1.419 dados de uso, a presente pesquisa buscou ilustrar o comportamento dos verbos experienciais e beneficiários e suas idiossincrasias a partir do estudo apurado dos itens lexicais. Espera-se que este trabalho possa lançar luz sobre futuros trabalhos que, levando em conta a teoria da variação e mudança linguística, propõem a consideração de fatores que se extraem da interface entre a sintaxe e a semântica. O uso de *corpora* mais numerosos, por exemplo, poderia confirmar o comportamento de certos itens lexicais dentro das classes semânticas. O acréscimo de novas classes semânticas também poderá contribuir para a expansão do panorama da descrição do comportamento das classes já estudadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLEY, G. Real and apparent time. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. E SCHILLING-ESTES, N. (eds). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishers. 2002.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 27ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1982.

Belo Horizonte. Fonte: Wikipedia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte. Acessado em 20/ 01/ 2009.

BYBEE, J. L. *Phonology and Language Use*. Cambridge: University Press. 2001.

CALVET, L-J. *Sociolinguística – uma introdução crítica*. São Paulo: Parábula, 2002.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. In: *DELTA*, v. 19, n. 1, pp. 91-122. 2003.

CANÇADO, M. *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. Tese de doutorado. Campinas: IEL/ Unicamp. 1995.

_____. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.5 pp. 89-114. 1996.

_____. O lugar da semântica em uma teoria gramatical. In: *Estudos Linguísticos*. v. 29 pp. 67-28. 2000.

_____. *Manual de Semântica – noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

CARVALHO, G. C. *Um Estudo Descritivo dos Verbos Experienciais, Psicológicos, Físicos, Epistêmicos e de Percepção do Português: análise das correlações sintático-semânticas orientada pela frequência dos tipos de construções morfológicas*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG. 2008.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 44ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory – linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell. 1995.

_____, J. K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

CIRÍACO, L. S. *A Alternância Causativo/ Ergativa no PB: Restrições e Propriedades Semânticas*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2007.

_____ & CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46 (2) UNICAMP, 2006.

_____ & CANÇADO, M. *A alternância causativo-ergativa no PB*. Manuscrito apresentado no V Congresso Internacional da ABRALIN. Belo Horizonte, 2007.

CUNHA, C. D. *Verbos psicológicos: a relação entre a perspectiva do evento, a realização morfológica e os gêneros textuais*. Monografia de conclusão de curso. Belo Horizonte: PUC/ MG. 2008.

D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. In: LEMLE, M. (org). *Revista Tempo Brasileiro: Sociolinguística e o Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 78/79, pp. 97-121. 1984.

DOGLIANI, E. O papel do tipo discursivo na integração entre perspectiva do evento e tipos de construções verbais. In: MACHADO, I. L. *et alli* (orgs). *Análise do Discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, v.1, pp. 65-74. 2006.

_____. Relação sintaxe-semântica: uso e frequência das principais estruturas dos verbos psicológicos. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.15, pp. 17-38. 2007.

_____. *Relatório do projeto de pesquisa* (no prelo). 2008.

_____. *A construção gradual das condições de ergativização entre os verbos experienciais*. Comunicação apresentada no VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa, 2009.

FRANCHI, C. & CANÇADO, M. Reexame da noção de hierarquia temática. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v. 11, n.2. 2003.

GORDON, E. Sex, speech and stereotypes: why women use prestige speech forms more than men. In: *Language in Society*. USA: Cambridge University Press, v. 26, n.1. 1997.

GUY, G. & ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOLANDA, A. B. DE. *Novo Aurélio Século XXI*. Dicionário Eletrônico, versão 3.0. Editora Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. *Lições de Análise Sintática*. 5ª edição. São Paulo: Editora Ática. 2003.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press. 1972.

_____. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: J. Baugh & Sherzer, J. (eds.). *Language in Use: readings in sociolinguistics*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. 1984.

_____. *Principles of Linguistic Change – internal factors*. London, NY: Basil Blackwell. V.1. 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change – social factors*. Oxford: Blackwell. V. 2. 2001.

LIMA, B. F. Z. de. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2006.

LIMA, C. H. da R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992.

LIMA, M. C. Reflexões sobre a medialidade em português. In: Secção de Linguística; Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos (org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ª edição. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 2, pp. 545-556. 2005.

LOPES, C. *Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos* (versão preliminar). Manuscrito inédito. Sem data. Disponível em: <http://www.letas.ufjf.br/laborhistorico/Gramaticaliza%E7%E3o-novo.pdf>. Acessado em 21/01/08.

LUCCA, N. N. G. *A Variação tu/ você na Fala Brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Instituto de Letras/ UnB. 2005.

LUFT, C. *Moderna Gramática Brasileira*. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

LYONS, J. *Linguistique Générale – introduction à la linguistique théorique*. Trad. Françoise Dubois-Charlier e David Robinson. Paris: Larousse. 1970.

MADUREIRA, E. D. *Difusão Lexical e Mudanças Sintático-Semânticas: os verbos psicológicos*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2000.

_____. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: COHEN, M. A. A. M. & RAMOS, J. M. (orgs). *Dialeto Mineiro e Outras Falas – Estudos de Variação e Mudança Linguística*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2002.

MELO, N. S. S. *O Clítico “se” com Valor Reflexivo ou Recíproco: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU. 2005.

MILROY, J. *Linguistic Variation and Change – on the historical sociolinguistics of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.

MOLLICA, M. C. Difusão lexical em sintaxe. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano 1, v.1, pp. 31-41, jul./ dez. 1992.

NUNES, J. Ainda o famigerado SE. In: *DELTA*, v. 11, n. 2, pp. 201-240, 1995.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano 1, v.1, pp. 31-41, jul./ dez. 1992.

_____. O léxico como controlador de mudanças sonoras. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano 4, v.1, pp. 75-92, jan./ jun. 1995.

_____. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ILARI, R. *et alli* (orgs). *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras. 2004.

PAIVA, M. da C. & DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003.

PEREIRA, Maria. do R. A. *Passivas e restrições semânticas: verbos beneficiários*. Relatório de Pesquisa apresentado em cumprimento ao Programa de Iniciação Científica. FALE/ UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/marciacancado/RelatorioRosario.pdf>. Acessado em: 21/01/08.

PERINI, M. A. Ergativas e médias em português. In: *Scripta*. Belo Horizonte: PUC/MG, v. 8, n. 16, pp. 13-34. 1º semestre de 2005.

_____, M. A. *Estudos de Gramática Descritiva – as valências verbais*. São Paulo: Editora Parábola. 2008.

ROCHA, A. F. *Clíticos Reflexivos: uma variante sociolinguística na cidade de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 1999.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática. 2003.

VEADO, R. M. A. *Comportamento Linguístico do Dialeto Rural de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 1980.

VITRAL, L. & RAMOS, J. M. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2006.

WENCESLAU, F. L. *Verbos Beneficiários: um estudo na interface entre semântica e sintaxe*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG. 2003.

WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. *As Construções Ergativas: um estudo semântico e sintático*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/ Unicamp. 1989.

WEINREICH, U. LABOV, W. & HERZOG, M. J. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. Austin: University of Texas Press. 1968.